



Lucas Rezende Almeida

**Flutuações semânticas em estruturas verbais
perifrásticas modais e aspectuais relevantes
para o português como segunda língua.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito
parcial para a obtenção de título de Mestre em Letras /
Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Rosa Marina de Brito Meyer

Rio de Janeiro
Julho de 2016



Lucas Rezende Almeida

**Flutuações semânticas em estruturas verbais
perifrásticas modais e aspectuais relevantes
para o português como segunda língua**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Rosa Marina de Brito Meyer
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Denise Barros Weiss
UFJF

Profa. Monah Winograd
Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 25 de julho de 2016

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Lucas Rezende Almeida

Graduou-se em Letras e suas respectivas Literaturas na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) em 2014. Participou de eventos relacionados ao ensino de português como língua estrangeira, tais como PLE-RJ e BRASA. Atuou como professor de português como língua estrangeira em State University of New York, USA (2015-2016).

Ficha Catalográfica

Almeida, Lucas Rezende

Flutuações semânticas em estruturas verbais perifrásticas modais e aspectuais relevantes para o português como segunda língua / Lucas Rezende Almeida ; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer. – 2016.

130 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2016.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Português para estrangeiros. 3. PL2E. 4. Funcionalismo. 5. Modalidade. 6. Perífrase verbal. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para a minha mãe, pelo seu amor incondicional por mim e por sempre me apoiar em meu interesse pelos estudos.

Agradecimentos

À orientadora Professora Doutora Rosa Marina de Brito Meyer, por ser esse modelo profissional para mim e tantos outros pesquisadores novos na área de Português para Estrangeiros.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus amigos companheiros deste mestrado Juliana Neto, Verônica Cristina e William Cruzeiro por todo o apoio, paciência e compreensão.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Letras pelos ensinamentos e pela ajuda ao longo destes dois anos.

A todos os outros amigos e familiares que de uma forma ou de outra me estimularam e me ajudaram nesta trajetória.

Resumo

Rezende Almeida, Lucas; Meyer, Rosa Marina de Brito. **Flutuações semânticas em estruturas perifrásticas modais e aspectuais relevantes para o português como segunda língua**. Rio de Janeiro, 2016. 130p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho descreve estruturas verbais perifrásticas modais e aspectuais da língua portuguesa, procurando entender as flutuações semânticas que ocorrem entre os verbos em contextos individuais e em contextos com a estrutura sintática supracitada. Baseado na linguística funcionalista de Dik (1978) e a sua adaptação para a língua portuguesa de Peres (1984), objetiva-se demonstrar de que forma esses verbos alteram seus significados quando conectados por uma preposição e de que forma essa alteração influencia em uma nova interpretação para a sentença. Os resultados apontam para modificações semânticas e aspectuais nos verbos considerados auxiliares e principais nas perífrases, a depender do argumento que acompanha essa estrutura perifrástica.

Palavras-chave

Português para Estrangeiros; PL2E; funcionalismo; aspecto; modalidade; perífrase verbal.

Abstract

Rezende Almeida, Lucas; Meyer, Rosa Marina de Brito. Semantic fluctuations in aspectual and modal periphrasis constructions intended for use in Portuguese as a second language. Rio de Janeiro, 2016. 130p. Masters thesis - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work describes the modal and aspectual periphrastic construction in the Portuguese language and also aims to understand the semantic fluctuations that occur in the verbs in individual contexts and in the syntactic structure described above. According to the functionalist linguistics of Dik (1978) and its adaptation to the Portuguese Language made by Peres (1984), these pieces of work objectively show how the verbs change their meaning when they are connected by a preposition and how these changes influence a new interpretation of a given sentence. The result points out the semantic and aspectual modifications of the auxiliary and principal verbs in the periphrasis based on the arguments that are part of the periphrastic structures.

Keywords

Portuguese for Foreigners; Portuguese as a second language; functionalism; aspect; modality; periphrastic construction.

Sumário

1. Introdução	13
2. Pressupostos teóricos	18
2.1 A Linguística Funcionalista	18
2.1.1 A gramática funcionalista e a proposta de Dik	20
2.2 A proposta descritiva de Peres	23
2.2.1 Classe dos Estados-de-coisa	27
2.2.2 Classe dos argumentos	30
3. O conceito de perífrase verbal	34
3.1 A auxiliaridade no português brasileiro	34
3.2 A forma nominal infinitiva	44
3.3 A aspectualidade no português brasileiro	45
3.3.1 A perífrase verbal passar + a + forma nominal infinitiva	48
3.3.2 A perífrase verbal deixar + de + forma nominal infinitiva	50
3.4 Os auxiliares modais	53
3.4.1 A perífrase verbal dar + para + forma nominal infinitiva	57
3.4.2 A perífrase verbal ser + para + forma nominal infinitiva	58
4. Metodologia	62
4.1 Linguística de Corpus	62
4.2 Linguística de Corpus e o ensino de Português para Estrangeiros	64
4.3 Seleção das perífrases verbais	65
4.4 Seleção do Corpus	69

4.5 Codificação de Dados	70
5. Análise dos Dados	71
5.1 Perífrases modalizadoras	71
5.1.1 Perífrase dar + para + forma nominal infinitiva	71
5.1.1.1 Dar + para + infinitivo acional	72
5.1.1.2 Dar + para + infinitivo processual	75
5.1.1.3 Dar + para + infinitivo posicional	78
5.1.1.4 Dar + para + infinitivo estativo	80
5.1.1.5 Conclusões parciais sobre a perífrase dar + para + infinitivo	81
5.1.2 Perífrase ser + para + forma nominal infinitiva	82
5.1.2.1 Ser + para + infinitivo acional	82
5.1.2.2 Ser + para + infinitivo processual	85
5.1.2.3 Ser + para + infinitivo posicional	87
5.1.2.4 Ser + para + infinitivo estativo	88
5.1.2.5 Conclusões parciais sobre a perífrase ser + para + infinitivo	90
5.2 Perífrases aspectualizadoras	91
5.2.1 Perífrase passar + a + forma nominal infinitiva	91
5.2.1.1 Passar + a + infinitivo acional	91
5.2.1.2 Passar + a + infinitivo processual	93
5.2.1.3 Passar + a + infinitivo posicional	94
5.2.1.4 Passar + a + infinitivo estativo	96
5.2.1.5 Conclusões parciais sobre a perífrase passar + a + infinitivo	98
5.2.2 Perífrase deixar + de + forma nominal infinitiva	99
5.2.2.1 Deixar + de + infinitivo acional	99
5.2.2.2 Deixar + de + infinitivo processual	102
5.2.2.3 Deixar + de + infinitivo posicional	104
5.2.2.4 Deixar + de + infinitivo estativo	105

5.2.2.5 Conclusões parciais sobre a perífrase deixar + de + infinitivo	107
5.3 Considerações para a adequação da proposta descritiva ao ensino de Português como Segunda Língua	109
6. Conclusão	113
7. Referências Bibliográficas	120
Anexo	123

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Conceitos Fundamentais da Gramática Funcional de Peres.	26
Tabela 2 - Codificação dos Dados	70
Tabela 3 - Resultados parciais da perífrase dar + para + infinitivo.	81
Tabela 4 - Resultados parciais da perífrase ser + para + infinitivo	90
Tabela 5 - Resultados parciais da perífrase passar + a + infinitivo	98
Tabela 6 - Resultados parciais da perífrase deixar + de + infinitivo	107

Lista de Abreviações

(CO): corpus obtidos

(CA): corpus alterados

(CC): corpus criados

(PV): perífrase verbal

(LV): locução verbal

1

Introdução

Esta pesquisa explica as flutuações semânticas de verbos em construções sintáticas consideradas como perífrases verbais à luz da linguística funcionalista. Flutuações semânticas são as mudanças semânticas pelas quais os verbos passam diante de uma estrutura sintática nova. Neste trabalho, analisamos as alterações as quais os verbos sofrem quando encontrados em contextos sintáticos de perífrases verbais do tipo verbo + pronome + forma nominal infinitiva no que tange não somente a sua aspectualidade e temporalidade, mas também a sua semântica.

O estudo das perífrases verbais tem por finalidade atender aos professores que dão aula de português para alunos estrangeiros avançados. A dificuldade recorrente no ensino desta estrutura, que ocorre devido à falta de material e estudo acadêmico que auxilie o aluno a observar as nuances semânticas pelas quais os verbos passam quando procedidos de uma preposição e uma forma nominal ou de um outro verbo ou até de uma forma deverbal, demonstra a relevância deste estudo para a área do português como segunda língua para estrangeiros (PL2E)¹. Em inglês, como exemplo, temos um vasto estudo de estruturas consideradas como *phrasal verbs*, em que se descrevem as diferenças semânticas de verbos combinados com suas possíveis preposições de uso. Relacionando-se ao trabalho que existe no ensino de inglês como segunda língua, esta pesquisa apresenta um estudo das diferenças semânticas entre certas locuções verbais, suas paráfrases e outras estruturas consideradas semanticamente parecidas com elas.

A partir deste objetivo, focamos nossa análise em uma descrição prioritariamente semântica das estruturas, relacionando-as com classes morfossintáticas aspectuais e temporais dos respectivos verbos. O PL2E perpassa toda a análise dos dados deste trabalho, apresentando um tópico especial no final do capítulo 4 em que minuciamos de que forma a descrição aqui poderia ser aplicada em sequências didáticas para este público estrangeiro.

¹ PL2E: Sigla usada para se referir à área de Português para Estrangeiros no Departamento de Letras da PUC-Rio.

Consideramos perífrase verbal segundo a conceituação de Pontes (1973) e Almeida (1980): ambos os autores concordam que a perífrase é um fenômeno sintático em que ocorre uma ligação semântica entre o verbo auxiliar com o verbo principal, alterando-se portanto o significado inicial de ambos os verbos.

A linguística funcional é a base teórica da nossa pesquisa. Usamos os pressupostos teóricos estabelecidos por Neves (1994, 2005) aliados à proposta gramatical portuguesa de Peres (1984) baseada em Dik (1978) e a aplicação ao português do Brasil de Meyer (1991) como ferramentas analíticas capazes de interpretar e explicar as alterações semânticas desses verbos.

A motivação para esta pesquisa baseou-se tanto na formação acadêmica quanto na trajetória profissional do pesquisador. Diante da necessidade de pesquisas descritivas que analisassem a língua portuguesa pensando no seu uso didático para alunos estrangeiros de nível avançado, procuramos desenvolver uma pesquisa que enfocasse estruturas verbais ainda não muito discutidas no universo acadêmico da língua portuguesa como um todo e, mais particularmente, do PL2E.

A ideia inicial era trabalhar apenas com estruturas em que tínhamos o uso do verbo suporte **dar**. A investigação aprofundada dessa estrutura nos levou ao fenômeno das perífrases verbais que, por sua vez, se apresentou muito frutífera na descrição da língua portuguesa quanto à temporalidade e aspectualidade dos verbos. Adotamos, portanto, este mesmo objeto de estudo, contudo, alterando o ângulo de análise para o ensino de português como segunda língua.

Porém, quais características das alterações temporais e aspectuais seriam importantes para que um aluno estrangeiro compreendesse o significado de uma perífrase verbal como **passar + a + infinitivo**? Entendemos que seriam aquelas que fossem diretamente relacionadas ao seu significado. Dessa forma, por exemplo, focamos na alteração semântica pela qual o verbo **passar + o verbo na estrutura infinitiva** passam nesta perífrase verbal, isto é, procuramos entender qual significado esses verbos possuem individualmente e de que forma esses significados são alterados em estruturas perifrásticas.

Assim sendo, definimos a fórmula sintática a qual analisariamos: **primeiro verbo + preposição + verbo na forma nominal infinitiva**. A seguir, após

selecionarmos os verbos mais encontrados dentro do corpus de estudo, testamos as suas perífrases mais recorrentes e selecionamos as quatro estruturas seguintes: **passar + a + verbo na forma nominal infinitiva, deixar + de + verbo na forma nominal infinitiva, dar + para + verbo na forma nominal no infinitivo, ser + para + verbo na forma nominal no infinitivo**. O motivo para selecionarmos estas formas está apresentado na metodologia no capítulo 04.

Um motivo que impulsionou esta pesquisa foi a relevância temática para o ensino de português para estrangeiros. As pesquisas destinadas ao ensino da língua portuguesa como segunda língua preocupam-se normalmente com paradigmas descritivos para o aluno de nível básico e intermediário. Há um campo de pesquisas analítico-descritivas para fenômenos como o par **estar/ser** (ANDRADE RODRIGUES, 2014) e diferenças entre tempos verbais como o pretérito perfeito composto e o presente contínuo (SILVA, 2011), mas pouco se encontrou sobre estruturas perifrásticas destinadas a alunos de nível mais avançado; soma-se a isso a precariedade do tratamento deste fenômeno lingüístico em livros didáticos de português como segunda língua. A conjunção destes fatores ligados a uma pesquisa considerável já existente sobre este mesmo objeto de estudo no ensino da língua portuguesa sem o foco no PL2E inspirou a produção deste trabalho.

O objetivo principal deste trabalho é portanto descrever os fenômenos semânticos pelos quais os verbos passam quando colocados em um contexto de perífrase verbal. Os objetivos específicos são: (i) elucidar semanticamente os verbos escolhidos para este estudo quando em contextos individuais e quando em contextos perifrásticos; (ii) explicar quais as alterações temporais e aspectuais que influenciam diretamente a mudança semântica desses verbos; (iii) diferenciar estruturas perifrásticas parecidas semanticamente com aquelas as quais elegemos estudar; e (iv) demonstrar a influência semântica dos argumentos das perífrases por meio do estado-de-coisa dos verbos (v) oferecer subsídio teórico-analítico para o campo do PL2E.

Não é objetivo deste trabalho oferecer uma proposta de aplicação didática concreta por meio de sequências didáticas: esta tarefa cabe aos professores e

autores dos livros didáticos. A interseção entre o português como segunda língua e este trabalho ocorre por meio de uma orientação teórico-metodológica que procura explicar o fenômeno linguístico da perífrase verbal focado sobretudo sobre o seu valor semântico e as possíveis interpretações para as flutuações dessas construções a depender do contexto da sentença. Com enfoque no estudante estrangeiro avançado, este trabalho esclarece diferenças de ordem aspectual e modal nas estruturas verbais a fim de preparar teoricamente o professor para poder explicá-las aos seus alunos. O interesse em produzir um trabalho destinado ao estudante estrangeiro nos fez optar por uma teoria funcionalista da linguagem, que se detém sobre o uso das formas linguísticas situadas em seus ambientes de ocorrência, como também sobre a escolha pela obtenção de dados retirados de corpus virtuais, trabalhando, portanto, com dados reais, sem o juízo de valor dos falantes.

A hipótese geral desta pesquisa é que os verbos se alteram semanticamente quando colocados em cenários sintáticos diferentes como, no caso desse trabalho, as construções perifrásticas verbais. Nesse tipo específico de construção, acredita-se que ambos os verbos se alteram não só morfossintática mas também semanticamente, promovendo um novo sentido para a sentença. Além disso, defende-se a singularidade semântica de uma perífrase verbal diante de outras consideradas semelhantes. A modificação de um verbo na posição considerada auxiliar alterará a significação do verbo na posição considerada principal.

O segundo capítulo deste trabalho é destinado à representação das bases teóricas deste estudo. Para isso, apresentamos a linguística e a gramática funcionalista segundo a proposta de Dik (1978), assim como a sua adaptação para a língua portuguesa por meio de Peres (1984).

O terceiro capítulo é destinado à revisão da literatura referente à perífrase verbal. Procuramos explicar o fenômeno da auxiliaridade para o português brasileiro por meio de autores como Pontes (1973) e Rodero-Takahira (2012), além de definir a forma nominal infinitiva. Segundo a literatura, segmentamos os objetos de estudo em dois grupos: as perífrases aspectuais e as perífrases modais. Baseado em Almeida (1980), descrevemos as perífrases aspectuais e selecionamos

as estruturas **passar + a + forma nominal infinitiva** e **deixar + de + forma nominal infinitiva** como amostra deste fenômeno, revisando a proposta de pesquisadores como Bertucci (2011). Também baseados em Almeida (1980) e Meyer (1980), descrevemos as perífrases modais e selecionamos as estruturas **dar + para + forma nominal infinitiva** e **ser + para + forma nominal infinitiva** como amostra deste fenômeno, revisando a proposta de pesquisadores como Mitrano-Neto (1997).

O quarto capítulo é destinado à descrição da metodologia. Neste capítulo, justificamos o motivo da seleção das quatro estruturas perifrásticas apresentadas no segundo capítulo, como também, o motivo da seleção do corpus chamado Corpus Brasileiro e da incorporação da plataforma Google para representar aqueles dados que não foram encontrados dentro deste corpus, além de apresentamos a codificação dos dados diante da pluralidade de corpus utilizados.

O quinto capítulo é destinado à análise dos dados. Por meio das ferramentas analíticas propostas pela gramática de Peres (1984), analisamos individualmente cada uma das perífrases verbais selecionadas para este trabalho conforme o estado-de-coisa e o argumento do verbo na segunda posição ou posição principal na perífrase. Assim, para cada perífrase verbal foram apresentadas quatro diferentes análises a partir da classificação do predador como acional, posicional, processual e estativo; e em cada uma dessas análises foram apresentados dados que possuísem argumentos básicos, experienciais, possessivos e locativos.

No sexto e último capítulo apresentamos as conclusões finais a partir dos dados observados, revisamos quais os objetivos que foram atingidos e quais as hipóteses que foram ou não confirmadas, como também, apresentamos um panorama das conclusões levantadas neste trabalho, indicando possibilidades de futuros estudos a partir dos resultados obtidos nesta pesquisa.

2

Pressupostos teóricos

Neste capítulo, apresentamos quais as principais teorias adotadas nesta pesquisa, como também, quais foram os métodos aplicados para o seu desenvolvimento. Iniciamos apresentando o pensamento funcionalista, diferenciando-o do estruturalismo. A seguir, demonstramos de que forma a gramática de Dik contribuiu para a proposta de Peres, a qual aplicamos diretamente neste trabalho. Ao caracterizarmos a proposta de Peres, explicamos a base para a análise dos nossos dados. Acrescentamos um tópico para discutirmos as contribuições da Linguística de Corpus para esta pesquisa e descrevemos de que forma foram coletados, observados e analisados os nossos dados.

2.1

A Linguística Funcionalista

O estudo funcionalista da linguagem, diferente do que ocorre com o estruturalista e o gerativista, não possui um rótulo teórico único. Dessa forma, boa parte das teorias advindas deste pensamento se associam diretamente aos seus autores. Entretanto, algumas características podem ser pontuadas como comuns entre os textos dos diferentes autores. Uma delas relaciona-se às funções linguísticas associadas à competência comunicativa humana, conforme pontuado por Neves (1994).

A gramática funcional considera, afinal, a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. (NEVES, 1994: 113)

Segundo Neves (2005), a linguística funcionalista possui como princípio a língua em função, ou seja, as estruturas linguísticas organizam os meios linguísticos que expressam as funções que servem à própria linguagem. A linguagem não é um fenômeno isolado, mas sim, um instrumento que serve a diversos propósitos; dessa forma, a língua não pode ser entendida como um

sistema autônomo. A ideia da arbitrariedade linguística saussuriana é substituída pela ideia da motivação provocada por fatores externos.

Segundo Neves (1994), duas são as principais propostas a respeito das funções linguísticas disponíveis aos estudantes brasileiros. A proposta de Karl Buhler, reescrita por meio de Mattoso Câmara (1970, apud NEVES, 1994), e a proposta de Roman Jakobson (1969, apud NEVES, 1994). Na primeira proposta, a linguagem possui três diferentes funções; essas são: a representação, a exteriorização psíquica e o apelo. A função representativa é aquela responsável por caracterizar a linguagem humana. Na linguagem humana, a competência comunicativa é estudada por meio dos eventos de fala que são considerados dramas compostos de três elementos: a pessoa, o ouvinte e o tema. A segunda proposta acrescenta outras três funções da linguagem, relacionando cada um dos elementos do ato da comunicação verbal a uma função específica. A função referencial está ligada ao contexto, enquanto a emotiva, ao remetente; a conativa, ao destinatário; a fática, ao contato; a metalinguística, ao código; e a poética, à mensagem.

A linguística funcional estabelece conexões com outras correntes científicas como o cognitivismo e o socioculturalismo. Por meio do diálogo com o cognitivismo, acredita-se que a gramática é fundamental no embasamento cognitivo dos elementos linguísticos; a linguagem, assim, é organizada por fatores externos que são os conhecimentos que uma comunidade possui a respeito da organização de seus eventos e de seus participantes. Por meio do diálogo com o sociointeracionismo, a autora aponta que acredita-se que a gramática é suscetível às pressões de uso (NEVES, 2005: 25) podendo alterar-se de acordo com a força do componente conceitual que coordena, assim, os componentes gramaticais.

Por sua vez, ainda conforme a autora, a linguística funcionalista possui como principais temas a relação entre discurso e gramática, a liberdade organizacional a qual o falante utiliza no seu cotidiano submetido às suas restrições construcionais e à forma como a informação é distribuída em um enunciado por meio do fluxo informativo e da atenção ao discurso. Por meio desses temas recorrentes, são estabelecidas certas propriedades da organização gramatical, as quais seriam: (i) o "caráter não-discreto das categorias; (ii) a fluidez

semântica, com valorização do papel do contexto; (iii) a gradualidade das mudanças e coexistência de etapas; e (iv) regularização, idiomatização e convencionalização contínuas." (NEVES, 2005: 24, 25).

Este trabalho focaliza sobretudo as propriedades de fluidez semântica as quais os verbos adquirem quando encontrados em cenários de perífrases verbais; indiretamente estaremos demonstrando a gradualidade e os processos dessa mudança por meio da regularização, idiomatização e convenção pelas quais as formas selecionadas para estudo passaram. Entretanto, ao invés de nos aprofundarmos na taxonomia da alteração semântica das formas verbais, optamos por demonstrar semanticamente como este processo ocorre. Através desse foco, procuramos atender aos principais temas da linguística funcional, demonstrando a relação entre o discurso e a gramática por meio das escolhas organizacionais e dos fluxos informacionais selecionados pelo falante na produção do seu discurso.

2.1.1

A gramática funcionalista e a proposta de Dik

Neves (2005), em seu texto sobre os princípios, temas, objetos e conexões da linguística funcional, pontua que uma proposta funcionalista de análise linguística deve-se:

... pautar em exercícios metalinguísticos por uma visão que não subverta a própria natureza e direção da produção linguística, o que significa montar, para respaldo da análise, um círculo virtuoso (apesar de "vicioso", ou por isso mesmo) que permita ter como parâmetros que: a contínua redefinição da relação entre formas e funções - e seu aproveitamento no uso - leva à readaptação contínua do sistema linguístico; tal flexibilidade do sistema leva à multiplicidade dos arranjos; o múltiplo aproveitamento desse aparente desarranjo (virtuoso) leva à renovação; a renovação - garantida nesse caráter sempre emergente da gramática - leva à garantia de uma gramática sempre equilibrada, bastante e suficiente, sem as falhas, os vícios ou cacoetes que os desavisados ou alheados gostam de impingir-lhe, desfigurando-a e banalizando-a. (NEVES, 2005: 36, 37)

Por meio dessa citação, procuramos abaixo demonstrar de que forma uma gramática funcionalista se diferencia de uma proposta estruturalista. Para isso, precisamos diferenciar a metodologia de análise onomasiológica da metodologia semasiológica, conforme pontuado por Lehmann (2005). Segundo o autor, existem dois diferentes estudos metodológicos sobre a linguagem introduzidos na Lexicologia no século 19, que são capazes de auxiliar na compreensão entre a

diferença entre uma gramática funcionalista e uma gramática formalista: a onomasiologia e a semasiologia. Na metodologia semasiológica, parte-se da expressão e da sua estrutura para analisar os significados e as funções. Este tipo de estudo está diretamente relacionado ao ouvinte, pois prioriza as relações e os processos estabelecidos pelos sistemas de unidade na língua por meio de uma sistemática estrutural. A gramática baseada na proposta semasiológica é como um dicionário de inglês-português utilizado pelos falantes da língua portuguesa: o ouvinte possui o lexema inicialmente e o que ele está procurando são os significados e as funções deste léxico.

Na metodologia onomasiológica, parte-se de um conceito ou uma função para analisar os recursos estruturais de uma língua. Este tipo de estudo é diretamente relacionado ao falante, pois prioriza o entendimento de sistemas de conceitos, relações e operações cognitivas e comunicativas da linguagem por meio de uma sistemática semântica. A gramática baseada na proposta onomasiológica é como um dicionário de português-inglês utilizado pelos falantes da língua portuguesa: não importa o verbete na língua de origem, mas sim, o que ele simboliza como conceito e ideia que se quer alcançar e compreender na língua alvo. Dessa forma, a gramática onomasiológica baseia-se em um léxico onomasiológico que traz todos os lexemas semanticamente relacionados com o seu conceito básico. Assim sendo, nesta gramática, são as construções semânticas que mantêm entre si relações paradigmáticas.

Conforme pontua Lehmann (2005), as primeiras gramáticas semasiológicas são as gregas e latinas: o objetivo destas gramáticas era auxiliar os ouvintes a lerem e entenderem a língua formal. Na Idade Média, o latim se configura como a língua universal e iniciam-se as gramáticas onomasiológicas que tinham como objetivo ensinar os falantes a adquirirem e a compreenderem o léxico a partir dos conceitos e funções que eles já possuíam.

Ainda segundo Lehmann (2005), essa herança partidária metodológica de gramáticas prosseguiu até os estudos estruturalistas americanos de Bloomfield e de Chomsky, que focaram sua descrição sobretudo nas relações e nos processos estabelecidos pelos sistemas da língua, tornando o seu estudo assemântico. Nos anos 70, entretanto, um grupo de estudos voltado para línguas minoritárias começou a desenvolver uma análise mais onomasiológica. Atualmente, ambas as

metodologias são utilizadas nas gramáticas e, segundo a proposta do autor, é somente por este processo bipartidário que é possível se descreverem os fenômenos linguísticos.

Devido a isso, neste trabalho, adotaremos o pensamento do autor Dik (1978), que inspirou a proposta gramatical portuguesa desenvolvida por Peres (2005). Escolhemos este autor porque, segundo Neves (1994), ele configura-se como um autor funcionalista moderado, ou seja, não rejeita a estrutura linguística, mas enfatiza a importância da semântica e da pragmática para o estudo funcional da linguagem, o que vem ao encontro da proposta bipartidária de Lehman (2005). Assim, diferenciam-se o paradigma funcionalista e o estruturalista de acordo com os autores citados.

... no paradigma forma, uma linguagem natural é vista como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, enquanto no paradigma funcional, considera-se que as expressões linguísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis a, e codeterminadas por determinantes pragmáticos da interação verbal humana (DIK, 1987 apud NEVES 1994, 114)

Segundo a citação acima, podemos afirmar que, enquanto o estruturalismo está preocupado com a sistematização da estrutura, o funcionalismo baseia-se na instrumentalização do seu uso. Na perspectiva formalista, a sintaxe, a semântica e a pragmática são campos autônomos da ciência da linguagem; na perspectiva funcionalista, a pragmática configura-se como o quadro no qual devem ser estudadas a semântica e a sintaxe. Enquanto a proposta estruturalista desenvolve o estudo descritivo da língua independentemente do contexto e da situação, a proposta funcionalista desenvolve seu estudo justamente por meio do quadro do seu uso.

A proposta de Dik (1978) considera a linguagem como um componente da competência comunicativa do homem que o habilita a estabelecer suas relações comunicativas. A própria função referencial configura-se como uma ação pragmática e cooperativa da linguagem capaz de levar o destinatário a deduzir uma mensagem que seja coerente. Segundo o autor (1978), uma gramática funcionalista deve manter a mesma estrutura construída em todas as derivações posteriores do elemento analisado, evitando, por sua vez, filtros que possam

funcionar como estratégias descritivas que concedam excessiva liberdade às regras gramaticais, não admitindo, assim, expressões abstratas que não possam vir a aparecer nas expressões da língua-objeto.

Baseado nesses princípios, Dik (1989: 54) desenvolve todos os itens lexicais a partir da predicação. Nessa perspectiva, os predicados básicos de uma língua são capazes de comportar todos os seus léxicos, funcionando como designadores das propriedades formais e funcionais deles. Logo, qualquer estrutura nessa proposta requer inicialmente um predicado. O predicado - responsável por designar as propriedades e suas relações - se aplica a um certo número de termos - chamados entidades - , resultando na predicação que se chama estado-de-coisa. Os estados-de-coisas são estruturas abstratas que podem vir a ocorrer e que, por meio da predicação, adquirem propriedades concretas que o sujeitam a uma determinada operação linguística; assim os estados-de-coisa podem adquirir por meio da predicação uma localização no espaço ou no tempo, por exemplo.

A seguir, discutimos como as contribuições da proposta de Dik (1989) contribuíram diretamente para a proposta portuguesa de Peres.

2.2

A proposta descritiva de Peres

Abaixo, discutimos os impactos da teoria descritiva de Peres para este trabalho, como também, apresentamos as relações de interseção da sua proposta com a análise descritiva aqui apresentada. Vale destacar que a proposta dos complementos nominais desenvolvida por Meyer (1991) em sua tese de doutorado dialoga com a proposta de Peres (1984), que aplica a teoria de Dik à língua portuguesa, estabelecendo os seus estados-de-coisas e argumentos. Entretanto, como Meyer (1991) trabalha com a categoria nome e Peres (1984), com a categoria verbo, a qual utilizamos neste trabalho, optamos por nos basearmos nesta última proposta.

Conforme proposto por Peres, a gramática de uma língua é um conjunto de informações necessárias para o seu uso. Língua, por sua vez, é a combinação do

sistema de comunicação com o sistema semiológico. Discutimos, a seguir, separadamente esses dois sistemas que compõem a linguagem humana.

O campo científico da linguagem que se dedicou a estudar os elementos linguísticos e extra-linguísticos do sistema de comunicação foi a pragmática. Os estudos pragmáticos podem ser divididos em três diferentes correntes: A primeira, baseada na informação verbal, compreende a língua como forma de ação do falante sobre o meio, ou seja, a língua é considerada um elemento interativo capaz de se ajustar e se adaptar aos objetivos do falante. Essa múltipla possibilidade de interação, entendida como modalidade, inspirou, por exemplo, a teoria dos Atos de Fala de Austin (1962).

Uma segunda corrente entende a língua como um enunciado sujeito ao contexto discursivo ao qual ela está interrelacionada. Assim sendo, o texto é a constituição de uma estrutura informacional em que "os enunciados e os seus constituintes desempenham funções informacionais distintas" (PERES, 1984: 13).

A terceira corrente, por sua vez, avança na proposta anterior, compreendendo o significado como dependente do seu contexto situacional. Na proposta deste trabalho, como também na de Peres, o significado é compreendido à luz desta terceira corrente, em que o contexto situacional determina o significado, ou seja, só se pode compreender o sentido de um termo linguístico a partir do contexto em que ele foi utilizado.

O sistema semiológico, segundo elemento responsável pela caracterização da linguagem, baseia-se na oposição clássica linguística entre os planos do significado e do significante saussuriano. Para Saussure, o signo linguístico era composto pela junção do significado, considerado como o conceito de um termo, e o significante, considerado como a imagem acústica desse termo. Essa combinação organizada em um sistema de valores representaria a estrutura da linguagem. Esse binômio reflete uma visão estruturalista da linguagem, que compreende a língua como um elemento semiológico dentro de tantos outros sistemas representacionais.

Para Peres, portanto, ambos esses sistemas tratam de realidades linguísticas distintas. Em sua proposta, a comunicação se realiza através de diversas representações no mundo, não unicamente pelo signo linguístico (PERES, 1984: 11,12).

A partir desta revisão da literatura baseada no desenvolvimento científico-analítico da informação verbal, Peres propõe três níveis de função para cada enunciado, sendo esses níveis: o da função ilocutória, o da função semântica e o da função textual. A função ilocutória se refere aos pressupostos teóricos desenvolvidos por Austin (1962), segundo a sua afirmação de que dizer é fazer. Dessa forma, a função ilocutória compreende tanto o valor ilocutório (o enunciado), o valor locutório (a comunicação) e o perlocutório (os efeitos produzidos pelo enunciado) de uma sentença. A função semântica rompe com a tradição da análise componencial - teoria que se baseia na decomposição de traços semânticos das palavras - e com a modelista - teoria que produz condições de verdade para uma determinada sentença. Segundo a proposta de Peres, a versão da Gramática Funcional compara-se com a Gramática de Caso, sendo um modelo centrado no léxico. Segundo essa teoria, é no próprio léxico que se encontram as fórmulas combinatórias linguístico-semânticas. A função textual, por sua vez, refere-se à combinação dos elementos em estruturas formais capazes de efetivar o sentido das sentenças, como será demonstrado a seguir quando falamos nos moldes proposicionais.

Cada função, por sua vez, é segmentada em quatro tipos de componentes: (a) os componentes ilocutórios, responsáveis pela determinação do tipo de ato de fala; (b) os componentes semânticos, responsáveis pela formação do significado; (c) os componentes textuais, responsáveis pela formação das estruturas textuais; (d) os componentes formais, responsáveis pela própria forma linguística. Através das palavras do autor abaixo, conseguimos compreender a interligação entre as funções e os seus componentes na constituição de uma gramática funcional.

A GF - e, com ela, a variante que neste livro se expõe - visa alcançar um nível de adequação psicológica. Tal objectivo só poderá ser plenamente alcançado numa confluência pluridisciplinar que, como já disse, não atingiu ainda uma dimensão significativa. De qualquer forma, ele é desde logo fermentado na GF, particularmente na presente variante, mediante a adopção de uma concepção funcional ou comportamental da linguagem. Na verdade, os objectos verbais de que estas gramáticas se ocupam são formas de comportamento, predominantemente de interacção social, ou, por outras palavras, são actos linguísticos e não frases dissociadas das suas condições de enunciação. (PERES, 1984: 20)

Neste trecho, Peres distingue os dois níveis de adequação gramatical: o conhecimento de um falante sobre uma língua e a sua explicitação descritiva. No

primeiro nível, a gramática é um objeto psicolinguístico; no segundo, ela é um modelo, um objeto teórico. A proposta de Peres centra-se no primeiro nível de adequação gramatical, que se inspira na lógica dos predicados internalizada pelos falantes para determinar a semântica dos termos linguísticos.

A seguir, apresentamos um quadro que descreve o conceito de alguns termos teóricos propostos pela gramática desenvolvida por esse autor.

CONCEITO	DEFINIÇÃO
TERMOS	CONCEITO: “as unidades do léxico que designam entidades de um qualquer mundo” CLASSIFICAÇÃO: Os termos se dividem em básicos e derivados, em que os segundos são formados a partir dos primeiros. (PERES, 1984: 35)
PREDICADOS	"As unidades do léxico que exprimem ou propriedades de entidades designadas por termos ou relações ocorrentes entre entidades" CLASSIFICAÇÃO: Os predicados se dividem em predicados verbais, adjetivais e predicados nominais a depender do elemento encontrado em seu núcleo. Os predicados ainda podem se dividir em predicados básicos e predicados derivados. Os primeiros contêm apenas uma unidade lexical, enquanto os segundos formam estruturas analíticas, objeto desta pesquisa. (PERES, 1984: 35)
PROPOSIÇÃO	“Um predicado com todos os seus argumentos nucleares preenchidos” (PERES, 1984: 46)
ARGUMENTOS	CLASSIFICAÇÃO: "Os argumentos podem ser segmentados em argumentos nucleares e argumentos complementares. Os primeiros possuem informações necessárias para o estado-de-coisa, enquanto os segundos acrescentam informações complementares." (PERES, 1984: 40, 41)

Título: "Conceitos Fundamentais da Gramática Funcional de Peres" - Quadro n1

A partir deste quadro, podemos depreender o significado das estruturas às quais Peres chama de moldes proposicionais. Esses moldes equivalem às fórmulas que especificam o número e as classes dos termos que vão ocorrer obrigatoriamente com o predicado. Os moldes proposicionais incluem os

argumentos dos predicados e são construídos segundo as propriedades semânticas que selecionam e restringem esse mesmo molde, estabelecendo, assim, as classes de predicados e os seus respectivos argumentos.

Apresentamos no anexo 01 a tabela de predicadores de Peres (1984) baseada nessa definição dos moldes de predicados,

A seguir, analisamos a classificação proposta pelo mesmo autor para os estados-de-coisas e os seus argumentos.

2.2.1

Classe dos Estados-de-coisas

A proposta de Peres classifica os predicadores segundo uma teoria semântica baseada no pensamento desenvolvido por Sapir-Whorf, oposto à proposta de Bloomfield. A teoria de Sapir-Whorf defende a ideia do relativismo linguístico, ou seja, propõe que as estruturas das línguas elucidam a concepção de mundo e de realidade do falante. Assim sendo, o molde linguístico nesta proposta está intimamente relacionado com o modelo sociocultural, isto é, distinções gramático-lexicais correspondem a distinções de comportamentos entre sociedades. Dessa forma, a língua é interpretada como uma leitura ou uma representação do real que pode ser "estudada em si e por si" (PERES, 1984: 68).

Por meio dessa teoria semântica, Peres classifica os componentes verbais como estados-de-coisas, “parcelas de um mundo designadas pelas proposições” (PERES, 1984: 68). Esses estados-de-coisas são classificados em função de duas variáveis: dinamismo e controle. Os estados-de-coisas com o traço [- dinâmico] serão chamados de **situações** e os estados-de-coisas com o traço [+ dinâmico] serão chamados de **eventos**. Esses traços, por sua vez, combinam com o traço [+ controle], quando existe uma entidade que controla, e com o traço [- controle], quando esta entidade não existe. Há de se destacar que o termo estado-de-coisa também pode ser chamado de predicador, de acordo com a preferência do autor.

A base para a distinção entre o traço [+ dinâmico] ou [- dinâmico] baseia-se no cálculo de mudança-de-estado formulado por Von Wright (1963), em que se utilizam os símbolos p (proposição), $\neg p$ (a contradição de p) e T (operador

diádico) para a formação da equação auto-explicativa. Através deste símbolo, as seguintes quatro fórmulas são construídas:

ACONTECER (p)	é definida como	$-p \ T \ p$	(mudança)
PERMANECER (p)	é definida como	$p \ T \ p$	(não - mudança)
NÃO ACONTECER (p)	é definida como	$-p \ T \ -p$	(não - mudança)
NÃO PERMANECER (p)	é definida como	$p \ T \ -p$	(mudança)

Por meio dos predicados apresentados por Dowty (1972, apud PERES), Peres demonstra o cálculo do dinamismo dos estados-de-coisas. Algumas estruturas verbais possuem um estado inicial de não mudança em que, após o mesmo, uma ação começa a ocorrer. Trata-se do primeiro predicado com o verbo **acontecer**. Observemos o exemplo:

CC1² Aconteceu uma tempestade.

Conseguimos calcular o dinamismo linguístico dessa estrutura verbal ao compreendermos que antes do operador diádico não havia a tempestade e que, após a sua inserção na proposição, houve a tempestade.

Este cenário, todavia, difere da proposta com o predicado **permanecer**. Algumas estruturas verbais possuem um estado inicial em que uma ação acontecia e que, após a realização do operador diádico, a ação continua acontecendo, mas não se altera. Observemos o exemplo:

CC2 A tempestade permaneceu.

Conseguimos calcular o não dinamismo linguístico dessa estrutura verbal ao compreendermos que antes do operador diádico havia uma ação que, após o mesmo, prosseguiu.

O autor propõe ainda que a base para a distinção entre o traço [+ controle] ou [- controle] se baseia na existência ou não de uma entidade com a capacidade de controlar um determinado estado-de-coisa. Esta proposta de Peres ultrapassa os limites de agentividade comum à gramática normativa: aqui, a agentividade é uma característica dos causadores de ações que, neste caso, não se aplica aos causadores de posições, por justamente não haver uma ação no estado-de-coisa

² Neste trabalho, diferenciamos três tipos de corpus, a saber: CC (corpus criados), CA (corpus alterados) e CO (corpus obtidos), cf. item 4.3

descrito. Assim sendo, no exemplo criado “A tempestade permaneceu”, o elemento “a tempestade” não poderia ser considerado um elemento agentivo porque não há o intuito/objetivo de permanecer, tornando-se um causador de posições, enquanto, por exemplo, em sentenças como “A menina permaneceu” há uma entidade dotada de capacidade para querer permanecer, sendo, portanto, o causador de ação.

A seguir, o autor aborda a combinação entre o traço [+/- mutabilidade] e o traço [+/- controle], que produz quatro tipos diferentes de predicados, como proposto por Peres:

predicados accionais - os que ocorrem em proposições que designam estados-de-coisas que envolvem uma qualquer mudança no intervalo de tempo da sua duração e que se combinam com um termo que representa uma entidade dada como causador dos estados-de-coisas que as proposições designam; (ex: transformar, pensar, entrar, seguir)

predicados processuais - os que ocorrem em proposições que designam estados-de-coisas que envolvem uma qualquer mudança no intervalo de tempo da sua duração e que não se combinam com um termo que represente uma entidade dada como causador dos estados-de-coisas que as proposições designam; (ex: perder, ouvir, nascer, surgir)

predicados posicionais - os que ocorrem em proposições que designam estados-de-coisas que não envolvem qualquer mudança no intervalo de tempo da sua duração e que sem combinam com um termo que representa uma entidade dada como causador dos estados-de-coisas que as proposições designam; (ex: conservar, permanecer, ostentar)

predicados estativos - os que ocorrem em proposições que designam estados-de-coisas que não envolvem qualquer mudança no intervalo de tempo da sua duração e que não se combinam com um termo que represente uma entidade dada como causador dos estados-de-coisas que as proposições designam. (ex: igualar, saber, apresentar, estar) (PERES, 1984: 86-87)

A partir desta citação, podemos produzir a seguinte tabela dos agrupamentos dos estados-de-coisas:

	+ MUTABILIDADE	- MUTABILIDADE
+ CONTROLE	ACIONAIS	POSICIONAIS
- CONTROLE	PROCESSUAIS	ESTATIVOS

Concluída a análise dos estados-de-coisas, na próxima sessão olhamos atentamente para os elementos que estão ao redor deles e junto com eles configuram o molde proposicional, conforme conceituado por Peres e explicado no item 2.2 deste capítulo.

2.2.2 Classe dos argumentos

Segundo Peres, não é possível averiguar uma regularidade no número e na tipologia dos argumentos diante das suas possibilidades de combinações com as grandes classes de predicados apresentadas acima. Devido a isso, o autor propõe uma classificação desses argumentos de acordo com a função semântica que eles desempenham nas orações, como também, analisa essas funções semânticas de acordo com a quantidade de argumentos que elas apresentam: um, dois, três, quatro ou cinco. A maior parte dos dados encontrados e coletados para nossa pesquisa configura-se como sequências de predicados de dois lugares. Por este motivo, escolhemos apresentar a definição abaixo do autor sobre os estados-de-coisas que possuem apenas dois argumentos.

Peres distingue seis grandes grupos de argumentos que se interrelacionam com os respectivos estados-de-coisas: básico, experiencial, possessivo, locativo, transacional e direcional.

O predicador é de natureza básica quando não apresenta qualquer propriedade de caráter psíquico, não vincula qualquer ideia de pertença a uma entidade, não reflete a inclusão de uma classe em uma outra e não localiza uma entidade. Esse tipo de predicado, portanto, pode expressar um estado-de-coisa estativo, posicional, processual ou acional. Observemos alguns exemplos propostos pelo autor.

"Predicado básico estativo: "exprimem uma relação estática entre duas entidades a qual não envolve experiência psíquica, posse ou localização e não é interpretada como causada por qualquer das entidades envolvidas"(PERES, 1984: 123). Ex: comportar, custar, depender, igualar, medir, representar...

Predicado básico posicional: "exprimem ma relação estática entre duas entidades, a qual não envolve experiência psíquica, posse ou localização e é interpretada como causada por uma das entidades envolvidas." (idem: 124) Ex: aguentar, conservar, manter.

Predicado básico processual: "exprimem uma relação mutacional entre duas entidades, a qual não envolve experiência psíquica, posse ou localização e não é interpretada como causada por qualquer das entidades envolvidas". (idem: 125) Ex: dar, degenerar, descambar, redundar, resultar.

Predicado básico acional: "exprimem um estado-de-coisas mutacional relativo a uma entidade, o qual não envolve experiência psíquica, posse ou localização e é interpretado como causado pela entidade envolvida." (idem: 125) Ex: correr, nadar, pular, saltitar." (idem: 123-125)

O predicador é de natureza experiencial quando atribui uma propriedade de caráter psíquico a uma entidade, relaciona a pertença de uma entidade a uma propriedade psíquica ou inclui uma entidade noutra devido a propriedades psíquicas. Esse tipo de predicado, portanto, pode referir um estado-de-coisa estativo, posicional, processual ou acional. Observemos alguns exemplos propostos pelo autor.

Predicado experiencial estativo: “exprimem uma relação estática de caráter psíquico entre duas entidades, sendo uma delas interpretadas como Experienciador e nenhuma como Causador.” (idem: 133) Ex: conhecer, gostar, saber...

Predicado experiencial posicional: “exprimem uma relação estática de caráter psíquico entre duas entidades, sendo ambas interpretadas como Experienciadores e uma delas como Causador (...) ou ambas interpretadas como Experienciador e Causador.. (idem: 135)” Ex: atencioso, delicado, rude.

Predicado experiencial processual: “exprimem uma relação mutacional de caráter psíquico entre entidades, uma das quais é interpretada como Experienciador e nenhuma como Causador.” (idem: 136) Ex: desejar, ouvir, sentir, crer

Predicado experiencial acional: “exprimem uma relação mutacional de caráter psíquico entre duas entidades, uma das quais é interpretada como Experienciador e Causador (...) ou ambas interpretadas como Experienciador e Causador.” (idem: 137, 138) Ex: pensar, imaginar, refletir, resolver, idealizar. (idem: 133 - 137)

O predicador é de natureza possessiva quando exprime uma relação estática de posse entre duas entidades, em que uma delas desempenha o papel de Possuidor e outra desempenha o papel de Causador. Entretanto, quando o predicado é de natureza transacional, ele exprime uma relação mutacional, envolvendo a noção de cessação ou início da posse. Conforme proposto pelo autor abaixo:

Predicado possessivo estativo: “exprimem uma relação estática de posse entre duas entidades, sendo uma delas interpretadas como Possuidor e nenhuma como Causador.” (idem:140). Ex: apresentar, ostentar, possuir, ter.

Predicado possessivo posicional: “exprimem uma relação estática de posse entre duas entidades, uma das quais é interpretada como Possuidor e Causador” (idem:140) Ex: ostentar, possuir, ter.

Predicado transacional processual: “exprimem uma relação mutacional de cessação (ou início) de posse entre duas entidades, nenhum das quais é interpretada como Causador.” (idem:141, 142) Ex: ganhar, lucrar, perder

Predicado transacional acional: “exprimem uma relação mutacional de posse envolvendo (até quatro) entidades, das quais uma é interpretada como Causador, outra como Objeto outra como Dador (e uma quarta como Receptor), sendo a representação da segunda entidade incorporada no próprio predicado.” (idem:142) Ex: sangrar, perfumar, selar, encerrar, passar, transferir.” (idem:140 - 146)

É importante salientar a partir desta citação que, para o autor, o verbo **passar** é considerado um predicado transacional acional; observamos entretanto que, em um ambiente de perífrase verbal, as condições funcionais deste verbo se alteram de acordo com as construções semânticas estabelecidas entre ele, o outro verbo e os seus argumentos, o que reforça a nossa proposta teórica da flutuação semântica de verbos em estruturas perifrásticas (cf. cap. 3).

O predicator é de natureza locativa quando exprime uma relação estática de localização entre duas entidades, as quais podem ou não ser interpretadas como Causador, como Objeto ou como Lugar. Se, por ora, a relação for de transferência de localização entre até quatro entidades interpretadas como Causador, Objeto, Origem ou Destino, o predicado pode ser direcional. Segundo as palavras do autor:

Predicado locativo estativo: “exprimem uma relação estática de localização entre duas entidades, nenhuma das suas é interpretada como Causador.” (idem:146) Ex: encontrar, estar, ficar, ser, permanecer.

Predicado locativo posicional: “ exprimem uma relação estática de localização entre duas (e três) entidades, uma das quais é interpretada como Causador, (outra como Objeto outra como Lugar).” (idem:147, 148) Ex: manter, conservar, encontrar, permanecer.

Predicado direcional processual: “exprimem uma relação (mutacional) de transferência de localização envolvendo (até) três entidades, uma das quais é interpretada como Objeto, outra coo Origem e outra como Destino” (idem:149) Ex: deslocar, mover, aproximar, aparecer, surgir.

Predicado direcional acional: “exprime uma relação (mutacional) de transferência de localização envolvendo (até) quatro entidades interpretadas como Causador, Objeto, Origem e Destino.” (idem: 154) Ex: passar, levar, atingir, surgir, aparecer (idem:146 - 154)

Algumas observações ainda precisam ser feitas sobre a relação entre as macroclasses de predicados, conforme proposto pelo autor. Segundo Peres (1984), verbos estativos não admitem nem o modo imperativo, nem o aspecto progressivo; por outro lado, os verbos posicionais admitem estruturas com o modo imperativo sempre que o Causador tiver as propriedades requeridas, mas continuam não admitindo o aspecto progressivo. Os verbos processuais, por sua vez, admitem o modo imperativo, o aspecto progressivo e não constituem o domínio do privilégio das passivas. Os verbos acionais, por fim, constituem o domínio por excelência da voz passiva. Percebemos um continuum da adoção de estruturas sintáticas na constituição das macroclasses, partindo da impossibilidade de ocorrência do modo imperativo, do aspecto progressivo e da passividade com

estados-de-coisas estativos, para o cenário de livre ocorrência com os verbos acionais.

Apresentamos acima exclusivamente as classificações propostas pelo autor para os predicados e os argumentos que serão utilizadas neste trabalho. A única diferença entre a proposta do autor e a nossa é que destacamos os estados-de-coisas primeiramente e, após, relacionamos estes com o seus argumentos. Há de considerar que nesta proposta não estamos diretamente preocupados com a quantidade de argumentos que configuram o predicado, visto que a nossa análise foca nas estruturas verbais e suas flutuações semânticas de acordo com os moldes proposicionais nos quais elas estão inseridas.

Findada a discussão da vertente funcionalista e da sua aplicação à gramática portuguesa pelo autor Peres, discutimos, a seguir, o fenômeno da auxiliaridade nas perífrases verbais, baseados nas referências encontradas para as estruturas que analisamos neste trabalho.

3

O conceito de perífrase verbal

3.1

A auxiliaridade no português brasileiro

Neste item, procura-se definir o conceito de perífrase verbal a partir de uma preferência encontrada na literatura pela identificação e classificação dos verbos auxiliares. Pretende-se responder a pergunta: Quando dois verbos juntos podem ser caracterizados como uma perífrase verbal? Para isso, será necessária a conceituação sintática de outros termos, como verbos acusativos, orações reduzidas etc.

Segundo Pontes (1973), a perífrase verbal (PV) - chamada pela autora de locução verbal – foi descrita pelas gramáticas normativas baseadas em critérios de análise diferentes, o que gerou, por sua vez, resultados diversos para o mesmo tipo de PV. Segundo ela, são quatro os principais critérios utilizados nessas gramáticas para a definição deste objeto de estudo: funcional, semântico, histórico e o de comparação entre as línguas. A seguir, apresentamos as referências da autora a estudos do assunto.

Said Ali, por exemplo, na Gramática Secundária, classifica os verbos como nocinais e relacionais, fundamentado em critérios funcionais e semânticos. Nocional seria o verbo com a função predicativa, enquanto relacional seria o verbo combinado com um adjetivo.

Mattoso Câmara (1970) considera os critérios diacrônico e sincrônico na definição de auxiliaridade. Para o autor, verbos auxiliares são aqueles que resultaram de um processo de gramaticalização ou, segundo o próprio, “uma técnica de descrição gramatical (que considera) formas perifrásticas a combinação de dois verbos numa única oração em que ambos guardam a sua significação verdadeira e a significação total é uma soma das duas significações...” (CÂMARA, apud PONTES, 1973: 86). Segundo Mattoso Câmara (1970), a perífrase verbal seria, portanto, a apropriação por um verbo auxiliar das noções gramaticais, enquanto o verbo principal expressaria a significação externa. Completando sua definição de perífrase verbal, o autor

acrescenta um critério sintático sincrônico na definição de PV: os verbos se interrelacionam ora por uma relação de subordinação, em que um verbo desempenha a função de determinante e o outro, a de determinado, ora por uma relação de coordenação, em que eles se dispõem em uma sequência semântica.

Celso Cunha (1970) utiliza o critério semântico para a distinção entre auxiliar e principal. O verbo auxiliar é aquele que se combina com as formas nominais do verbo principal, perdendo seu sentido próprio (CELSE CUNHA, 1970: 259). Por outro lado, Epiphânio Dias (1959 apud PONTES, 1973) aponta os verbos “ir, vir, andar, estar, ter de, haver de e ser” como os únicos capazes de formar perífrases enquanto os demais são analisados separadamente. Bechara (1999) já apresenta uma definição ainda mais geral sobre o tema, quando diz “a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal” (BECHARA, 1999: 134).

Pontes (1973), por meio dessa revisão da literatura, considera que a tradição gramatical baseia-se, sobretudo, em um critério de evolução semântica, em que as formas sintéticas latinas foram substituídas nas línguas modernas por formas analíticas. Este critério diacrônico, portanto, prioriza uma ideia de gramaticalização, conforme apresentado por Mattoso Câmara (1970), e permite aos autores definições generalizadas sobre o tema. Esta escolha teórica, por sua vez, provocou diferentes análises para um mesmo verbo. O verbo **querer**, por exemplo, é classificado por Said Ali como auxiliar, baseado na influência de outras línguas (1957: 58); por outro lado, para Mattoso Câmara (1970), por meio do critério da gramaticalização não é possível considerá-lo como um verbo auxiliar, já que ele não possui uma função semântica como a do verbo principal. Bechara, por sua vez, não decide em que posição terminológica colocá-lo.

Para este trabalho, é importante enfatizar que essas diversas definições, além da predominância de critérios semânticos e diacrônicos, possuem uma premissa em comum: o verbo auxiliar normalmente é aquele que perde parcial ou completamente o seu significado em prol da sua função em relação ao verbo principal. Esta visão, todavia, vai contra o próprio critério semântico, já que é impossível distinguir um elemento pelo seu significado se, de antemão, considera-

se que, quando elemento de uma PV, ele é destituído da sua função semântica. Assim, Pontes (1973) pontua:

Parece-nos que, se dizemos que o auxiliar é o verbo que na LV perde seu significado próprio, que é um verbo secundário, cujo papel é auxiliar apenas o verbo principal na formação da conjugação composta, servindo para indicar tempo ou aspecto, não podemos, ao mesmo tempo, classificá-lo com base num significado que dizemos não ter. (PONTES, 1973: 36)

Este raciocínio demonstra que o critério semântico só permite ser aplicado quando se considera o verbo auxiliar como uma unidade significativa sem uma relação hierárquica que favoreça o verbo principal. Pontes (1973) propõe uma análise voltada para os critérios sintáticos, segundo a teoria transformacional desenvolvida por Chomsky. Assim, a autora justifica seu trabalho:

Como as LV (locuções verbais) consistem de mais de uma palavra, não se pode compreender que seu estudo seja feito na parte dedicada à Morfologia. Trata-se de um problema claramente sintático, pois além de implicar em grupos de palavras, envolve ‘o valor funcional das palavras na oração’ e ‘relações de dependência das palavras’ e até de orações, quando se relaciona com orações reduzidas. (PONTES, 1973: 41)

A seguir, por meio de uma série de testagens, a autora defende que boa parte dos verbos que são considerados auxiliares, na verdade, são verbos acusativos que possuem como complemento orações reduzidas de infinitivo.

O seu posicionamento é esmiuçado no trabalho de Rodero-Takahira (2012) sobre o verbo **acabar**. Defendendo uma leitura aspectual retrospectiva para este verbo quando encontrado nas perífrases verbais, a autora apresenta dez testes que pretendem demonstrar se, em uma locução verbal, **acabar** funciona como um verbo auxiliar. Em sua conclusão, Rodero-Takahira (2012) defende que este verbo não apresenta um comportamento uniforme em todos os testes, mas, mesmo assim, ela propõe que **acabar** seja considerado um verbo aspectualizador com propriedades semi-auxiliares. Abaixo, os testes realizados pela autora que se revelaram relevantes para esta pesquisa:

1) Exigência do sujeito único: verbos auxiliares e verbos principais apresentam um único sujeito. (Ex: CA11: Quando eu digo que esse pessoal dos jardins vive no

mundo da lua... Uma casa na rua Polônia agora dá para ostentar um cartaz que diz assim: Família muda vende.)

2) Impossibilidade de adjuntos adverbiais modificarem parte da sequência verbal com um verbo auxiliar. (Ex: CO57: Mas, desde outubro, a onda especulativa se esgotou e os preços passaram a cair violentamente./ CA57: Mas, desde outubro, a onda especulativa se esgotou e os preços violentamente passaram a cair./ CA57: Mas, desde outubro, a onda especulativa se esgotou e os preços passaram violentamente a cair.)

3) Apassivação: em verbos auxiliares, a apassivização do seu complemento conserva a sentença ativa correspondente. (CO2: Algumas coisas simplesmente não dá para explicar./ CA2: Algumas coisas simplesmente não dá para ser explicadas.)

4) Restrição de seleção quanto ao sujeito: verbos auxiliares não impõem restrição de seleção quanto ao sujeito. (Ex: CC3: *As árvores passaram por aqui./ CC4: As árvores floresceram nesta montanha. / CC5: As árvores passaram a florescer por aqui depois que os pássaros voltaram nesta montanha.)

5) Ausência de restrição de seleção pelos auxiliares: verbos auxiliares não restringem a seleção do tipo aspectual do complemento. (Ex: CO53: O Gol só deixa de aparecer em primeiro lugar no sonho de duas categorias. / CA53: O Gol só deixou de aparecer em primeiro lugar no sonho de duas categorias./ CA53: O Gol só deixa de ser defendido em primeiro lugar quando o goleiro é experiente.)

O trabalho de Rodero-Takahira (2012) também possui uma base gerativa de estudo. Após a aplicação deste teste, a autora destaca as características de alçamento e de controle dos verbos apresentadas por Davies e Dubinsky (2004), esta propriedade que se baseia no princípio das estruturas temáticas dos verbos. Ainda segundo a autora, de acordo com Chomsky (1981, 1982, 1986 apud RODERO TAKAHIRA, 2012), Manzini (1983 apud RODERO TAKAHIRA, 2012), Culiover & Jackendoff (2001 apud RODERO TAKAHIRA, 2012), os verbos de controle são aqueles que selecionam como complemento uma oração

finita e estabelecem com a oração matriz um termo considerado controlador, responsável pela interpretação do sujeito desta oração encaixada. Por sua vez, um verbo de alçamento envolve um alçamento de um sintagma determinante, sujeito de uma predicação sem caso, para uma nova posição, em que a atribuição de caso seja possível. Os verbos de alçamento são exemplos de verbos inacusativos, que se subdividem em auxiliares. Assim Rodero-Takahira conclui a sua pesquisa sobre o verbo **acabar**.

Assumimos que os aspectualizadores e semi-auxiliares encontram-se em uma intersecção, pegando propriedades dos verbos auxiliares, já que apresenta algumas características desses verbos. Por conta disso, prevemos que acabar esteja em uma intersecção entre os subgrupos de verbos inacusativos, que selecionam uma SC, um CP ou um DP, e os verbos auxiliares. (RODERO-TAKAHIRA, 2012: 139)

Tanto o trabalho de Pontes (1973) quanto o trabalho de Rodero-Takahira (2012) têm importância para esta pesquisa. Em Pontes (1973), há uma pesquisa bibliográfica baseada nas gramáticas normativas, às quais a autora se posiciona contrária ao destacar o caráter significativo do verbo auxiliar na perífrase verbal e a sua fusão semântica com o verbo principal. Proporciona-se, dessa forma, um novo sentido para a estrutura perifrástica, uma vez que o estudo que prioriza o desenvolvimento de uma hipótese das flutuações semânticas do verbo auxiliar na constituição de uma PV. Esta pesquisa pretende, sobretudo, demonstrar como os verbos auxiliares modificam seu significado e de que forma essa mudança semântica ocorre.

Essa ênfase semântica tem especial importância por complementar a tradição analítica tanto de Pontes (1973) quanto de Rodero-Takahira (2012), que utilizam critérios sintáticos na conceituação e classificação das perífrases, e assim se justifica diante do interesse no ensino de português como segunda língua. Como a prioridade deste estudo é permitir ao falante de língua estrangeira aprendiz de português entender a flutuação semântica pela qual os verbos passam enquanto dispostos em uma PV, opta-se por um critério funcional baseado em Dik (1978), como será apresentado no quarto capítulo desta análise. Para o falante de L2, entender a classificação deste primeiro verbo em uma PV não é tão necessário quanto entender o seu significado. Contudo, para o desenvolvimento deste estudo, só é possível definir semanticamente os componentes da locução verbal se

anteriormente estiverem descritos os critérios de identificação da PV. Por isso, esta reflexão teórica fundamenta a seleção dos dados que serão, em um estágio futuro, apresentados.

A aplicação das testagens do trabalho de Rodero-Takahira (2012) selecionadas deve ser alterada para esta amostra. Na pesquisa aqui desenvolvida, usa-se da linguística de corpus apoiada em uma abordagem funcionalista; dessa forma, não se podem criar frases aleatórias, aceitáveis para a testagem das propriedades acima apenas por serem consideradas gramaticais. Essa produção subjetiva de frases comum à coleta de dados, comum na ciência gerativa, que se baseia no julgamento por parte do falante da gramaticalidade ou agramaticalidade de uma sentença por meio do seu aparato linguístico, não é compartilhada pela visão empirista da linguagem. Nesta perspectiva, os dados são analisados em contexto e cada um possui, em sua formação, um significado que lhe permite ser compreendido ora como um verbo auxiliar, ora como um verbo acusativo. É possível, entretanto, propor hipóteses sobre os resultados destes testes, resultados esses que só poderão definitivamente ser encontrados na seleção das linhas de concordância. Abaixo, apresentamos as hipóteses a respeito dos testes propostos por Rodero-Takahira (2012), a partir dos exemplos acima mostrados e aqui retomados.

TESTE 01: Exigência do sujeito único

A partir do momento em que se considera uma PV como uma fusão semântica entre dois verbos, esta locução verbal deve possuir o mesmo o sujeito. Nos dados analisados não foram encontrados casos de sentença em que o primeiro verbo possuísse uma oração reduzida de infinitivo; acredita-se que o uso da preposição entre os dois verbos impediu a realização de sujeitos diferentes. Entretanto, esta hipótese não será analisada neste trabalho por não ser um dos objetivos desta pesquisa.

Ex:³ (CO11): Quando eu digo que esse pessoal dos jardins vive no mundo da lua... Uma casa na rua Polônia agora dá para ostentar um cartaz que diz assim: Família muda vende.

Tanto o verbo auxiliar quanto a forma nominal possuem como sujeito “Uma casa na rua Polônia”, validando, portanto, o teste acima.

TESTE 02: Impossibilidade de adjuntos adverbiais modificarem parte da sequência verbal com um verbo auxiliar.

Em casos de perífrases verbais, o adjunto não pode modificar nem semântica nem gramaticalmente apenas um dos termos da perífrase verbal, incidindo sempre sobre a perífrase como um todo, independente da sua posição. Observemos o exemplo abaixo retirado do corpus:

(CO57): Mas, desde outubro, a onda especulativa se esgotou e os preços passaram a cair violentamente.

Se alterarmos a linha de concordância, modificando a posição do advérbio **violentamente**, teremos:

(CA57): Mas, desde outubro, a onda especulativa se esgotou e os preços passaram violentamente a cair.

(CA57): Mas, desde outubro, a onda especulativa se esgotou e os preços violentamente passaram a cair.

Em todas as frases acima, o significado do advérbio incide sobre toda a perífrase e não unicamente sobre um dos componentes, indiferente da posição anterior, posterior ou entre os verbos.

TESTE 03: Apassivação

O processo da apassivação da forma nominal conserva a sentença em sua forma ativa. Em nenhum caso a apassivação do infinitivo influenciou a apassivação da sentença. Observemos o exemplo abaixo retirado do corpus:

³ Uma vez que os exemplos da autora não são autênticos, mas criados para a sua apresentação do modelo para o verbo **acabar**, preferimos utilizar os exemplos colhidos em nosso próprio corpus, já que adotamos uma postura metodológica baseada na Linguística de Corpus, como será explicado no capítulo da metodologia (cf. 4.1).

(CO2) : Algumas coisas simplesmente não dá para explicar.

Alterando para a voz passiva, temos:

(CA2): Algumas coisas simplesmente não dá para ser explicadas.

A alteração para a voz passiva não apassivou o verbo auxiliar **dar**, conforme proposto pelo teste.

TESTE 04: Restrição de seleção quanto ao sujeito

Neste teste, a restrição de seleção do sujeito ocorreria por conta da forma nominal e não pelo verbo auxiliar. Nesta pesquisa, porém, ao considerarmos que uma perífrase verbal é uma fusão semântica entre o verbo principal e o verbo auxiliar, conclui-se que ambos os verbos selecionam e restringem o sujeito. Ainda assim, a palavra **restrição** não é ideal para esta pesquisa. Observemos os dados abaixo.

(1) (CC3): *As árvores passaram por aqui.

(2) (CC4): As árvores floresceram nesta montanha.

(3) (CC5): As árvores passaram a florescer por aqui depois que os pássaros voltaram nesta montanha.

As três frases que não fazem parte do nosso corpus demonstraram que, ao mesmo tempo em que seguem a tradição subjetiva comum à gramática gerativa, servem também, utilizando-se do mesmo procedimento analítico, para questionar este posicionamento de restrição. A frase (CC3) é considerada agramatical, já que o verbo **passar** seleciona um sujeito instituído pelo traço semântico [+animado], [+móvel], por exemplo. A sentença (CC4) é possível no português brasileiro. Na sentença (CC5), temos a perífrase **passaram a florescer**. Nesta frase, o verbo **passar**, que era agramatical na sentença (CC3), torna-se gramatical, vista a fusão semântica existente entre **passar** e **florescer** dentro da PV.

Conforme se percebe no modelo acima, considerar que um verbo restringe a seleção do sujeito é também considerar a restrição do contexto, com a qual a proposta funcionalista em questão não concorda. As perífrases verbais selecionadas para este estudo possuem sujeitos específicos de acordo com o contexto em que a sentença apresenta, mas não os restringem.

TESTE 05: Ausência de restrição de seleção pelos auxiliares: verbos auxiliares não restringem a seleção do tipo aspectual do complemento.

Conforme será apresentado nos dados, os verbos auxiliares em nenhum dos casos restringiram a seleção do tipo aspectual do complemento. Ao contrário, o tipo aspectual do verbo auxiliar em conjunto com o verbo principal geraram para a estrutura perifrástica, muitas vezes, um novo aspecto, com um novo significado para a PV. É justamente neste ponto que a nossa hipótese é averiguada: a flutuação semântica dos verbos auxiliares dentro de perífrases verbais.

O conceito de perífrase desta pesquisa relaciona-se com a proposta de Almeida (1980). Para este autor, citando Benveniste, a visão de que o primeiro verbo contribui de forma mais morfêmica e o segundo de forma mais semântica para a sentença deve ser substituída por uma visão em que a perífrase é encarada no seu conjunto, “onde estão as suas completas manifestações morfossemânticas” (ALMEIDA, 1980: 25). Entretanto, é de fundamental importância entender que toda perífrase acrescenta à forma simples do verbo um valor sêmico novo. Ainda a respeito da significação do verbo auxiliar em uma PV, Almeida propõe uma visão oposta ao critério diacrônico da gramaticalização. Através de suas palavras:

Pensar-se em processo de gramaticalização para o verbo auxiliante, não deve significar de forma alguma esvaziamento ou perda de sentido. A valorização recente da estrutura lingüística e, conseqüentemente, da significação gramatical, elevada ao mesmo plano de importância da significação léxica, para a significação global de uma unidade, acentua a impropriedade de se falar em esvaziamento de sentido, pois o que ocorre de fato é a transformação de uma significação léxica em uma significação gramatical. E essa transformação, dentro do complexo da auxiliaridade, pode ser surpreendida em qualquer de suas fases, bastando para tanto que pensemos em opor duas construções como hei de vencer e continuo a trabalhar. (ALMEIDA, 1980: 25)

Almeida discorda da proposta de papéis formais distintos para cada um dos verbos em uma PV: o primeiro, responsável pela carga morfêmica, e o segundo, responsável pela carga semântica. Para ele, conforme supracitado, o critério diacrônico não deve ser desconsiderado para a conceituação da perífrase, e

sim, deve ser observado sobre o paradigma da fusão semântica dos verbos nesta locução. Acrescentamos um exemplo para ilustrar esta testagem:

(CO58) : O Gol só deixa de aparecer em primeiro lugar no sonho de duas categorias.

A interpretação desta perífrase é de abandono, considerando-se o tempo verbal no presente do indicativo do verbo auxiliar e o aspecto perfectivo da forma nominal. Se alterássemos o verbo auxiliar para o pretérito perfeito, o resultado se modificaria:

(CA58) : O Gol só deixou de aparecer em primeiro lugar no sonho de duas categorias.

Com o pretérito perfeito, a paráfrase para a PV é de não acontecimento da ação, já que o processo ocorreu antes do momento da fala. Se, por sua vez, trocássemos o verbo principal por outro como **defender**, teríamos ainda um terceiro significado. Observemos:

(CA58) : O Gol só deixa de ser defendido em primeiro lugar quando o goleiro é experiente.

Quando a forma nominal possui um aspecto imperfectivo, como a do verbo **defender**, temos uma ideia de duração de uma ação que foi cessada. Antes, havia um tempo em que o gol era defendido e agora, no momento da fala, esta ação está terminando. Com estas orações acima, percebemos de que forma o aspecto verbal da estrutura perifrástica só pode ser entendido diante da fusão semântica estabelecida pelos seus verbos.

Conclui-se este item propondo a definição para o conceito de perífrase verbal que servirá de base para esta pesquisa:

Perífrases verbais são as combinações de dois ou mais verbos formando uma fusão semântica por meio da qual seus elementos constitutivos emprestam uns aos outros propriedades morfossemânticas a fim de gerar, para a locução, uma contribuição aspectual, temporal, modal, diátesica e/ou semântica nova(s).

Nesta perspectiva de análise, chama-se o primeiro verbo de uma PV como um verbo auxiliar. Com o objetivo de destacar a identidade desse verbo, complementa-se sua conceituação, descrevendo a função morfossemântica para cada locução. Assim, dividimos este trabalho em verbos auxiliares modais e verbos auxiliares aspectuais, sucessivamente.

3.2

A forma nominal infinitiva

A língua portuguesa possui três tipos formais de perífrases, quais sejam: particípio, gerúndio e infinitivo. Esta pesquisa está interessada apenas no último tipo de estrutura, em função dos motivos expostos a seguir.

Segundo Almeida (1980), a forma infinitiva é aquela que apresenta a ideia de um processo cuja completude formal não tenha ainda ocorrido, ou seja, o infinitivo é a forma nominal que expressa a carga de tempo potencial de que um processo precisa para ser efetivado, sem que haja qualquer compromisso sobre o sujeito falante. Assim sendo, dos morfemas de infinitivo –ar, -er, –ir e -or decorre uma ideia de não referencialidade quanto ao limite ou término do processo. Através das palavras do autor:

(...) o infinitivo, como principal, traduz uma ação de caráter prospectivo, orientada para o futuro, oferece com a sua tensão intacta uma perspectiva de realização; que o gerúndio revela um presente e um caráter durativo, enquanto que o particípio se liga a uma ação de sentido perfectivo, situando-a em relativa posição pretérita. (ALMEIDA, 1980: 19)

Conforme a citação acima, o valor prospectivo atribui à forma infinitiva unida a variados auxiliares a determinação de noções aspectuais, modais e mesmo temporais.

Para Câmara Jr. (1970 apud ALMEIDA, 1980), baseado em uma descrição sincrônica e estrutural da língua, a oposição entre as formas nominais se faz pela aspectualidade, ao invés da temporalidade. O gerúndio, logo, seria o aspecto inconcluso, o inverso do particípio, que seria o aspecto conclusivo ou perfeito. Já o infinitivo, considerado como a forma mais indefinida do verbo, não possuiria as

noções gramaticais de tempo, aspecto e modo, devido a sua significação mais ampla e vaga.

Esta pesquisa alinha-se com a posição de Almeida (1980). Ao atribuir um estado-de-coisa à perífrase, estamos considerando que a significação derivada da forma nominal acoplada ao verbo auxiliar constitui uma fusão significativa capaz de estabelecer, portanto, um valor tanto aspectual como modal, o foco deste trabalho.

3.3

A aspectualidade no português brasileiro

Segundo Almeida (1980), o estudo da aspectualidade originou-se nas desinências da língua eslava para os aspectos perfectivos e imperfectivos. Todavia, nas línguas românicas, sobretudo no português, conforme nos aponta o autor, a aspectualidade é expressa, sobretudo, por meio das perífrases verbais, objeto de estudo desta pesquisa. Por conta disso, considera-se fundamental a denominação deste conceito para o entendimento de uma PV. O objetivo deste capítulo, portanto, é, além de conceituar o aspecto, apresentar estruturas perifrásticas que desempenham este papel.

Ainda segundo o pesquisador supracitado, a conceituação alemã entre *Aspekt* e *Aktionsart*, procurando diferenciar entre os casos aspectuais perfectivos e imperfectivos dos processos verbais como o inceptivo, terminativo, iterativo, nem sempre conseguiu ser formulada de forma feliz em outros idiomas. Agree (1908 apud ALMEIDA, 1980) foi o primeiro a diferenciar esta dualidade alemã: *Aspekt* é a maneira subjetiva do aspecto, trata-se da expressão de uma ação em término ou em desenvolvimento, enquanto *Aktionsart* é a maneira objetiva do aspecto, trata-se da expressão de uma ação em realização, podendo ser iterativa, inceptiva, durativa.

Porém, esta distinção é encarada contemporaneamente mais como um problema terminológico do que propriamente como uma colaboração para se entender a distinção entre os termos, a que se poderia chegar com um único rótulo: aspecto. Esta confusão ocorre devido à transposição do termo do eslavo, em que existe uma manifestação morfológica desta propriedade para as línguas românicas, nas quais a determinação do aspecto ocorre ora por recursos

representados nas flexões temporais, ora por partículas adverbiais, ora por construções perifrásticas.

Almeida demonstra, por meio de vários outros autores, de que forma esta dicotomia alemã é encarada de diferentes maneiras nas línguas. Segundo o autor, para J. Roca Pons (1958 apud ALMEIDA, 1980), o aspecto refere-se a um caráter flexional, enquanto o *Aktionsart* pertence aos valores como iterativo, intensivo, incoativo, que transcendem o caráter durativo ou não durativo dos verbos. Jan Sabrsula (1963 apud ALMEIDA, 1980), por sua vez, considera o aspecto como o meio de expressão de uma ação real, tanto perfectivo quanto imperfectivo e, a partir desta definição, cria outras categorias conhecidas como ordem de processo, em que determina a ação momentânea ou durativa, e a ação semifactiva ou repetitiva. Por outro lado, Sylva Hamplova (1968 apud ALMEIDA, 1980) diferencia entre *Aktionsart* e aspecto. Conforme o autor espanhol, *Aktionsart* poderia ser traduzido como maneira de ação, ou seja, modificações possíveis no transcurso da ação verbal, sejam elas de duração, sejam elas de terminação, sejam elas de distribuição. Para este autor, o conceito de aspecto é ainda superior ao de maneira de ação, dado que a maioria das perífrases podem ter tanto o valor perfectivo quanto imperfectivo em sua classificação.

Esta revisão da literatura realizada por Almeida o faz optar por não segmentar o conceito de aspecto em outro par dicotômico para evitar torná-lo ainda mais complexo frente às demais atribuições destinadas ao verbo como o tempo, o modo e a voz. Vale, entretanto, discernir o aspecto como uma visão espacial do processo que permite localizar a época ou a perspectiva selecionada pelo sujeito enunciador, fundamentado no par perfectividade e imperfectividade. Através das palavras do autor:

(O aspecto é a) categoria verbal que se define, numa oposição fundamental à categoria do tempo e à do modo, por uma visão do processo com o caráter conclusivo ou inconclusivo, distribuído por noções subsidiárias não –temporais de fase ou de extensão. (ALMEIDA, 1980: 42)

Isto posto, a oposição proposta pelo autor está entre o aspecto considerado *lato sensu*, baseado no par perfectivo e imperfectivo, e o aspecto *stricto sensu*,

baseado nas noções de inceptividade, de cursividade, de determinação, de pontualidade, de duração, de iteração e de globalidade.

A distinção proposta por Almeida ainda pode ser complementada segundo os critérios de diferenciação entre perfectividade e imperfectividade. Por exemplo, F. Lázaro Carreter (1962 apud ALMEIDA, 1980) considera o traço imperfectivo como um aspecto verbal que expressa a ação como não terminada, enquanto o perfectivo, como a ação terminada. Por outro lado, A. T. Castilho (1967 apud ALMEIDA, 1980) considera o traço imperfectivo como responsável pela durabilidade do verbo, enquanto o perfectivo, pela não durabilidade do mesmo. É verdade, todavia, que ambos os critérios se complementam: se o verbo não marca o tempo do processo, ele traz implícita a ideia da ação em curso.

Sobre o aspecto *stricto sensu*, interessa-nos apenas a noção de inceptividade e terminatividade, já que as estruturas perifrásticas com as quais optamos por trabalhar nesta dissertação compartilham desta noção aspectual.

A inceptividade é a preocupação do falante em destacar a fase inicial de uma ação em comparação com as demais. Essa ideia de inceptividade pode se originar tanto do verbo auxiliar quanto da perífrase verbal. Será explorada a perífrase **passar + a + forma nominal infinitiva** como exemplo do aspecto inceptivo. Para Almeida (1980), o aspecto inceptivo dessa locução deriva do conjunto perifrástico. A respeito desta característica ele afirma:

O desenvolvimento deste tipo de perífrase, além de confirmar a tendência das línguas românicas para o analitismo, revela – e isto é mais importante – a busca de outros meios para se suprir a ausência formal da categoria do aspecto, bem como para se exprimirem as várias maneiras de ação em que se conforma o pensamento do sujeito falante. (ALMEIDA, 1980: 53)

A terminatividade é vista pelo autor como crucial para a distinção entre perfectividade e imperfectividade, em que o primeiro é o elemento marcado e o segundo, o elemento não-marcado. A terminatividade possui uma ideia de cessação de uma ação ou de proximidade para com esta finalização. Esta pesquisa selecionou a perífrase **deixar + de + forma nominal infinitiva** para exemplificar este tipo aspectual.

A seguir, analisam-se individualmente diferentes abordagens para cada uma das construções.

3.3.1

A perífrase verbal **passar + a +** forma nominal infinitiva

Segundo Almeida, a inceptividade expressa a noção de mudança de atitude, de transformação, dando à perífrase um caráter verdadeiramente incoativo. As construções inceptivas partem do princípio de que a ação verbal possui um ponto final e, portanto, um ponto inicial. Concomitantemente, a forma nominal pode possuir a propriedade de duratividade, sendo, portanto, preferencialmente imperfectiva. Nos casos em que essas formas são perfectivas, a perífrase possui a noção de iteratividade.

Para Bertucci (2011), a perífrase com o verbo **passar** denota uma mudança de estado chamada de devir, em que um evento estativo passa a existir. Nesta perspectiva, o aspectualizador **passar** descreve uma eventualidade considerada homogênea em relação aos intervalos que precedem e sucedem este estágio de devir. Por meio das palavras do autor:

Com a definição de “devir”, fica estabelecida a condição de homogeneidade para os intervalos anterior e posterior à mudança e podemos tomar essa condição como parte da entrada lexical de **passar**. Vamos propor que **passar** tome um predicado de eventualidade como input e retorne outro predicado de eventualidades como output; esse predicado (**passar a +** infinitivo) de novo a mudança de um evento, no caso, o “devir” do evento. (BERTUCCI, 2011: 129)

Ainda segundo o autor:

O leitor percebe que, diferentemente do que ocorre com **começar**; no caso de **passar** não falamos em um subevento inicial de uma eventualidade maior: como **passar** denota o início de uma eventualidade homogênea com relação a seus subintervalos, não faz sentido se falar em subeventos e, conseqüentemente, em um subevento inicial. Além disso, o que ilustramos em (23) serve para dizer que uma sentença com **passar** descreve que a eventualidade homogênea existe depois de *i'*, o intervalo da mudança de estado. (BERTUCCI, 2011: 130)

Ambas as propostas acima apresentam pontos de encontro no que tange à mudança da perífrase **passar + a +** infinitivo. Nesta pesquisa, a mudança é um dos traços que consideraremos como estados-de-coisas para caracterizar semanticamente estas perífrases.

O paradigma utilizado no trabalho de Bertucci (2011) vem da tradição dos estudos sobre aspectos lexicais que dividem as eventualidades em quatro classes distintas: atividades, *accomplishments*, *achievements*⁴ e estados. Esses estudos baseiam-se em Vendler (1957/1967), que propôs essa divisão a partir de duas características estruturais internas ao predicado, as quais ele considera: a existência ou não de fases sucessivas ao longo do tempo (VENDLER, 1957: 144) e a existência ou não de um ponto final, télico. (VENDLER 1957: 145).

Todavia, a proposta de distinção entre o verbo **começar** e o verbo **passar** apresentada por Bertucci (2011) é passível de questionamento. Segundo o autor, o verbo **começar** representa uma subeventualidade de um evento maior, enquanto o verbo **passar** descreve uma eventualidade homogênea depois do intervalo da mudança de estado. Este preceito é verdadeiro quando se trata de formas nominais consideradas perfectivas, entretanto, quando se está diante de formas nominais imperfectivas, os intervalos que ocorrem antes do acontecimento enunciado pela estrutura perifrástica não equivalem ao estágio posterior do acontecimento, visto que a mudança proposta pela PV pode perdurar até um estágio final. Observem-se as frases retiradas de nosso corpus:

(CO57) : Mas, desde outubro, a onda especulativa se esgotou e os preços passaram a cair violentamente.

(CO62) : Em alguns casos, o casal desfez sua relação e os filhos passaram a morar com a mãe ou com avós.

A oração (CO57) representa a diferenciação entre **começar** e **passar**, proposta por Bertucci (2011). Como a forma nominal **cair** é perfectiva, imagina-se que eventos iterativos homogêneos de cair começaram a ocorrer após um estágio em que este mesmo fenômeno não ocorria. Entretanto, na oração (CO62), não existem eventos iterativos, pois o seu verbo é imperfectivo. Nesta perspectiva, existe um estado anterior em que os filhos não moravam na casa com a mãe e a avó e, após a perífrase, existe um novo estado em que esta ação ocorre. Dessa forma, a perífrase com o verbo **começar** pode se diferenciar do verbo **passar** no

⁴ Optamos por manter estes termos em inglês para que uma tradução não falseasse o seu significado.

que tange aos casos em que a forma nominal é aspectualmente imperfectiva. Nos casos em que a forma nominal é imperfectiva, a perífrase com **começar** foca o início da ideia de morar, ou seja, a mudança para a casa nova, enquanto na perífrase com **passar**, o foco não está propriamente no início, na mudança, mas no estágio que perdura do início até a estabilidade dos filhos, sem localizar definitivamente um ponto final para a ação imperfectiva principal de morar.

Esta diferenciação só é possível porque ocorre a flutuação semântica emprestada do verbo **passar** para a estrutura perifrástica. O verbo **passar** possui a ideia de itinerário ou percurso. O percurso não se trata do início do caminho, mas do que se segue após o início e pode ou não perdurar até antes do seu ponto final. Este empréstimo semântico é responsável, portanto, por diferenciar a perífrase com **começar**, que foca o começo do início do processo (a mudança, no exemplo 01), da perífrase com **passar**, que possui uma elasticidade de duração maior, percorrendo estágios mais avançados no início do processo (a mudança, a adaptação na casa, a convivência com a mãe e a avó, conforme o exemplo 02).

3.3.2

A perífrase verbal deixar + de + forma nominal infinitiva

Segundo Almeida (1980), esta perífrase possui uma ideia de cessação de uma realização que está em curso, sendo, portanto, uma ideia de finalização mais pura do que a construção **acabar + de + infinitivo**. Nela encontra-se a finalização de uma ação, sobretudo nos casos com verbos imperfectivos. Nos casos de verbos perfectivos, essa perífrase pode se reverter em um abandono ou uma negação de uma ação e não propriamente uma cessação.

Através da análise de dados, conseguiu-se comprovar a hipótese sobre a diferença semântica na perífrase com o verbo perfectivo e o com o verbo imperfectivo. Observe-se:

(CO59): Às vezes, deixava de almoçar para ficar estudando.

(CO60): Johnson praticamente deixou de escrever, excetuando aquela edição de Shakespeare que teve de fazer porque os editores a reclamavam.

Na sentença (CO59), a ideia de abandono e principalmente a ideia de negação do infinitivo é evidente, ou seja, ela não chegava nem a realizar a ação de almoçar, visto o caráter perfectivo do verbo **almoçar** na sentença. Na sentença (CO60), por sua vez, não se trata da ideia de negação da sentença, mas sim, a ideia de finalização do ato de escrever. A palavra do autor completa esse raciocínio:

Consideramos, em verdade, a perífrase que nega a ação principal como fase anterior da que denota cessação. Esta desenvolve uma ideia que, de certo modo, estava já presente na anterior, mas de forma subjetiva, isto é, a perífrase de negação significativa também a cessação, não do que se vinha realizando, mas do que se devia ou pretendia realizar. (ALMEIDA, 1980: 95)

Para tornar ainda mais didático ao leitor a flutuação do verbo **deixar** na perífrase, o autor propõe a seguinte linha:

“Ontem deixei o trabalho = isto é, abandonei o trabalho.

Ontem deixei de trabalhar = isto é, não trabalhei.

Ontem deixei de trabalhar às 6 hs. = isto é, parei de trabalhar às 6hs.” (ALMEIDA, 1980: 95)

Prosseguindo com sua reflexão:

(O eixo acima) revela a evolução da perífrase, na direção da ideia de cessação, a partir do sentido ligado à origem do verbo deixar. E o caminho está no próprio desenvolvimento do traço sêmico de cessação já contido na primeira perífrase. O “deixar de trabalhar”, equivalente a “não trabalhar”, traz implícita também a ideia de que cessou algo que se vinha habitualmente fazendo. E é esta ideia que se desenvolveu com a construção com o verbo principal imperfeito e, especialmente, com o auxiliar no tempo passado. O primeiro contribui com a existência necessária ao ato que termina e o segundo define o todo perifrástico num tempo anterior ao momento em que se fala, do qual se tem uma perspectiva histórica e, conseqüentemente, a certeza da realização. (ALMEIDA, 1980: 95)

Almeida (1980) destaca outros casos em que a perífrase aparece, como: (a) o seu uso no imperativo, (b) o uso como verbos modalizadores, (c) a negação da construção, (d) os casos de eufemismo da expressão e (e) a diferença semântica da estrutura de acordo com o tempo verbal do verbo auxiliar. Sobre o uso do verbo no imperativo e nos demais tempos verbais, este trabalho se concentra apenas na

oposição entre o tempo presente e o tempo pretérito perfeito do indicativo. A respeito dos verbos modalizadores, opta-se por duas outras estruturas que serão descritas na próxima seção.

No que se refere à negação da perífrase, ao negar a cessação, a não ocorrência ou o abandono da ação está se destacando o aspecto durativo da ação, indiferentemente do aspecto perfectivo ou imperfectivo da forma nominal. Dessa forma, a perífrase pode ser parafraseada pela estrutura **continuar + forma nominal no infinitivo**.

(CO61): O problema é que nesse mesmo contexto não deixamos de cair na tentação de hierarquizar as classificações sociais, raciais, de gênero, entre outras.

Ao negar a perífrase, o enunciador está, na verdade, reafirmando a progressão da ação. Esta reafirmação pela progressão da ação refere-se ao aspecto iterativo da forma nominal. Este trabalho prioriza e pretende descrever a fase inceptiva e terminativa prioritariamente; por conta disso, não se analisam os demais casos.

Com verbos imperfectivos, a construção perifrástica adquire um tom de cessação que pode, nos casos das formas nominais como **sofrer**, **viver**, funcionar como um tom de atenuação semântica; como exemplo, os empregos eufêmicos: **deixar de viver** e **deixar de sofrer**.

Bertucci (2011) acrescenta um aspecto importante a esta locução verbal: ela não permite que o evento possa ser retomado após o seu uso. Para tornar esta explicação mais clara, o autor compara esta estrutura com a perífrase **parar + de + infinitivo**. Enquanto a perífrase com o verbo **parar** descreve uma interrupção, mas não necessariamente um fim, aquela com o verbo **deixar** descreve uma interrupção praticamente definitiva.

Sobre o caráter processual ou acional e o estativo ou posicional (apresentados no próximo capítulo), baseado em seu critério analítico diferente, Bertucci diz:

Levando em conta a semelhança entre esses dois verbos, sugerimos que a perífrase deixar de + infinitivo também denote uma mudança de estado, mas, nesse caso, a mudança de um evento homogêneo que ocorria e foi abandonado, i.e., deixou de existir (a mudança de

um evento para um não-evento). Assumindo essa ideia, nossa intenção é relacionar deixar ao “abandono” de um determinado evento homogêneo (com características estativas), como ocorre com passar. Isso nos possibilitará diferenciar deixar de parar, porque deixar não requer que o evento esteja em desenvolvimento, como ocorre com parar. (BERTUCCI, 2011: 147)

Conforme se observa na citação supracitada, o caráter de mutabilidade dos predicadores é uma das características fundamentais apresentada por Bertucci (2011) para a diferenciação entre o par **deixar** x **parar**. Nesta pesquisa, parte-se da proposta de Almeida (1980); assim sendo, serão apresentados dados em que a PV **deixar + de + infinitivo** tenha a ideia de cessação, outros em que tenha a ideia de abandono e outros, ainda, em que tenha a ideia de negação eufêmica da própria ação.

Ainda baseada na citação acima, a diferenciação entre o desenvolvimento ou não da forma nominal na perífrase com o verbo **deixar + de + infinitivo** e a impossibilidade do não desenvolvimento da forma nominal com **acabar + de + infinitivo** não será um critério diferenciador para esta pesquisa. O foco deste trabalho está unicamente na primeira estrutura, apenas apresenta-se a segunda com o objetivo de melhor caracterizar a primeira.

3.4 Os auxiliares modais

O estudo dos verbos modais tem uma literatura ampla, assim como a literatura referente ao aspecto verbal. Entretanto, diferentemente dos aspectos, o estudo modal na língua portuguesa está sempre associado a estruturas perifrásticas, como por exemplo, as perífrases derivadas do verbo **dever**, **poder**, **ter que**, entre outros. Esta pesquisa apresentará outras locuções verbais não usualmente estudadas dentro deste paradigma linguístico.

Consoante Almeida (1980), a modalização é uma propriedade que aponta para a participação do sujeito falante no discurso, revelando-lhe a atitude mental. Com o intuito de não confundi-la com o conceito subjetivo relacionado aos modais, o autor compartilha da visão de Galichet (1950), que considera apenas duas modalidades essenciais: a do real e a do eventual, as quais normalmente

extrapolam o domínio do verbo. Conforme explicado por Almeida (1980) sobre o posicionamento de Galichet (1950):

...e, para assinalar as marcas da modalidade, tem o referido autor de ir além das desinências modo-temporais, que sendo insuficientes provocaram o desenvolvimento de novas formas com os auxiliares de modo (poder, dever), assim como possibilitaram maior uso de advérbios e complementos. (ALMEIDA, 1980: 131)

Esse pensamento diverge da proposta de Ferdinand Brunot, que considera este fato linguístico segundo a ordem das ideias. Brunot (1936 apud ALMEIDA, 1980) classifica as ideias que envolvem a ação em três tipos: aquelas que apresentam o juízo, o sentimento e a vontade. Nessa perspectiva, da mesma forma que Galichet, Brunot (1936) discrimina outros meios de expressão que influenciam a modalidade, tais como: a entonação, os tempos, os auxiliares de modo, os complementos modais, a ordem das palavras e os modos.

Para Almeida (1980), a modalidade pode ser segmentada em objetiva e subjetiva. A modalidade subjetiva se caracteriza pelo fato linguístico existir necessariamente ou, se possível, segmentando-se em existência ou não existência, necessidade e obrigatoriedade, ou possibilidade e probabilidade. A modalidade objetiva, por sua vez, se caracteriza pelo fato linguístico variar em face de uma proposição, segmentando-se em volição e desejo, ordem e proibição, dúvida ou certeza.

Esta pesquisa interessa-se unicamente pelas modalidades objetivas de necessidade e obrigatoriedade e as de possibilidade e probabilidade, relevantes para as perífrases selecionadas para este estudo. Conforme pontuado por Silva (2014), a necessidade e a obrigatoriedade estão ligadas ao juízo apodítico de Kant (2003):

Esse momento da modalidade indica, portanto, somente a espécie e o modo como algo é afirmado ou negado no juízo: ou que nada se estabelece a respeito da verdade ou da não-verdade de um juízo, caso do juízo problemático a alma do homem pode ser imortal; ou que se determina algo a respeito, como no juízo assertivo a alma do homem é imortal; ou se exprime enfim a verdade um juízo com a dignidade da necessidade, como no juízo apodítico a alma do homem deve ser imortal. (KANT, 2003 apud SILVA, 2014:10)

Nesta vertente filosófica, a modalidade envolve tanto a origem natural, responsável pelo conceito mais primitivo de necessidade, quanto a origem de ordem cultural, responsável pela obrigatoriedade. Por sua vez, para o autor a obrigatoriedade se dividiria em três outros campos: a obrigação moral, aquela que “se fundamenta nas leis sociais, no costume, no decoro, nos princípios da religião e do indivíduo, abrangendo, portanto, o dever cívico, profissional, religioso, etc.” (ALMEIDA, 1980: 136); a obrigação material, aquela que “ocorre por necessidade física, fisiológica, de natureza material em geral” (idem: 138); e, por fim, a obrigação lógica, aquela que tem “seu vínculo nas deduções do raciocínio, ou seja, reger-se pelas leis do pensamento” (idem: 138).

Com o objetivo de tornar esta distinção mais clara, o escritor exemplifica esta divisão das obrigações da seguinte forma: a perífrase iniciada pelo auxiliar **dever** trata-se de uma obrigação moral; a iniciada pelo **ter** trata-se de uma obrigação natural; a iniciada pelo **hei de** trata-se de uma obrigação baseada em circunstâncias internas, sendo, portanto, lógica. Por meio da explicação de Almeida (1980):

Sem, entretanto deixar de considerar a necessidade de um lado como fenômeno no mais amplo da natureza, e de outro, o fenômeno da obrigatoriedade, próprio do homem, de ordem cultural, em que entram a consciência, a vontade e a liberdade humana – fenômeno este que no fundo não deixa de ser parte do primeiro – preferimos em nosso trabalho, observando talvez os maiores recursos linguísticos para a obrigatoriedade, seguir G. Gougenheim que, em relação a perífrase verbais, concentra na noção de obrigação o fundamental do juízo apodítico. (ALMEIDA, 1980: 134)

Ainda segundo a citação de Kant supracitada, a possibilidade e a probabilidade estariam relacionadas ao juízo problemático que, por sua vez, poderiam ser entendidas dependendo ou não do falante. Assim, a possibilidade gira em torno de três pontos fundamentais na visão de Almeida: “é possível tudo o que não é condenado antecipadamente, tudo o que vale a pena ser examinado ou tentado, ou tudo o que deve entrar em nossas previsões.” (ALMEIDA, 1980: 158). Fonseca e Roquette (1949) acrescentam a estes três pontos fundamentais um quarto, a capacidade (ou faculdade) de fazê-lo.

A seguir, Almeida (1980) detalha os casos de possibilidade objetiva e subjetiva. Conforme o autor:

Se, no entanto, na possibilidade de uma ação estiver presente a ideia de fatos anteriores e suas consequências lógicas, entraremos no terreno da probabilidade. Ou melhor, se a experiência nos mostrou que, num encadeamento lógico, o fato C já sucedeu ao fato B, e este ao fato A, a nossa percepção terá como provável o fato A ao se realizar o fato B, e o fato B o se realizar o fato C. (ALMEIDA, 1980: 165)

Nesta pesquisa, o que importa é o eixo contínuo entre a ideia de possibilidade e a ideia de probabilidade que será observado na análise dos dados das perífrases selecionadas. Segundo pontuado pelo pesquisador, a ideia de possibilidade corresponde a uma etapa anterior à ideia de probabilidade. Quando a possibilidade se torna uma necessidade devido às interseções provocadas pelos elementos periféricos à estrutura verbal, passa-se para uma ideia de obrigação, conforme se observa no exemplo:

(CC6) : Ele pode correr para não morrer infartado.

Esta frase dita, por exemplo, por um médico, é uma forma polida de obrigar o paciente a correr, mesmo utilizando-se de um modal de probabilidade. O elemento periférico ligado à perífrase modal pela preposição de finalidade **para** contribui para o aspecto obrigatório, não comum ao valor de probabilidade ou possibilidade do verbo auxiliar **poder**.

O trabalho de Meyer (1980), por outro lado, se baseia na teoria da enunciação. Segundo esta teoria, o processo verbal é a instância de produção do discurso que pode ser percebido linguisticamente através de elementos presentes no enunciado. Uma vez que o enunciado é o resultado material da enunciação, ele é o texto e seus significados em uma situação determinada. Seu trabalho baseia-se no estudo da língua em uso, tendo como forma de coleta principalmente a fala contextualizada.

Baseada em uma pesquisa bibliográfica orientada pelos gramáticos Celso Cunha (1970), Silveira Bueno (1964) e Antenor Nascentes (1960), a autora estabelece os pontos de encontro nos conceitos relacionados à modalidade. Para ela, todos interrelacionam a noção de modo com a de expressividade ou afetividade, compartilhando a postura de subjetividade comum à literatura sobre o tema, como descrevemos em Almeida. A seguir, Meyer (1980) aponta uma

distinção entre **modalidade** e **modalização**. Consoante a teoria enunciativa utilizada, a diferença está no seu plano de atuação: “enquanto a primeira se refere ao enunciado, ao produto, a segunda se refere à enunciação, à produção”.

Como sua perspectiva volta-se para a fala, concentrando-se no estudo da língua em uso, seu estudo focaliza a modalização, a qual ela define como a adesão, ao compromisso que o falante estabelece com o enunciado. Por meio das suas palavras:

Ao produzir um enunciado seu locutor pode responsabilizar-se pelo que diz, tomar aquele enunciado como efetivamente seu, concordar com ele ou não: pode esquivar-se ao encargo da veracidade, do peso, da importância do que está sendo dito. Esta atitude – de assunção ou fuga – é, para nós, a modalização. Encontraremos modalização, portanto, em todos os discursos: sempre o locutor terá que se posicionar quanto ao que estiver dizendo; poderá ser definitivo, enfático, reticente, cético, não importa. Uma atitude sua estará sempre visível – em maior ou menor grau – no enunciado (MEYER, 1980: 34)

Dessa forma, o trabalho de Meyer (1980) explora outros conceitos comuns à enunciação, como a distância, a transparência e a tensão desse falante. A modalização é o compromisso mantido pelo falante com o enunciado, ao invés das motivações emocionais que o teriam levado a produzi-lo. Nesta perspectiva, o componente verbal é apenas um elemento responsável por estabelecer a relação modal vinculada na sentença.

De acordo com a reflexão dos autores acima e o levantamento dos dados das estruturas modais, procuramos então observar tanto o sentido derivado dessas perífrases verbais, como também, as interferências semânticas provocadas, por exemplo, pelos advérbios.

3.4.1

A perífrase verbal dar + para + forma nominal infinitiva

O verbo auxiliar que, nesta perífrase, funciona como um modal possui o significado tanto de probabilidade e possibilidade quanto de obrigação e necessidade.

Sua ocorrência em sentenças afirmativas normalmente está ligada à probabilidade ou possibilidade de o acontecimento ou evento ser apresentado na forma nominal. Entretanto, em nossos dados, outros casos apareceram: a estrutura

perifrástica pode desempenhar também o papel de auxiliar aspectualizador inceptivo quando precedida por um sujeito [+animado], como em:

(CO10): Quando eu digo que esse pessoal dos Jardins vive no mundo da lua... Uma casa na rua Polônia agora **deu para ostentar** um cartaz que diz assim: «Família muda vende»

Esta frase, retirada do corpus, apresenta a perífrase desempenhando o papel de aspectualizador inceptivo, ou seja, pode-se parafraseá-la com a seguinte estrutura: “começou inesperadamente a ostentar”. Porém, a locução verbal não perde totalmente o seu significado modal apresentado nesta seção. Para que ela funcione como inceptiva, anteriormente a probabilidade da sua ação tem que ter sido calculada. Assim, da mesma forma como proposto por Almeida, o continuum entre as ideias de probabilidade e obrigação pode ser expandido para as ideias aspectualizadoras inceptivas quando diante de um sujeito [+animado]. O sujeito da oração em destaque “O pessoal dos Jardins que mora numa casa na rua polônia” sofre uma elipse no contexto, possuindo, assim, o traço [+animado], exigido pela própria forma nominal “ostentar”.

Outro caso que se deixou de analisar neste estudo devido à falta de dados encontrados em nosso corpus virtual para a observação são os encontrados em estruturas como a criada abaixo:

(CC10): Juliana dá para ser professora.

Nesta estrutura, a perífrase pode ser parafraseada pelas expressões **ter capacidade, habilidade para**. O continuum significativo que inicia sua ideia em probabilidade e possibilidade, indo para a ideia de capacidade e a habilidade para algo, e terminando no aspectual inceptivo propriamente da ação da forma nominal, serve para a explicação deste outro caso. Quando esta estrutura passa pela ideia de necessidade, ela, de forma pressuposta, é considerada útil: algo necessário é, no mínimo, útil e serve para o falante. Esta reflexão, entretanto, deve ser fruto de um trabalho futuro, vista a complexidade do tema para esta proposta.

Pode-se resumir o continuum já observado por Almeida, complementando-o com a proposta abaixo para a análise da perífrase.

(1) POSSIBILIDADE E/OU PROBABILIDADE: (CO62): No Brasil, só dá para ser professor com muita abnegação.

(2) CAPACIDADE E/OU HABILIDADE: (CC10): Juliana dá para ser professora.

(3) ASPECTUALIZADOR INCEPTIVO: (CO10): Quando eu digo que esse pessoal dos Jardins vive no mundo da lua... Uma casa na rua Polônia agora deu para ostentar um cartaz que diz assim: «Família muda vende»

3.4.2

A perífrase verbal **ser** + **para** + forma nominal infinitiva

Considera-se que o verbo **ser** nesta estrutura perifrástica funciona como um auxiliar modal de obrigação e de finalidade.

Conforme apresentamos anteriormente, a modalização é uma estratégia do falante de comprometer-se com o enunciado. A ideia do continuum de ideias que utilizamos com a estrutura perifrástica acima também funcionará para a proposta com o verbo auxiliar **ser**. Quando utilizamos um modal de obrigação, prospectivamente nos interessamos em estabelecer uma ideia de finalidade ligada à ação principal. Dessa forma, a finalidade estabelecida pela preposição **para** ligada ao verbo **ser** possui como pressuposto a obrigação da sua ação. Esta estratégia pode ser uma forma polida e recorrente no falar indiretivo brasileiro.

A indiretividade, como também a pressuposição, estão ligadas à Teoria dos Atos de Fala de Austin. Embora o projeto deste trabalho não aborde diretamente aspectos pragmáticos da linguagem, fundamentando-se em uma teoria descritiva funcionalista, acredita-se que, neste tópico, seja importante observar mais detalhadamente o caráter indiretivo da linguagem relacionado à modalização. Através de Mitrano-Neto (1997), inicia-se esta reflexão:

Segundo Morgan (1978: 279), além das convenções de significação e de regras de combinação semântica, os usuários da linguagem possuem o conhecimento acerca das convenções que regulam o uso de tais significados em determinadas ocasiões, com determinados propósitos. Blum-Kulka (1981: 92–3) relata que, em hebraico, algumas estratégias indiretas (e.g. "I may be wrong but..." – "Eu posso estar errado mas...") são linguisticamente possíveis mas socialmente inaceitáveis – um exemplo de convenção de

uso. Em húngaro, o pedido indireto é feito por meio de "verbos do conhecimento" (verbs of knowledge— know [saber]) e, não, por verbos de habilidade – convenção de significação. A questão em pauta é, portanto, a de perspectiva de análise pragmática. A indiretividade terá um aspecto pragmalinguístico (o caso do húngaro) e um outro de ordem sociopragmática (o caso do hebraico), na terminologia de Leech (1983). (MITRANO-NETO, 1997: s/p)

Este trecho evidencia a ligação entre a modalidade e a indiretividade linguísticas. Em línguas como o inglês e até o português, as estruturas modais são linguisticamente possíveis e socialmente aceitáveis. Esta reflexão supracitada revela a complexidade da indiretividade ligada ao componente cultural da sociedade que a produz, unindo, portanto, a pragmática ao campo da sociolinguística. Em português brasileiro, as estruturas indiretivas são tão fortes que as perífrases verbais podem ser utilizadas sem um aparente teor modal para, por mecanismos de pressuposição, evocarem esta intenção ou comprometimento do falante com o que se diz.

A indiretividade brasileira, por sua vez, pode ser entendida na explicação de Petterson (2004), segundo a perspectiva intercultural.

By failing to say “No” when that is what they meant, they were not lying; rather they may have felt it was best to be indirect in order to keep things harmonious, and after all, they knew things would work out. (PETTERSON, 2004: 39)

Petterson (2004) complementa seu texto com uma tabela em que se apresentam as características de uma cultura indiretiva. Alguns aspectos pontuados pelo autor são: (a) entender que o foco não está no que se diz, mas como se diz; (b) evitar, sempre que possível, conflitos, (c) expressar visões e opiniões sempre de maneira diplomática, (d) contar com a colaboração do ouvinte para a interpretação do real significado da sentença.

Esta reflexão demonstra como o estudo descritivo da língua não vem separado do conhecimento cultural e pragmático da mesma, não devendo, portanto, o professor de L2 separá-lo no ensino de Português para Estrangeiros. Cabe apresentarmos ainda dois exemplos retirados do corpus desta pesquisa com o intuito de tornar a explicação sobre a perífrase mais clara.

(CO17): Esta maratona não é para correr a pé mas sim de bicicleta, são 500km non stop para ser concluída até 66 horas (GOOGLE)

(CO19): Bonilha esclarece que contratação de médicos é para oferecer “melhor atendimento enquanto estado de estabiliza”

Nas duas frases retiradas dos dados desta pesquisa, consegue-se perceber a pressuposição da obrigatoriedade ante a finalidade da mesma. Na sentença 01, o objetivo da maratona é que ela seja corrida a pé, ao invés de bicicleta. Este objetivo possui como pressuposto indireto a obrigação da não utilização de bicicleta nas corridas. Da mesma forma, na sentença 02, o objetivo da contratação de médico está no fato de eles oferecerem melhor atendimento. Este objetivo possui como pressuposto indireto a obrigação dos médicos em atender aos pacientes da melhor forma possível.

Neste item, focamos nossa análise sobre o primeiro elemento da perífrase verbal considerado como verbo auxiliar. Procuramos definir esta concepção de auxiliaridade segundo Pontes (1973) e demonstramos os testes sintáticos aplicados nas estruturas perifrásticas para identificar um verbo como auxiliar segundo a proposta de Rodero-Takahira (2012). Após isso, aplicamos a noção de aspectualidade do verbo auxiliar proposta por Almeida (1980) nas perífrases que optamos por analisar neste trabalho (**passar + a + forma nominal infinitiva e deixar + de + forma nominal infinitiva**). Apresentamos também a definição do mesmo autor Almeida (1980) e a da autora Meyer (1980) para aquelas estruturas consideradas modais. No próximo item, revisamos a bibliografia que discorre sobre a utilização de corpus nos trabalhos atuais, para isso, apresentamos os conceitos-chave referentes à linguística de corpus e os relacionamos com a sua aplicabilidade no ensino de português como segunda língua.

4 Metodologia

Neste capítulo, apresentamos as justificativas e as escolhas metodológicas adotadas para esta dissertação, como também de que forma essas escolhas são aplicadas sobre o corpus. Dessa forma, segmentamos este tópico em três partes principais.

a) Seleção das perífrases verbais - onde explicamos por que selecionamos quatro perífrases para estudo.

b) Seleção dos corpus - onde explicamos o motivo que nos levou a selecionar um corpus virtual e quais as vantagens e desvantagens dessa escolha, como as saídas que escolhemos para solucionar essas desvantagens a fim de apresentar dados verossímeis sobre a comunidade linguística com a qual o aluno estrangeiro conviverá ao aprender a língua portuguesa.

c) Codificação dos dados - onde apresentamos a forma como foi planejada a codificação das sentenças baseada nos corpora coletados online.

4.1 Linguística de Corpus.

Segundo Sinclair (2005), corpus é uma coleção de documentos produzidos naturalmente, com uma dimensão considerável em formato eletrônico, podendo ter informações linguísticas associadas (corpora anotados) ou não (corpora não anotados), conforme podemos observar pela citação abaixo:

A corpus is a collection of pieces of language text in electronic form, selected according to external criteria to represent as far as possible, a language variety as source of data for linguistic research. (SINCLAIR, 2005: s/ pg.)

Sinclair, antes de apresentar sua definição, explica a preferência por certas palavras empregadas nessa definição. Segundo ele, os corpora devem ser baseados em uma linguagem produzida de maneira espontânea e devem ser capazes de serem lidos por máquinas. Os textos que integram o corpus devem, ainda, ser selecionados segundo sua representatividade linguística e adequação ao propósito da pesquisa, que pode ser variado.

O trabalho com corpus tem trazido para a Linguística em geral uma experiência mais empírica, por ser baseado em coletâneas de textos autênticos, ou seja, produzidos em contextos situacionais específicos tanto em modalidade escrita quanto oral. Dessa forma, o estudo da linguagem deixa de se basear em intuições dos falantes ideais, conforme defendido por Chomsky (1972), tendendo a uma maior naturalização das evidências linguísticas, conforme nos aponta Maciel (2005):

Nesse contexto, a Linguística de Corpus abre novos caminhos para que o professor e aluno percebam, a partir de realizações textuais autênticas, a complexidade do inter-relacionamento do léxico, da sintaxe e da semântica e possam fazer suas descobertas selecionando elementos lexicais e regras gramaticais de acordo com significado que desejam expressar na comunicação. Em tal integração, torna-se possível desenvolver a conscientização linguística e a autonomia do aluno no uso da língua, tão valorizadas no processo pedagógico-didático da comunicação linguística. (MACIEL, 2005: 129)

Essa imparcialidade da percepção do autor na produção de dados é fundamental para o ensino de segunda língua. Considerando-se que os materiais preparados para estrangeiros são idealizados por falantes nativos, esse processo de desautomatização da língua pode ser auxiliado por essa metodologia de pesquisa. A intuição do falante nativo nem sempre pode ser considerada como confiável por não representar uma visão que seja consciente e abrangente da língua em seus diversos contextos de uso. O falante nativo irá priorizar aqueles contextos aos quais ele é exposto e dos quais possui maior domínio de uso, o que, portanto, revela o caráter duvidoso da criação dos próprios dados de análise.

Além disso, a Linguística de Corpus permite que a língua seja analisada tanto no eixo paradigmático, por meio das frequências e lemas, como no eixo sintagmático, através das linhas de concordância. Essa interação entre os eixos saussurianos revolucionou a visão da linguagem modular, em que o léxico e a gramática eram vistos como pares indissociáveis:

In this respect, it can be said that the corpus revolution has introduced a new theoretical perspective on linguistic structuring: one in bold contrast to the mainstream paradigm of Chomsky (e.g. Chomsky 1965:84-88) whereby grammar and lexicon are two clearly distinct components. It also challenges a tradition long established in language study, whereby grammars and dictionaries provide distinct kinds of information about a language, and are published in separate covers. (LEECH, 2011: 12)

4.2

Linguística de Corpus e o ensino de Português para Estrangeiros

A Linguística de Corpus em Língua Portuguesa começa na década de 60 em Portugal e na década de 70 é desenvolvida no Brasil por meio do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), que descreveu a língua falada em 5 grandes capitais, produzindo diferentes corpora orais. Os corpora anotados, entretanto, começaram nos anos de 1993, através de anotações de erros como suporte e criação de corretores gramaticais em língua portuguesa.

Atualmente, em Portugal, a Faculdade de Lisboa usa os corpora tanto como materiais para a aplicação do método comunicativo, não só por meio de um contato direto com usos reais e diversificados da língua alvo, como também para refletir sobre a língua, através da documentação que registra as opções de anotação desses corpus.

Dois grandes projetos relacionam a Linguística de Corpus com o PL2E. Um deles chama-se Português Falado, Variedades Geográficas e Sociais. Trata-se da produção de material didático para alunos do nível B1 ao C2, com o intuito de oferecer áudios com transcrições de situações de fala reais e divulgar os resultados das análises lexicais, sintáticas e discursivas com base nesse próprio sub-corpus. O outro projeto chama-se Dicionário de Combinatórias do Português e procura identificar grupos de palavras com diferentes graus de cristalização e de proximidade entre os elementos. (BACELAR DO NASCIMENTO, 1997).

No Brasil, os estudos que envolvem Linguística de Corpus estão ligados ao ensino de Português na Universidade Federal Fluminense, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, principalmente. O artigo de Berber Sardinha (1999) é considerado como o primeiro trabalho de corpus em PL2E; sua pesquisa mostra o resultado da exploração de um corpus coletado da internet para o ensino de português na Grã-Bretanha. Em comum, Brasil e Portugal possuem um grande corpus que é mantido virtualmente para a utilização de pesquisadores ou professores através do site da Linguatca (SANTOS, 2011).

A Linguatca surgiu com os materiais contrastantes obtidos no protótipo pedagógico chamado Portuguese Norwegian Translation Examples (PoNTE), criado para o desenvolvimento de tradução entre o Português e o Norueguês. A partir de 2012, o projeto vem envolvendo uma equipe de investigadores de vários países em que o principal objetivo é tornar a plataforma um centro de recursos gratuitos para o

processamento computacional da língua portuguesa. Além disso, a plataforma possui uma gramática descritiva da língua que foi feita através da anotação realizada pelos pesquisadores dos dados encontrados para os Corpus ali armazenados, como também, uma produção de ferramentas educacionais, como o Ensinador (Simões e Santos, 2011), que foram desenvolvidos para fornecer material didático em formato de teste.

Nossa proposta utiliza a plataforma Linguateca com o objetivo de analisar os dados disponíveis, a fim de responder aos nossos objetivos descritivos da língua portuguesa com um viés voltado para o ensino de português como segunda língua. Dessa forma, analisamos as línguas em dois eixos: no eixo paradigmático, temos a seleção dos verbos escolhidos para essa pesquisa, a ocorrência das suas manifestações com as preposições e seus verbos principais; no eixo sintagmático, temos a seleção das linhas de concordância que foram selecionadas para exemplificar os fenômenos sintáticos que consideramos mais recorrentes em nossa observação dos dados.

No capítulo que se segue, a partir das reflexões das referências acima adotadas como pressupostos teóricos que contribuem diretamente para esta pesquisa, apresentamos qual foi a metodologia utilizada para a coleta, a seleção e a classificação dos dados.

4.3

Seleção das perífrases verbais

O objetivo geral desta proposta descritiva é apresentar os movimentos de flutuação semântica ocorridos em verbos quando colocados em uma estrutura perifrástica. Para isso, recorreremos à literatura que estuda este tipo de estrutura e procuramos identificar quais são as locuções perifrástica mais analisadas. Paralelamente, consideramos os verbos que apresentaram maior recorrência dentro dos nossos corpus.

Como afirmamos anteriormente, observamos que as perífrases geralmente são segmentadas quanto ao seu papel aspectual, modal e temporal. Esta pesquisa compartilha da perspectiva de que a alteração aspectual, modal e temporal nos verbos é sinônimo de uma flutuação semântica em sua estrutura interna. No entanto, expande-se este modelo formal para uma concepção semântica que pretende demonstrar também uma diferença de significado entre o verbo tomado isoladamente e a sua estrutura perifrástica.

A partir dessas considerações, selecionamos quatro verbos para ocupar a posição de auxiliar nas estruturas perifrásticas, estes são: **passar, deixar, dar e ser**.

O fator que nos levou a selecionar estes verbos foi a alta recorrência dos mesmos tanto no Corpus como na posição de verbos auxiliares na proposta das perífrases verbais que analisamos neste trabalho, como podemos observar nas tabelas retiradas do corpus (CORPUS BRASILEIRO, 2015) selecionado para esta análise:

Ocorrência dos verbos no Corpus:

VERBO	POSIÇÃO	OCORRÊNCIA
SER	1	16880594
DAR	2	798568
PASSAR	17	545512
DEIXAR	29	317942

Tabela editada a partir do resultado obtido na pesquisa no dia 24 de outubro de 2015.

Ocorrência dos verbos na perífrase [VERBO + PREPOSIÇÃO + VERBO]
no Corpus:

PRIMEIRA POSIÇÃO NO COMANDO: [pos="V"] [pos="PRP"] [pos="V"]
2246512 casos.

Houve 14049 valores diferentes de lema.

VERBO	POSIÇÃO	OCORRÊNCIA
PASSAR	1	180553
DEIXAR	4	88866
SER	15	28782
DAR	18	23333

Tabela editada a partir do resultado obtido na pesquisa: no dia 16 de junho de 2015.

Após a checagem da recorrência dos verbos, averiguamos quais as preposições mais recorrentes dentro desta fórmula perifrástica. Os resultados estão expostos abaixo:

VERBO PASSAR

179215 casos encontrados.

Preposição	Recorrência
a	177038
para	1088
por	461

VERBO SER

28782 casos encontrados.

Preposição	Recorrência
para	17013
a	3960
por	1201

VERBO DEIXAR

86393 casos encontrados

Preposição	Recorrência
de	83073
a	1563
para	1011

VERBO DAR

232999 casos encontrados.

Preposição	Recorrência
para	12377
de	9377
a	4271

Tabelas editadas a partir do resultado obtido na pesquisa no dia 24 de outubro de 2015.

O segundo fator que nos impulsionou para a escolha desses verbos é a necessidade de uma literatura científica que possa relacionar suas perífrases com o ensino de português como segunda língua. Os verbos **dar** e **ser** foram explorados no ensino e na pesquisa do português para estrangeiros desde sempre, mas pouco se encontra nas referências sobre a utilização desses verbos como elementos de perífrase verbal, ainda mais, pensando-os como possíveis modalizadores sintáticos, como apresentamos na análise no capítulo 03.

A vasta bibliografia do verbo **ser**, tanto nos livros didáticos, gramáticas como também nos trabalhos científicos, aborda-o pelo prisma da sua oposição com o **estar**, a fim de tentar contribuir para a funcionalidade dessas estruturas em sentenças, mas não usualmente sobre uma perspectiva modal, como apresentaremos com a estrutura **ser + para + verbo**.

O verbo **dar**, diante da sua complexidade de estruturas perifrásticas, é analisado ora isolado, ora como verbo suporte de locuções como **deu aula**, **deu esmola**. Não encontramos uma análise em que se apresente a sua estrutura como um verbo modalizador em perífrases verbais voltada para o ensino de português como segunda língua. Neste trabalho mostraremos como essa estrutura é possível, com a perífrase **dar + de + verbo**.

O verbo **passar** é analisado nos materiais didáticos normalmente como um verbo de movimento, frisando o seu uso isolado. Nesta proposta, trazemos a perífrase aspectual em que os traços semânticos de movimento espacial são levados a uma instância temporal, provocando essa alteração aspectual, como explicaremos detalhadamente no capítulo seguinte. Assim também, com o verbo **deixar**, que é analisado nos materiais destinados ao ensino de português como segunda língua de forma isolada, à qual pretendemos acrescentar uma visão perifrástica.

Esta pesquisa pretende, portanto, unir uma tradição de análise descritiva das perífrases mais voltada para a sua alteração aspectual nas estruturas verbais a uma tradição focada nos verbos isolados no ensino de Português para Estrangeiros. Essa combinação produzirá expressões tais que a um olhar funcional permitam detectar a importância semântica adquirida pelos verbos enquanto componentes de uma estrutura perifrástica e de que forma essa alteração é capaz de modificar toda a sentença, selecionando diferentes argumentos.

Vale acrescentar também que esta pesquisa apresenta não apenas uma única paráfrase para os verbos acima, mas as possibilidades de flutuação semântica desses verbos ocupando a posição de auxiliar em uma perífrase verbal. Pretende-se demonstrar como a unicidade de um verbo com o outro em um composto formal considerado perífrase altera a semântica de ambos, criando uma nova fórmula semântica.

Como demonstramos anteriormente no tópico 3.1, não poderíamos, entretanto, analisar essas perífrases verbais sem considerarmos os tempos em que elas podem ocorrer. A alteração do tempo com determinados argumentos pode modificar a semântica e produzir novos resultados, como observamos nas estruturas formadas pela perífrase **ser + para + verbo**. Observemos o exemplo abaixo:

(CO17): Esta maratona não é para correr a pé, mas sim de bicicleta, são 500km non stop para ser concluído até 66 horas.

(CO17): Esta maratona não foi para correr a pé, mas sim de bicicleta, são 500Km non stop para ser concluído até 66 horas.

Na primeira sentença, a ideia de modalidade de obrigação é mais clara que na segunda, ou seja, na sentença com o infinitivo acional básico, o objetivo da corrida em ser feita de bicicleta pressupõe a obrigatoriedade da mesma, enquanto na segunda sentença, temos a já realização concluída da ação, com o objetivo já alcançado, e a obrigação da ação já realizada. Essa alteração na perspectiva do momento da fala altera o significado da perífrase.

Diante desse exemplo acima exposto, decidimos selecionar os tempos **presente do indicativo** e **pretérito perfeito do indicativo** para compararmos as alterações possíveis decorrentes deste componente formal na paráfrase da perífrase verbal.

4.4

Seleção do corpus

Neste trabalho, utilizamos um corpus virtual disponível na plataforma online Linguateca localizada em “<http://www.linguateca.pt/ACDC/>”. Para esta pesquisa, selecionamos o corpus chamado “Corpus Brasileiro”. O Corpus Brasileiro é um corpus anotado sintaticamente através do projeto PALAVRAS, contendo alguma anotação semântica nos atributos **sema** e **grupo**. Este projeto foi coordenado pelo pesquisador Tony Berber Sardinha, com financiamento da Fapesp. A opção por este corpus, dentre os outros, é devida aos altos números de dados da sua coletânea. Com aproximadamente um bilhão de palavras da variante do português brasileiro no ano de 2015, conseguimos a) identificar quais são os verbos de maior recorrência; b) identificar as perífrases apresentadas no sub-tópico a); c) ler as linhas de concordância e avaliar a pluralidade dos dados baseados na sua realidade linguística; e d) selecionar grupos de estruturas perifrásticas específicas e observar como essas estruturas se comportam. Todos esses dados estão disponíveis gratuitamente a qualquer interessado devido ao Projeto AC/DC (Acesso a Corpos/ Disponibilização de corpos) que se iniciou em 1999 e pretende juntar os corpus de origem brasileira e portuguesa em uma única plataforma online acessível e completa.

Entretanto, como falantes nativos de português, detectamos algumas estruturas passíveis de ocorrência que não foram encontradas no corpus selecionado. Por conta disso, decidimos coletar essas estruturas utilizando-nos da plataforma Google, em www.google.com.br. Para a coleta de dados na plataforma Google, colocamos a perífrase verbal constituída do seu verbo auxiliar, da preposição e do verbo principal no tempo do presente do indicativo, sobre os quais pretendíamos achar evidências ainda não encontradas no corpus virtual. Através do resultado da busca de pesquisa, selecionamos a sentença que melhor se vinculava à proposta deste trabalho e a acrescentamos ao nosso corpus. Vale destacar que a quantidade desses casos é ínfima em comparação com aos retirados do AC/DC.

Um dos principais interesses desta pesquisa é alertar o professor de português para estrangeiros quanto à importância de ensinar estes tipos de estruturas na sua prática pedagógica; por conta disso, optamos por utilizar estas duas plataformas online de forma

conciliadora, para cobrir o maior número de dados possíveis. Na plataforma Google não tivemos acesso a tantos recursos e ferramentas como na plataforma da Linguatca, mas, por outro lado, encontramos as ocorrências de perífrases não encontradas na Linguatca.

4.5

Codificação de Dados

Diante da variedade de dados encontrada em duas plataformas básicas de acesso diferentes (Google e Linguatca), foi necessária uma codificação clara que auxiliasse tanto o pesquisador, na produção e coleta dos dados, como o leitor. Além das plataformas de coleta, há ainda os dados alterados pelo pesquisador para a comparação entre estruturas do presente do indicativo com as estruturas do pretérito perfeito do indicativo, codificadas de uma forma diferente. Para contemplar essa multiplicidade de dados, produziu-se a seguinte codificação, apresentada no quadro 02 abaixo:

SIGLA	NOME	EXPLICAÇÃO
(CO)	corpus obtidos	Dentro do corpus obtido estão as sentenças que encontramos por meio da plataforma virtual Linguatca e Google. As frases retiradas da plataforma Google, por representarem um número não muito expressivo, estão indicadas após a sentença da seguinte forma: (GOOGLE)
(CA)	corpus alterados pelo pesquisador	Este código representa as sentenças que foram alteradas pelo pesquisador para outros tempos verbais a fim de demonstrar alguma alteração na estrutura perifrástica.
(CC)	corpus criados	Este código representa as frases que foram criadas pelo pesquisador e que ocorrem apenas em uma parte específica do pressuposto teórico e do capítulo 02, a fim de demonstrar o motivo pelo qual preferimos selecionar corpus reais ao invés de usar dados criados pelo pesquisador.

Título "Codificação dos dados"- Quadro 02

5

Análise dos dados

Neste capítulo, conforme descrito na metodologia, apresenta-se a análise dos dados retirados do Corpus Brasileiro. A seleção dos verbos considerados como principais em nossas perífrases verbais está baseada na classificação proposta pela gramática de Peres (1984), a qual está representa no anexo 01.

Mostramos então como a seleção das formas nominais junto às ideias aspectuais, modais e intensificadoras dos verbos auxiliares, apresentadas no capítulo anterior, criam um novo significado para a estrutura perifrástica. Comentamos ainda a interferência do tempo verbal na PV, embora nesta proposta apenas sentenças que possuem o verbo auxiliar ora no presente, ora no pretérito perfeito são comparadas. As frases selecionadas do corpus passam, portanto, por um processo de modificação de alteração do tempo verbal dos auxiliares, modificação esta realizada pelo pesquisador, a fim de ajustá-las a esta proposta. Acreditamos que a comparação destas frases em outros tempos verbais que não o presente e o pretérito perfeito do indicativo, em trabalhos futuros, poderá gerar novos resultados; nesta pesquisa, porém, nos detemos a estes dois tempos verbais.

5.1

Perífrases modalizadoras

A partir dos conceitos sobre as perífrases modais apresentados no capítulo 03, analisamos a seguir as perífrases constituídas com os verbos auxiliares **dar** e **ser** seguidas pela preposição **para** e uma forma nominal infinitiva.

5.1.1

Perífrase dar + para + forma nominal infinitiva

Esta seção apresenta as combinações semânticas possíveis do predador **dar + para** com o predador na forma nominal infinitiva, mostrando, assim, os resultados dessa somatória.

5.1.1.1

Dar + para + infinitivo acional

Quatro sentenças diferentes foram selecionadas, todas retiradas do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO ACIONAL BÁSICO: (CO1) Estou numa cela de 5 m por 5 m. Não **dá para correr** nem para se exercitar», disse em entrevista à revista

INFINITIVO ACIONAL EXPERIENCIAL: (CO2) Algumas coisas simplesmente não **dá para explicar**.

INFINITIVO ACIONAL POSSESSIVO: (CO3) Não **dá para receber** o que aconteceu de forma natural, mas estou tentando manter o nível e a classe», afirmou.

INFINITIVO ACIONAL LOCATIVO: (CA4) Como não **dá para sair** do ônibus, os moradores da favela trouxeram comida, salgadinho e bebida», disse Mariana.

Nos quatro exemplos acima, as perífrases verbais utilizam a estrutura **dar + para + forma nominal infinitivo**, sejam elas: **dá para explicar, dá para correr, dá para receber, dá para sair**. Das quatro frases, apenas a última, com infinitivo acional locativo, foi alterada pelo pesquisador para o presente; as demais já estavam neste tempo.

Nestes dados, observou-se como é recorrente o uso da negação neste tipo de perífrase. Em todos os casos, a significação da perífrase refere-se à possibilidade da realização do verbo na forma infinitiva, podendo substituir a locução pela paráfrase **é possível**.

Interessa a esta pesquisa, que pretende se dedicar aos alunos estrangeiros aprendizes de português, explicar o porquê da existência da perífrase frente a sua forma parafraseada, ou seja, entender a diferença entre a forma **é possível explicar** e a forma **dá para explicar**. Especialmente, neste caso, esta explicação ajudará a entender a recorrência da negação nesta locução verbal.

Para isso, portanto, recorre-se ao trabalho realizado por Davel (2011) sobre as estruturas com o verbo-suporte **dar + um sintagma nominal**. Neste trabalho, Davel (2011) se propõe a diferenciar essas formas, utilizando-se dos seguintes exemplos:

Ana deu uma molhada no jardim. X Ana molhou o jardim.
Ana deu uma arrumada no quarto. X Ana arrumou o quarto. (DAVEL, 2011:16)

Para Davel (2011), esta oposição entre as perífrases, a que ela chama de deverbais, e as formas simples dos verbos está na eufemização recorrente no primeiro caso, isto é, ao dizer a sentença com o verbo suporte pode-se afirmar que ela molhou o jardim rapidamente, ou que o quarto foi brevemente arrumado, enquanto na sentença com a forma simples do verbo tem-se a ideia de que o quarto e o jardim por inteiro foram arrumados. Prosseguindo com a reflexão da autora:

O quarto precisa ser rapidamente arrumado. Ana vai dar uma arrumada no quarto.
Ana, vai dar uma arrumada no quarto prá mim? É Uma arrumadinha só... (DAVEL, 2011: 16)

Tomemos a estrutura com o verbo suporte na interrogação. Esta interrogação cumpre a função de solicitar a execução de uma ação, agregando, por meio da locução verbal, um atenuador modalizador da sentença. Comparando-a com a forma simples do verbo **arrumar**, percebe-se logo esta diferença.

Ana, vai dar uma arrumada no quarto prá mim? Ana vai arrumar o quarto prá mim?
(DAVEL, 2011: 16)

Assim, a autora conclui sobre este tipo de estrutura:

As perífrases dar uma x-da (deverbais), em geral, manifestam-se como formas modalizadoras da linguagem, devido ao caráter de atenuação, de diminutivização e de brevidade que denotam. (DAVEL, 2011: 17)

A hipótese da nossa pesquisa é que este caráter da atenuação, da diminuição e da brevidade é comum à estrutura perifrástica verbal em análise. Dessa forma, entre a sua paráfrase é **possível** e a estrutura **dar + para + infinitivo**, considera-se que a locução verbal é uma modalização ainda mais atenuada do que a estrutura é **possível**; por isso, a sua recorrência com a negação.

Um traço cultural do brasileiro é a indiretividade. No campo do Interculturalismo, as línguas e suas respectivas culturas podem ser diretivas, i.e., aquelas em que o conteúdo de um ato comunicativo passa principalmente pelo enunciado verbal ou indiretiva, i.e., aquelas em que o conteúdo é transmitido não só pelo verbal, mas também por todos os elementos extra-linguísticos que o cercam (expressão, postura corporal, contexto etc.). Entre as características comuns a este traço cultural estão as iniciativas diplomáticas na comunicação. Um exemplo dessa atitude diplomática é a tentativa de evitar a negação ou usá-la da maneira a mais eufêmica possível. Observem-se os exemplos abaixo:

(CA1): “Estou numa cela de 5m por 5m. Não **corro** nem **exercito**” disse em entrevista à revista.

(CA1): “Estou numa cela de 5m por 5m. **Não é possível correr** nem se exercitar” disse em entrevista à revista.

(CO1): Estou numa cela de 5 m por 5 m.. Não **dá para correr** nem **para se exercitar**», disse em entrevista à revista

Na primeira sentença não há qualquer tipo de modalização. Na segunda e na terceira, o falante se compromete com a sentença por meio da modalização de possibilidade. Na segunda, esta modalização é explícita na estrutura **é possível** e, na terceira, ela é atenuada pela perífrase verbal. A negação, portanto, será mais recorrente com estruturas modalizadoras que consigam ser o mais eufêmico possível.

A modalização da perífrase verbal **dar + para** é uma possibilidade, não necessariamente a realização da ação mantida pela forma nominal. Desta forma, a perífrase não será acional como a sua forma nominal, mas sim, posicional, tratando-se apenas de uma possibilidade da sua ocorrência.

Nas frases selecionadas para esta dissertação, todas as orações neste primeiro caso vieram precedidas pela negação. Entretanto, vale destacar que, nos casos em que a frase afirmativa vem no pretérito perfeito, a sentença mantém a perífrase acional. Observe-se o exemplo:

(CO5): E ainda **deu para sair** quatro gols na partida (2 a 2) .

Neste caso, os gols ocorreram, visto que o verbo auxiliar modalizador estava no pretérito perfeito do indicativo em uma sentença afirmativa. A possibilidade da ação ocorreu no passado, resultando na sua efetuação no momento em que o falante a enuncia.

Apresentamos, portanto, as seguintes fórmulas de análise:

- No presente:

dar + para + acional. = Perífrase posicional

não + dar + para + acional. = Perífrase posicional

- No pretérito perfeito:

dar + para + acional. = Perífrase acional

não + dar + para acional. = Perífrase posicional

5.1.1.2

Dar + para + infinitivo processual

Três sentenças diferentes foram selecionadas, todas retiradas do nosso corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO PROCESSUAL BÁSICO: (CA6) Não **dá pra nascer**... Nascer alguém famoso?

INFINITIVO PROCESSUAL EXPERIENCIAL: (CO7) A diferença é que **dá para acordar** tranquilamente, ligar a TV e, pela milésima vez, se for o caso, ver este filme de Stanley Donen e Gene Kelly sem tédio ou apatia.

INFINITIVO PROCESSUAL LOCATIVO: (CA8) Essas súbitas águas devem ter irrigado a «ínfima sociedade» dos bichos ocultos nas gretas do jardim, pois **dão para aparecer** grandes lesmas que se puseram a traçar riscos de madrepérola no muro do quintal.

Os três exemplos acima possuem três perífrases verbais utilizando a estrutura **dar + para + forma nominal infinitivo**. Essas são: **dá para nascer**, **dão para aparecer**, **dá para acordar**. Dessas três frases, duas, as de infinitivo acional básico e locativo, foram alteradas pelo pesquisador para o presente. Não foi encontrado nenhum exemplo do infinitivo processual possessivo nos dados analisados, o que vai ao encontro da classificação proposta por Peres (1984: 119).

Os dois primeiros casos correspondem ao modelo apresentado com os infinitivos acionais, com a diferença de eles serem processuais. A paráfrase para a PV no infinitivo processual básico é **é possível**, e a perífrase altera-se para estativa. Vale ainda considerar que, nos casos das sentenças afirmativas, no pretérito perfeito, elas permanecem com o estado-de-coisa processual, da mesma forma que explicamos com as formas nominais acionais. Observemos o exemplo do infinitivo nominal experiencial alterado para o pretérito perfeito:

(CA7) INFINITIVO PROCESSUAL EXPERIENCIAL: A diferença é que **deu para acordar** tranquilamente, ligar a TV e, pela milésima vez, se for o caso, ver este filme de Stanley Donen e Gene Kelly sem tédio ou apatia.

Nesta sentença alterada, o processo de acordar já foi realizado no momento em que a frase é proferida pelo enunciador, fazendo com que a PV continue com o estado-de-coisa processual.

No terceiro caso, entretanto, ocorre um fenômeno diferente. No caso da forma infinitiva locativa, a perífrase não funciona mais como modalizadora, mas como aspectualizadora inceptiva com um tom de surpresa. A paráfrase para a locução seria **começam inesperadamente a aparecer**. A diferença, portanto, entre as locuções verbais **começar + a + forma nominal** e **dá + para + forma nominal** está no caráter inesperado da segunda, que normalmente vem acompanhada por uma oração subordinada ou coordenada que possua uma ideia causal ou explicativa, respectivamente, a fim de orientar o leitor ou ouvinte para o motivo de a ação ter se iniciado. Este emprego aspectual da estrutura é recorrente nos tempos do pretérito: como se deseja apresentar um juízo de valor do falante (a ideia de surpresa) sobre uma ação, é comum que esta ação já tenha ocorrido. A

frase original retirada do corpus estava no pretérito perfeito do indicativo, como se pode observar abaixo:

(CO8): Essas súbitas águas devem ter irrigado a «ínfima sociedade» dos bichos ocultos nas gretas do jardim, pois **deram para aparecer** grandes lesmas que se puseram a traçar riscos de madrepérola no muro do quintal.

A estrutura perifrástica mantém o aspecto da forma nominal processual, com um uso da locução **dá + para + verbo** que é extremamente produtivo no português e se fixou como uma expressão formulaica, termo proposto por Alencar (2004).

Portanto, pode-se sistematizar este estudo da seguinte maneira:

- No presente:

dar + para + infinitivo processual = Perífrase estativa (modalizador atenuador)

dar + para + infinitivo processual = Perífrase processual (aspectualizador inceptivo)

- No pretérito perfeito:

não + dar + para + infinitivo processual = Perífrase estativa (modalizador atenuador)

dar + para + infinitivo processual = Perífrase processual (modalizador atenuador)

dar + para + infinitivo processual = Perífrase processual (aspectualizador inceptivo)

Como no primeiro caso, a perífrase possui a ideia de modalização, não ocorrendo a realização da ação da forma nominal com a negação e/ou o presente do indicativo. Trata-se de uma especulação, uma possibilidade, uma probabilidade da sua ocorrência. Assim sendo, a perífrase não apresentará o aspecto processual comum à forma nominal, mas sim, o estativo. São diferentes porém o caso em que a perífrase apresenta uma ideia aspectualizadora inceptiva, focando-se no início da realização do verbo no infinitivo processual, e o caso em que a perífrase está

no pretérito perfeito em uma sentença afirmativa, sendo, portanto, uma perífrase processual.

5.1.1.3

Dar + para + infinitivo posicional

Três sentenças diferentes foram selecionadas, todas retiradas do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO POSICIONAL BÁSICO: (CO9) Tem muito mais família aí com um salário mínimo, não **dá pra sustentar** uma família .

INFINITIVO POSICIONAL POSSESSIVO: (CA10) Quando eu digo que esse pessoal dos Jardins vive no mundo da lua... Uma casa na rua Polônia agora **dá para ostentar** um cartaz que diz assim: «Família muda vende» .

INFINITIVO POSICIONAL LOCATIVO: (CA11) Se 25 % da receita de imposto não **dá para manter** dois turnos cada um de quatro horas, obviamente um aumento de 25 % para 30 % não forneceria recursos suficientes para ser atingido esse ideal.

Os três exemplos acima possuem três perífrases verbais utilizando a estrutura **dar + para + forma nominal infinitivo**. Essas são: **dá para sustentar, dá para ostentar, dá para manter**. Duas frases, as quais apresentavam infinitivo posicional possessivo e locativo, foram alteradas pelo pesquisador para o presente, conforme proposta apresentada no capítulo metodológico. Não foi encontrado nenhum exemplo do infinitivo posicional experiencial nos dados analisados, o que vai ao encontro da classificação proposta por Peres (1984: 119).

Neste caso, as perífrases com a forma nominal posicional locativa e básica funcionam como modalizadoras e vêm, como recorrente, na forma negativa. Todavia, a perífrase com o predicador posicional possessivo funciona como aspectualizadora inceptiva, podendo ser substituída por **começa inesperadamente a ostentar** ou **resolve ostentar**.

As estruturas perifrásticas com função aspectualizadora inceptiva possuem um sujeito com o traço semântico [+animado] atribuído pela forma nominal infinitiva e normalmente são acompanhadas de uma outra oração que esclareça a ocorrência deste uso da perífrase. A frase exemplo poderia ser reescrita pela seguinte frase: **Como eu sempre digo, esse pessoal dos Jardins vive no mundo da lua, e uma casa na rua Polônia agora dá para ostentar um cartaz que diz assim: «Família muda vende»**. Esta oração causal explica ao ouvinte o porquê do início de uma ação não esperada, não comum. Estas características, entretanto, não são suficientes para definir as ocorrências deste uso. Neste trabalho descritivo, pretende-se descrever a realização e o significado destas estruturas, estando à disposição do falante utilizá-los quando necessário.

O mesmo acontece com as estruturas processuais; neste caso, a perífrase será posicional quando ela mantiver a ideia modalizadora em uma sentença negativa ou afirmativa no presente e será acional, quando ela tiver a ideia aspectualizadora. No pretérito perfeito, por sua vez, o mesmo fenômeno ocorre: o estado-de-coisa permanece posicional quando a sentença vem precedida pela negação e nos demais casos a perífrase é acional, visto que a ação já ocorreu no passado, ocorrendo a variável [+ mutabilidade].

Conclui-se então que:

- No presente:

dar + para + infinitivo posicional. = Perífrase posicional (modalizador atenuador)

dar + para + infinitivo posicional. = Perífrase acional (aspectualizador inceptivo)

- No pretérito perfeito:

não + dar + para + infinitivo posicional = Perífrase posicional (modalizador atenuador)

dar + para + infinitivo posicional = Perífrase acional (modalizador atenuador)

dar + para + infinitivo posicional = Perífrase acional (aspectualizador inceptivo)

5.1.1.4

Dar + para + infinitivo estativo

Quatro sentenças diferentes foram selecionadas, duas retiradas do corpus virtual e uma retirada do portal Google, o que revela que há pouca recorrência deste tipo de estrutura nos corpora selecionados para esta pesquisa. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO ESTATIVO EXPERIENCIAL: (CO12) Não **dá para ignorar** o fato de apenas duas pessoas estariam recebendo quase US\$ 40 milhões.

INFINITIVO ESTATIVO BÁSICO: (CO13) **Dá para existir** amizade entre homens e mulheres? (Google)

INFINITIVO ESTATIVO POSSESSIVO: (CO14) Publicitários alegariam que, nas circunstâncias de um comercial de televisão, onde o tempo é de pouco mais de um minuto, não **dá para apresentar** coisas novas .

INFINITIVO ESTATIVO LOCATIVO: (CA15) Na questão sobre megalópoles, não **dá para localizar** o que era solicitado», diz

Quatro perífrases verbais utilizam a estrutura **dar + para + forma nominal infinitivo**. Essas são: **dá para existir, dá para localizar, dá para ignorar, dá para apresentar**. Dessas, uma frase, com infinitivo locativo, foi alterada pelo pesquisador para o presente, conforme proposto no capítulo metodológico.

Encontramos duas linhas de concordância para o verbo estativo locativo, nenhuma linha de concordância para o verbo estativo básico, vinte e cinco linhas para o verbo estativo experiencial no corpus e treze, para o estativo possessivo. Foi a menor recorrência de uso de verbos encontrados nos quatro tipos aspectuais avaliados para esta perífrase, o que revela que há pouca recorrência da sua produção.

Em todos os casos, a perífrase se comporta como modalizadora de possibilidade, podendo ser parafraseada pela forma **é possível**. Conclui-se, como nos exemplos acima, que nas sentenças afirmativas, como também nas ocorrências da perífrase no tempo presente ou no tempo pretérito perfeito, a PV permanecerá estativa. Observe-se o modelo abaixo no presente e no pretérito perfeito:

dar + para + infinitivo estativo = Perífrase estativa (modalizador atenuador)

5.1.1.5

Conclusões parciais sobre a perífrase dar + para + infinitivo

Apresenta-se, a seguir, um quadro resumitivo com os estados-de-coisas da perífrase verbal dar + para + infinitivo.

ESTADO-DE-COISA DA FORMA INFINITIVA	FUNÇÃO DA PERÍFRASE	ESTADO-DE- COISA DA PERÍFRASE
ACIONAL	modalizador de probabilidade	posicional
PROCESSUAL	aspectualizador inceptivo	processual
	modalizador de probabilidade	estativo
POSICIONAL	aspectualizador inceptivo	acional
	modalizador de probabilidade	posicional
ESTATIVO	modalizador de probabilidade	estativo

Título 03: Resultados parciais da perífrase dar + para + infinitivo Quadro 03

Há de destacar algumas observações que não são perceptíveis apenas pela tabela:

01) O quadro-resumo acima se baseia no corpus analisado para este trabalho e nas sentenças apresentadas nesta dissertação. A partir destes dados, conclui-se que a perífrase prossegue com a variável [- mutabilidade] nos casos em que a função da perífrase é de modalizador de probabilidade e altera-se para [+ mutabilidade] nos casos em que a função da perífrase é de aspectualizador inceptivo.

02) Através do corpus, foi possível diferenciar o significado da perífrase para a sua paráfrase. Estabelecemos a diferença entre **dar + para + forma nominal** e sua paráfrase **é possível**, como também, a diferença desta mesma perífrase para sua paráfrase **começar + a + verbo**.

03) Apesar do que foi obtido sobre a função do aspectualizador inceptivo, atestada nos dados das formas nominais posicionais e processuais, consideramos possível que essa interpretação ocorra em outros ambientes, a conferir em pesquisas futuras.

5.1.2

Perífrase **ser + para + forma nominal infinitiva**

Esta seção irá apresentar as combinações semânticas possíveis do predador **ser + para + forma nominal infinitiva**, mostrando, assim, os resultados dessa somatória.

5.1.2.1

Ser + para + acional

Quatro sentenças diferentes foram selecionadas, uma retirada do corpus virtual e três, da plataforma Google; cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO ACIONAL BÁSICO: (CO16) Esta maratona não **é para correr** a pé mas sim de bicicleta, são 500km non stop para ser concluída até 66 horas. (GOOGLE)

INFINITIVO ACIONAL EXPERIENCIAL: (CO17) Essa introdução **é para explicar** por que a coluna de hoje não fala de Santos x Corinthians, nem de Palmeiras x Flamengo.

INFINITIVO ACIONAL POSSESSIVO: (CO18) Bonilha esclarece que contratação de médicos **é para oferecer** “melhor atendimento enquanto estado de estabiliza”.

INFINITIVO ACIONAL LOCATIVO: (CO19) Está escrito no Alcorão que **é para sair** decapitando pessoas e matando gente?

As quatro perífrases verbais utilizam a estrutura **ser + para + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **é para explicar, é para oferecer, é para sair, é para correr**. Nenhuma das frases foi alterada pelo pesquisador.

Conforme descrito no capítulo anterior, a perífrase acima, por meio da preposição **para**, possui a paráfrase **tem como objetivo**. Porém, optou-se por colocá-la dentro do paradigma das estruturas modais, tendo em vista o pressuposto semântico de obrigação recorrente na amostragem coletada. Devido ao caráter indiretivo da cultura brasileira, é recorrente que estruturas perifrásticas desempenhem papéis formais aparentemente diferentes do padrão semântico esperado.

Na sentença com o infinitivo acional básico, o objetivo de a corrida ser feita de bicicleta pressupõe a obrigatoriedade do uso da mesma; na frase com o infinitivo acional possessivo, o objetivo da contratação é a obrigação da melhoria do atendimento nos hospitais; na oração com o infinitivo acional locativo, o objetivo em sair decapitando as pessoas é uma obrigação; porém, na sentença com o infinitivo acional experiencial não há o pressuposto de obrigatoriedade a partir da finalidade de explicar por que a coluna de hoje não fala de Santos. A modalização, portanto, será um elemento recorrente nesta PV nos casos em que o sujeito seja um ser ou entidade instituída de poder. A sentença em que a pressuposição da obrigação é mais clara é a quarta, visto o status atribuído ao livro Alcorão de ordenar, instituir obrigações.

Como em alguns casos da perífrase anterior, a alteração das frases acima para o tempo pretérito perfeito altera o estado-de-coisa da PV. No presente temos a obrigação ou o objetivo de uma ação e, desta forma, como no caso anterior, a PV torna-se posicional, não havendo propriamente ação verbal; contudo, quando alterada a frase para o pretérito perfeito, o objetivo da ação já foi realizado, sendo, portanto, acional. Observemos:

INFINITIVO ACIONAL BÁSICO: (CA16) Esta maratona não **foi para correr** a pé mas sim de bicicleta, são 500km non stop para ser concluída até 66 horas. (GOOGLE)

INFINITIVO ACIONAL EXPERIENCIAL: (CA17) Essa introdução **foi para explicar** por que a coluna de hoje não fala de Santos x Corinthians, nem de Palmeiras x Flamengo.

INFINITIVO ACIONAL POSSESSIVO: (CA18) Bonilha esclarece que contratação de médicos **foi para oferecer** “melhor atendimento enquanto estado de estabiliza” (05/03/15).

INFINITIVO ACIONAL LOCATIVO: (CA19) Está escrito no Alcorão que **foi para sair** decapitando pessoas e matando gente?

Nestes casos hipotéticos, a corrida, a explicação, o oferecimento, e a decapitação ou a morte são ações que já cumpriram seus objetivos e ocorreram, mantendo seu caráter acional.

Resumindo:

ser (presente) + para + infinitivo acional = Perífrase posicional

ser (pretérito perfeito) + para + infinitivo acional = Perífrase acional

5.1.2.2

Ser + para + infinitivo processual

Três sentenças diferentes foram selecionadas e retiradas do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO PROCESSUAL EXPERIENCIAL: (CO20) Além de estar há praticamente cinco anos sem um centavo de reajuste -- faço questão de repetir isto, que **é para acordar** esta Casa --, o servidor público ainda recentemente viu esta Casa aprovar projeto de lei que poderá descontar até 25 % dos seus vencimentos a partir de 1º de maio próximo passado.

INFINITIVO PROCESSUAL POSSESSIVO: (CO21) A base do governo **é para entender** que não é o presidente da República ou os partidos políticos que estão ameaçados por essa crise, mas o Brasil.

INFINITIVO PROCESSUAL LOCATIVO: (CA22) **É para aparecer** a noiva de um lado e ela, do outro.

As três perífrases verbais utilizam a estrutura **ser + para + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **é para acordar**, **é para entender**, **é para aparecer**. A sentença com o infinitivo locativo foi a única alterada pelo pesquisador do pretérito imperfeito para o presente. Não foi encontrado nenhum exemplo do infinitivo processual básico segundo a classificação proposta por Peres (1984: 119).

Nas três sentenças acima, a pressuposição modalizadora de obrigação ocorre. Na sentença com o possessivo, a base do governo tem o objetivo e a obrigação de entender que o Brasil está ameaçado pela crise; na sentença com o locativo, a ausência do sujeito pressupõe a ordem, ou seja, a noiva tem a obrigação de aparecer do lado de uma entidade reconhecida pelo pronome “ela”; por fim, na sentença com o experiencial, o objetivo da repetição era obrigar a Casa a tomar uma postura quanto à situação dos servidores públicos.

Observemos as sentenças transpostas para o pretérito perfeito:

INFINITIVO PROCESSUAL POSSESSIVO: (CA21) A base do governo **foi para entender** que não era o presidente da República ou os partidos políticos que estavam ameaçados por essa crise, mas o Brasil.

INFINITIVO PROCESSUAL LOCATIVO: (CA22) ***Foi para aparecer** a noiva de um lado e ela, do outro.

INFINITIVO PROCESSUAL EXPERIENCIAL: (CA20) Além de estar há praticamente cinco anos sem um centavo de reajuste -- faço questão de repetir isto, que foi **para acordar** esta Casa --, o servidor público ainda recentemente viu esta Casa aprovar projeto de lei que poderá descontar até 25 % dos seus vencimentos a partir de 1º de maio próximo passado .

Da mesma forma que o ocorrido com os infinitivos acionais, com os infinitivos processuais se tem, em todos os casos, a mudança do estado-de-coisa. Com o infinitivo possessivo, a base do governo entendeu que o Brasil estava ameaçado pela crise, ocorrendo a realização do processo, assim como com os infinitivos acionais. Com o infinitivo locativo, a sentença parece não ser possível em português. A hipótese levantada neste caso é que o infinitivo locativo amplia o aspecto perfectivo do verbo que, por sua vez, não combina, no exemplo dado, com o tempo verbal pretérito perfeito. Na sentença experiencial, o ato de **acordar** significa **despertar** a atenção para a falta de reajuste de um determinado setor relacionado ao governo, o que, portanto, pressupõe que a Casa, no momento da fala do falante, já alertou-se para a falta do reajuste.

Dessa forma, conclui-se que:

ser (presente) + para + infinitivo processual. = Perífrase estativa

ser (pretérito perfeito) + para + infinitivo processual. = Perífrase processual

5.1.2.3

Ser + para + infinitivo posicional

Três sentenças diferentes foram selecionadas. Somente a oração com infinitivo posicional possessivo não foi retirada do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO POSICIONAL BÁSICO: (CO23) O governo 'tá aqui **é para sustentar** os preços no momento em que eles não são possíveis de serem sustentados por aqueles que trabalham.”

INFINITIVO POSICIONAL POSSESSIVO: (CO24) Você concorda? Para o brasileiro celular **é para ostentar** e depois utilizar, como atrasados? Não caímos na real? Somos ridículos? (Google)

INFINITIVO POSICIONAL LOCATIVO: (CO25) Quando empregam suas riquezas numa obra educativa, **é para manter** objetivos e formas que não contrariem seus específicos interesses de classe.

As três perífrases verbais utilizam a estrutura **ser + para + forma nominal infinitivo**. Essas são: **é para sustentar, é para ostentar, é para manter**. Não foi encontrado nenhum exemplo do infinitivo posicional experiencial nos dados analisados, o que vai ao encontro da classificação proposta por Peres (1984: 119).

Com o infinitivo posicional básico, o governo tem o objetivo e a obrigação de sustentar os preços. Com o infinitivo posicional possessivo, não se tem necessariamente a ideia de obrigação. Com o infinitivo locativo, a pressuposição da obrigatoriedade é possível devido à ausência do sujeito.

Observemos as sentenças no pretérito perfeito:

INFINITIVO POSICIONAL BÁSICO: (CA23) O governo **foi para sustentar** os preços no momento em que eles não estavam possíveis de serem sustentados por aqueles que trabalhavam.

INFINITIVO POSICIONAL POSSESSIVO: (CA24) Você concorda? Para o brasileiro celular **foi para ostentar** e depois utilizar, éramos atrasados? Não caíamos na real? Éramos ridículos?

(Google)

INFINITIVO POSICIONAL LOCATIVO: (CA25) Quando empregaram suas riquezas numa obra educativa, **foi para manter** objetivos e formas que não contrariaram seus específicos interesses de classe.

Nos três casos acima, a mudança do verbo auxiliar para o pretérito perfeito não alterou o aspecto das PV, mantendo-se as estruturas como posicionais, da mesma forma como ocorre com o tempo verbal no presente.

Portanto:

ser (presente) + para + infinitivo posicional = Perífrase posicional

ser (pretérito perfeito) + para + infinitivo posicional = Perífrase posicional

5.1.2.4

Ser + para + infinitivo estativo

Três sentenças diferentes foram selecionadas. Somente a oração com infinitivo posicional básico foi retirada do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO ESTATIVO BÁSICO: (CO26) Disse certo filósofo: «**Se é para existir** governo sem imprensa, é melhor que exista imprensa sem governo» .

INFINITIVO ESTATIVO LOCATIVO: (CO27) Acredito que, se o serviço **é para localizar** um telefone perdido, não deverá depender de eu estar com o telefone em mãos para responder a tal mensagem de SMS, ou esperar que alguém o faça.

INFINITIVO ESTATIVO EXPERIENCIAL: (CO28) Violência doméstica: um anúncio que não **é para ignorar**.

INFINITIVO ESTATIVO POSSESSIVO: (CO29) A rádio comunitária, assim como a própria TV comunitária, **são para apresentar** programação local.

As quatro perífrases verbais utilizam a estrutura **ser + para + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **é para existir, é para localizar, é para ignorar, é para apresentar**.

Em todas as sentenças, a modalização de obrigação é possível. Com o infinitivo básico, se há a obrigação de existir governo sem imprensa, que a imprensa seja sem governo; com o infinitivo locativo, acredita-se que o serviço tem a obrigação de localizar um telefone perdido. Com o infinitivo experiencial, um anúncio sobre violência não deve ser ignorado. Com o infinitivo possessivo, temos a obrigação de se ter uma programação local.

Vejamos as frases no pretérito perfeito:

INFINITIVO ESTATIVO BÁSICO: (CA28) Disse certo filósofo: «Se **era para existir** governo sem imprensa, era melhor que existisse imprensa sem governo» .

INFINITIVO ESTATIVO LOCATIVO: (CA29) Acredito que, se o serviço **era para localizar** um telefone perdido, não deveria depender de eu estar com o telefone em mãos para responder a tal mensagem de SMS, ou esperar que alguém o faça.

INFINITIVO ESTATIVO EXPERIENCIAL: (CA30) Violência doméstica: um anúncio que não **era para ignorar**.

INFINITIVO ESTATIVO POSSESSIVO: **(CO29)** A rádio comunitária, assim como a própria TV comunitária, **foram para apresentar** programação local.

Nas quatro sentenças, novamente o tempo verbal no pretérito perfeito impõe a realização do estado no passado, contudo, não ocorre a mudança aspectual, por este já ser estativo.

Assim sendo:

ser (presente ou pretérito perfeito) + para + infinitivo estativo. = Perífrase estativa.

5.1.2.5

Conclusões parciais da perífrase ser + para + infinitivo

Apresenta-se, a seguir, um quadro resumitivo com os estados-de-coisas da perífrase verbal SER + PARA + INFINITIVO.

ESTADO-DE-COISA DA FORMA INFINITIVA	TEMPO VERBAL DO VERBO AUXILIAR	ESTADO-DE-COISA DA PERÍFRASE
ACIONAL	presente	posicional
	pretérito perfeito	acional
PROCESSUAL	presente	estativo
	pretérito perfeito	processual
POSICIONAL	presente	posicional
	pretérito perfeito	posicional
ESTATIVO	presente e pretérito perfeito	estativo

Título 04: “Resultados parciais da perífrase ser + para + infinitivo” Quadro 04

Há de destacar algumas observações que não são perceptíveis apenas pelo quadro:

01) Com o verbo auxiliar **ser** em uma PV, a alteração do tempo verbal foi capaz de alterar o aspecto da PV nos casos em que a forma nominal se encontrava nos estados-de-coisas acional e processual.

02) Muitas vezes, entretanto, dependendo do molde predicativo, a ideia de obrigação não ocorre na perífrase verbal, como também, em alguns casos, não é possível a transposição da sentença para o pretérito perfeito, diferenciando-as do padrão exposto na tabela acima. Em nossos dados, os infinitivos processuais foram os que apresentaram maiores exceções.

5.2

Perífrases aspectualizadoras

A partir dos conceitos explorados sobre as perífrases aspectualizadoras no capítulo 03, analisaremos a seguir as perífrases constituídas pelos verbos auxiliares **passar** e **deixar** seguidas respectivamente pelas preposições **por** e **de** e uma forma nominal infinitiva.

5.2.1

Perífrase **passar + a + forma nominal infinitiva**

Esta seção irá apresentar as combinações semânticas possíveis do predador **passar + a + forma nominal infinitiva**, mostrando, assim, os resultados dessa somatória.

5.2.1.1

Passar + a + infinitivo acional

Quatro sentenças diferentes foram selecionadas: três retiradas do corpus virtual e uma, da plataforma Google. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO ACIONAL BÁSICO: (CO31) As senhoras que esfregavam a bunda nas garrafas **passaram a pular** numa deliciosa «tarantela»

INFINITIVO ACIONAL EXPERIENCIAL: (CA32) O ex-prefeito **passa a explicar** para alguns eleitores a importância do consumo do alho para a saúde.

INFINITIVO ACIONAL POSSESSIVO: (CO33) Lore **passa a receber** mensagens vindas da associação comentando suas decisões e explicando as providências que os engenheiros queriam ver implantadas.

INFINITIVO ACIONAL LOCATIVO: (CA34) As notícias internacionais **passam a sair** no final do primeiro caderno, ganhando mais visibilidade.

As quatro perífrases verbais utilizam a estrutura **passar + a + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **passaram a pular, passa a explicar, passa a receber, passam a sair**. Dessas quatro frases, duas, respectivamente com infinitivo acional experiencial e locativo, foram alteradas pelo pesquisador para o presente. As demais já estavam neste tempo.

Em todos os casos, o aspecto inceptivo predomina nas orações; entretanto, destaca-se que a paráfrase com **começar a** não é totalmente correspondente. A perífrase **começar + a + forma nominal** foca no início de uma nova ação, enquanto a locução verbal a qual se analisa vai além deste foco inicial, compreendendo também os estágios subsequentes. Demonstra-se abaixo esta explicação por meio da exemplificação da sentença infinitiva acional experiencial:

INFINITIVO ACIONAL EXPERIENCIAL: (CA32) O ex-prefeito **começa a explicar** para alguns eleitores a importância do consumo do alho para a saúde.

INFINITIVO ACIONAL EXPERIENCIAL: (CO32) O ex-prefeito **passa a explicar** para alguns eleitores a importância do consumo do alho para a saúde.

Na sentença CA32, o foco está restrito ao início da explicação. Pensa-se, portanto, nas palavras iniciais proferidas pelo prefeito, enquanto na sentença CO32 tem-se a explicação como uma nova ação que adquire, junto ao aspecto inceptivo,

um valor durativo. Em CO32 imaginam-se não só as primeiras palavras da explicação, mas toda a parte inicial deste discurso. Este caráter está relacionado ao empréstimo semântico do verbo **passar** com sua ideia de percurso a ser seguido, o que, por sua vez, comprova o caráter funcional da língua em produzir combinações linguísticas diversas com diferentes significados, mesmo que sutis.

Boa parte das sentenças, neste caso, apareceu no pretérito perfeito. A explicação para este fenômeno reflete a flutuação semântica do verbo auxiliar na estrutura novamente. Para que a ideia de percurso seja produzida, é preciso que: (a) a ação esteja no passado, para que se possa falar do percurso; (b) a ação esteja no presente, para mostrar uma rotina diária do falante; (c) a ação esteja no futuro, para organizar um caminho a ser percorrido. Dos três casos expostos, o mais comum é o da letra (a). Há de destacar que a opção (c) entra em concorrência com a opção (b): em português brasileiro, o presente pode expressar uma ideia de futuro.

No que tange aos estados-de-coisas das sentenças, elas permanecem sendo acionais:

passar + a + infinitivo acional = Perífrase acional

5.2.1.2

Passar + a + infinitivo processual

Quatro sentenças diferentes foram selecionadas do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO PROCESSUAL BÁSICO: (CA35) Como chamar essa pessoa que, filha de escrava, **passa a nascer** livre?

INFINITIVO PROCESSUAL EXPERIENCIAL: (CO36) Os alunos **passam a ouvir** termos como razão e regularidade e a enfrentar diferentes desafios, como problemas em que se deve calcular o valor de x.

INFINITIVO PROCESSUAL POSSESSIVO: (CA37) O Supremo **passa a entender** que a vítima poderia, diretamente, apresentar queixa.

INFINITIVO PROCESSUAL LOCATIVO: (CA38) Muitos personagens de tiras de jornais e de desenhos animados **passam a aparecer** em revistas, como o Pato Donald e Mickey, de Walt Disney.

Os quatro exemplos acima utilizam a estrutura **passar + a + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **passa a nascer, passa a entender, passam a aparecer, passam a ouvir**. Dessas quatro frases, três foram alteradas pelo pesquisador para o presente; a de infinitivo processual básico estava no futuro do pretérito e as demais no pretérito perfeito, o que reforça a hipótese sobre a predominância do tempo verbal no passado.

A locução verbal tem não só o aspecto inceptivo, como também, o percursivo, proporcionando, assim, a ideia de duratividade - para verbos imperfectivos - ou iteratividade - para verbos perfectivos. Com o intuito de tornar esta reflexão aspectual mais clara, observemos um exemplo do infinitivo processual locativo:

INFINITIVO PROCESSUAL LOCATIVO: (CO38) Muitos personagens de tiras de jornais e de desenhos animados **passam a aparecer** em revistas, como o Pato Donald e Mickey, de Walt Disney.

Se o falante disser que: **Muitos personagens de tiras de jornais e de desenhos animados começaram a aparecer em revistas, como o Pato Donald e Mickey, de Walt Disney**, o aspecto desta perífrase é unicamente inceptivo, focando no início do aparecimento dos personagens da Disney. Contudo, ao se utilizar a perífrase **passar a aparecer**, além desta ideia de inceptividade, temos uma ideia de percurso, vinculada pela semântica do verbo **passar**, que atribui ao infinitivo este caráter percursivo. Por sua vez, o caráter percursivo atribui à forma nominal ora a ideia de duratividade, caso esta forma seja imperfectiva, ora a ideia de iteratividade, caso esta forma seja perfectiva. Na sentença acima, além do aspecto de inceptividade, temos a noção iterativa da ação, isto é, a partir de um instante, os personagens da Disney começaram a aparecer várias vezes em revistas.

No que tange aos estados-de-coisas das sentenças, elas continuam com a ideia da forma nominal processual.

Portanto:

passar + a + infinitivo processual. = Perífrase processual

5.2.1.3

Passar + a + infinitivo posicional

Quatro sentenças diferentes foram selecionadas do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO POSICIONAL BÁSICO: (CO39) Eles **passam a sustentar** a tese de que você participa, ou seja, eles afirmam que você participa.

INFINITIVO POSICIONAL EXPERIENCIAL: (CA41) Eu **passo a ostentar** um frio distanciamento, uma falsa fleuma diante dos colegas americanos, tentando imitar o jeito do meu ídolo.

INFINITIVO POSICIONAL POSSESSIVO: (CA42) Conforme Portaria do Senhor Ministro da Educação, de nº 484, datada de 30 de Março de 19 94, a Sociedade Educacional São Paulo Apóstolo **passa a manter** também a Faculdade da Cidade, até então mantida pela Sociedade Educacional da Cidade.

INFINITIVO POSICIONAL LOCATIVO: (CO40) Paralelamente, aumenta-se a capacidade de troca catiônica (CTC) do meio, ou seja, os nutrientes catiônicos, Ca, Mg e K, anteriormente transportados juntamente com a água das chuvas, **passam a permanecer** disponíveis para as raízes, em quantidades maiores e por mais tempo .

Os quatro exemplos acima utilizam a estrutura **dar + para + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **passam a sustentar, passam a ostentar, passa a manter, passam a permanecer**. Dessas três frases, duas, a de infinitivo

posicional possessivo e a de experiencial, foram alteradas pelo pesquisador para o presente; ambas estavam no pretérito perfeito do indicativo.

A paráfrase possível para estes casos equivale às anteriores e reflete novamente o caráter aspectual inceptivo mais a noção percursora, atribuindo um valor ora durativo, no caso dos verbos imperfectivos, ora iterativo, no caso dos verbos perfectivos.

Entretanto, neste caso, o aspecto das perífrases verbais se altera. O verbo passar, com a sua ideia de percurso, atribui à perífrase o traço semântico [+mutabilidade], ou seja, quando um verbo tem a propriedade inceptiva, pressupõe-se que antes desta ação havia um estágio de uma não ação ou de uma outra ação diferente daquela que se inicia. Por meio dos dados selecionados para esta pesquisa, pode-se esclarecer esta mudança da ação verbal.

POSICIONAL POSSESSIVO: (CA42) Conforme Portaria do Senhor Ministro da Educação, de n ° 484, datada de 30 de Março de 19 94, a Sociedade Educacional São Paulo Apóstolo **passa a manter** também a Faculdade da Cidade, até então mantida pela Sociedade Educacional da Cidade.

Com a utilização da estrutura **passa a manter** tem-se um estágio em que não se mantinha a faculdade da cidade para um novo estágio em que se mantém, ocorrendo a mudança da ação verbal, independentemente da forma nominal selecionada. Isto posto, a forma nominal que antes era posicional, dentro da perífrase, torna-se acional, visto que a agentividade continua, mas agora, com a ideia de mudança.

Temos então:

passar + a + infinitivo posicional. = Perífrase acional

5.2.1.4

Passar + a + infinitivo estativo

Quatro sentenças diferentes foram selecionadas do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO ESTATIVO BÁSICO: (CA43) **Passam a existir** os Colegiados Departamentais responsáveis pela administração do Departamento bem como pelos planos de trabalho dos professores quanto ao ensino, pesquisa e extensão.

INFINITIVO ESTATIVO EXPERIENCIAL: (CO44) E automaticamente, **passa a saber** qual o limite do adversário.

INFINITIVO ESTATIVO LOCATIVO: (CA45) No pós-guerra, a realidade tornou-se mais complexa: o desenvolvimento do capitalismo afastou-se cada vez mais da fase concorrencial e penetrou na fase monopolista do grande capital; a urbanização acentuou-se e megalópoles começaram a se constituir; o espaço agrário sofreu as modificações estruturais comandadas pela Revolução Verde, em função da industrialização e da mecanização das atividades agrícolas em várias partes do mundo; as realidades locais **passam a estar** articuladas em uma rede de escala mundial.

INFINITIVO ESTATIVO POSSESSIVO: (CA46) O curso **passa a apresentar** uma maior coerência no conjunto de disciplinas, «Atividades de Pesquisa». Com a desativação da arca de concentração em Psicologia Escolar, o curso apresenta, momentaneamente, certas dificuldades na coerência de suas atividades de pesquisa, de vez que ainda existem alunos e uns poucos professores da área extinta.

Quatro perífrases verbais utilizam a estrutura **passar + a + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **passam a existir, passa a saber, passa a estar, passa a apresentar**. Com exceção daquela com infinitivo estativo experiencial que já estava no pretérito perfeito, os outros exemplos foram alterados pelo pesquisador para o presente. Vale acrescentar a preferência pelo tempo pretérito para as estruturas com este tipo de perífrase, já que este tempo revela uma possibilidade de percurso mais completa para o verbo no infinitivo, ou seja, quando a forma auxiliar está no pretérito perfeito, a ação tem o aspecto inceptivo no passado, mas

o seu valor percursivo e a sua noção durativa ou iterativa percorrem o tempo presente ou se estendem até o futuro, a depender do contexto frasal.

Neste caso, o aspecto se altera da mesma forma que acontece com as formas nominais posicionais. As formas nominais estativas são as perífrases processuais que não apresentam uma agentividade, mas que, por outro lado, demarcam uma mudança na ação. Essas formas, entretanto, quando expostas a perífrases iniciadas pelo verbo **passar**, alteram o seu estado-de-coisa para o processual, transformando a sua variável de [- mutabilidade] para [+ mutabilidade]. Portanto:

passar + a + infinitivo **estativo**. = Perífrase **processual**

5.2.1.5

Conclusões parciais sobre a perífrase **passar + a + infinitivo**

Apresenta-se, a seguir, um quadro resumitivo da perífrase verbal PASSAR + A + INFINITIVO:

ESTADO-DE-COISA DA FORMA INFINITIVA	FUNÇÃO DA PERÍFRASE	ESTADO-DE- COISA DA PERÍFRASE
ACIONAL	aspectualizador inceptivo com noção percursiva e valor durativo ou iterativo.	acional
PROCESSUAL	aspectualizador inceptivo com noção percursiva e valor durativo ou iterativo.	processual
POSICIONAL	aspectualizador inceptivo com noção percursiva e valor durativo ou iterativo.	acional

ESTADO-DE-COISA DA FORMA INFINITIVA	FUNÇÃO DA PERÍFRASE	ESTADO-DE- COISA DA PERÍFRASE
ESTATIVO	aspectualizador inceptivo com noção percursiva e valor durativo ou iterativo.	processual

Título 05: “Resultados parciais da perífrase passar + a + infinitivo” Quadro 05

Há de destacar algumas observações que não são perceptíveis apenas pela tabela:

01) Neste caso, houve uma predominância do tempo verbal no pretérito perfeito; esta preferência está relacionada à semântica do verbo auxiliar.

02) Ainda relacionado à flutuação semântica do verbo auxiliar, o caráter inceptivo não basta para a explicação deste tipo de perífrase, sendo, portanto, necessário acrescentar outros valores a este aspecto, como a noção percursiva e o valor durativo ou iterativo.

5.2.2

Perífrase deixar + de + forma nominal infinitiva

Esta seção apresenta as combinações semânticas possíveis do predador **deixar + de + forma nominal infinitiva**, mostrando, assim, os resultados dessa somatória.

5.2.2.1

Deixar + de + infinitivo acional

As sentenças selecionadas foram retiradas do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO ACIONAL BÁSICO: (CO47) A ex-equipe de Castro Neves, a Hogan, **deixa de correr** na Indy.

INFINITIVO ACIONAL EXPERIENCIAL: (CA48) Não **deixa de explicar** algumas passagens da conversa tornada pública.

INFINITIVO ACIONAL POSSESSIVO: (CA49) Essa substância isola eletricamente o coração, que **deixa de receber** estímulos do cérebro e pára de bater.

INFINITIVO ACIONAL LOCATIVO: (CA50) Não **deixo de sair** para jantar com os meus amigos.

As quatro perífrases verbais utilizam a estrutura **deixar + de + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **deixa de correr, deixa de explicar, deixa de receber, deixo de sair**. Dessas quatro frases, apenas a primeira não foi alterada pelo pesquisador para o presente; as demais já se encontravam no pretérito perfeito.

Conforme se observa no capítulo três, a perífrase com o verbo **deixar + de + forma nominal** pode expressar ora a paráfrase de abandono, ora a paráfrase de cessação, ora a paráfrase de não acontecimento da ação. Na primeira, o verbo precisa ter o traço aspectual perfectivo; na segunda, é necessário o traço aspectual imperfectivo; na última, além do traço perfectivo, a oração deve estar no pretérito. Neste caso, analisamos separadamente as frases alteradas pelo pesquisador para o presente e aquelas na versão original nos tempos do passado, para observarmos a diferença significativa entre as respectivas estruturas.

A sentença com a forma nominal acional experiencial deve ser analisada separadamente das outras. Segundo Almeida (1980), quando esta perífrase é empregada no imperativo, ela adquire um valor modal de obrigação; dessa forma, a paráfrase para **Não deixa de explicar** é **Explique**. A negação, como pontuado pelo autor, reafirma a obrigatoriedade da ação estabelecida pela forma nominal. Nos casos em que a perífrase não vem antecedita pelo sujeito, é comum esta sentença ser entendida como uma construção imperativa. Entretanto, neste caso, o

verbo auxiliar não está na forma imperativa gramatical (deixe). Este fenômeno contemporâneo tem sido recorrente da língua portuguesa – a substituição das formas subjuntivas e imperativas pela indicativa, conforme nos pontua Scherre (2004):

Sob a ótica da linguística, o falante nativo não costuma errar, ou seja, não costuma produzir construções que não sejam intuitivamente possíveis, salvo exceções, quanto sob forte pressão psicológica. Mas os fatos apresentados sobre o imperativo evidenciam que, se tomarmos a gramática normativa como referência, seremos obrigados a dizer que os cerca de 110 milhões dos falantes das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste estão errando ao usar o imperativo na forma associada ao modo indicativo em aproximadamente 90 por cento das vezes. Mais importante ainda, para os objetivos do presente texto, é que não existe sentimento de erro no uso do imperativo no discurso do próprio falante e nem julgamento de erro no discurso do outro, seja qual for a forma usada. Mesmo com o ensino sistemático da regra de formação do imperativo, não se observa mudança óbvia de comportamento dos falantes. Para os falantes dessas três regiões, no que diz respeito aos enunciados imperativos, é quase impossível seguir a regra da gramática (SCHERRE, 2004: 224)

Nas sentenças do infinitivo acional possessivo e do infinitivo acional básico tem-se a ideia de cessação da ação, por causa do caráter aspectual imperfectivo da forma nominal. Na sentença com o acional locativo, a negação destaca o inverso da cessação, ou seja, a continuação da ação verbal produzida na forma nominal.

Observem-se agora as sentenças sem a alteração do pesquisador:

INFINITIVO ACIONAL EXPERIENCIAL: (CO48) Não deixou de explicar algumas passagens da conversa tornada pública.

Ao se utilizar a sentença referente ao infinitivo acional experiencial no pretérito perfeito, a oração perde o seu significado imperativo colocado pelo presente do indicativo, como apresentou acima, vista a desinência de número-pessoa do verbo. No pretérito perfeito, a perífrase pode ser parafraseada pela ideia de cessação, já que **explicar** é um verbo que possui um valor imperfectivo.

INFINITIVO ACIONAL POSSESSIVO: (CO49) Essa substância isola eletricamente o coração, que **deixou de receber** estímulos do cérebro e pára⁵ de bater.

INFINITIVO ACIONAL LOCATIVO: (CO50) Não **deixei de sair** para jantar com os meus amigos.

Com o infinitivo acional possessivo, a ideia de cessação prossegue devido ao aspecto imperfectivo da forma finita de **receber**. Porém, caso o infinitivo acional locativo não esteja precedido pela negação, a sua ideia será de abandono. Enquanto em **deixar de receber** há um estágio anterior em que o coração recebia estímulos e um estágio posterior em que ele parou de recebê-los, com a perífrase **deixar de sair** não se pode afirmar que há um estágio anterior em que ele saía.

Esta hipótese influenciará diretamente no aspecto dessa perífrase. Quando, portanto, a forma nominal expressar um valor aspectual imperfectivo, há uma mudança de estado. Quando a forma nominal expressar um valor aspectual perfectivo, não haverá necessariamente uma mudança de estado.

Dessa forma, conclui-se que:

deixar + de + infinitivo acional (aspecto perfectivo) = Perífrase posicional

deixar + de + infinitivo acional (aspecto imperfectivo) = Perífrase acional

5.2.2.2

Deixar + de + infinitivo processual

Todas as sentenças selecionadas foram retiradas do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO PROCESSUAL BÁSICO: (CO51) Na avaliação do técnico em pesquisa científica e tecnológica do Ideme, Carlos Gonçalo de Oliveira, quando

⁵ Em todos os casos em que exemplos de corpus possuíam palavras grafadas de acordo a regra ortográfica anterior ao decreto n 6.583 de 29 de setembro de 2008, como o exemplo em questão, será mantida a grafia original.

há redução na taxa de fecundidade, mais crianças **deixam de nascer** e as que existem tornam a média de idade maior.

INFINITIVO PROCESSUAL EXPERIENCIAL: (CO52) Às vezes, por causa dos cortes rápidos entre uma cena e outra, parte do público **deixa de entender** as piadas.

INFINITIVO PROCESSUAL LOCATIVO: (CO53) O Gol só **deixa de aparecer** em primeiro lugar no sonho de duas categorias.

As três perífrases verbais utilizam a estrutura **deixar + de + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **deixam de nascer, deixa de entender, deixa de aparecer**. Não foi encontrado nenhum exemplo do infinitivo processual possessivo nos dados analisados, o que vai ao encontro da classificação proposta por Peres (1984: 119).

Nas sentenças com o infinitivo acional básico e o locativo, o significado ideal para a perífrase é o de abandono. Tanto o verbo **nascer** quanto **aparecer** são perfectivos, ou seja, nestas perífrases as crianças não nascem e o gol não aparece no sonho, não havendo um estágio anterior à ação da forma nominal. No caso do infinitivo possessivo, o verbo **entender** é imperfectivo e a paráfrase para a sentença é a cessação do entendimento, havendo um estágio anterior em que as piadas eram entendidas pelo público.

Dessa forma, assim como no caso anterior, o caráter [+ mudança de estado] irá variar de acordo com o aspecto instituído à forma nominal, influenciando, portanto, o estado-de-coisa da perífrase verbal. Nos casos em que o infinitivo é perfectivo, não ocorre uma mudança, já nos casos em que o infinitivo é imperfectivo existe um estágio anterior diferente ao novo estágio.

Portanto:

deixar + de + infinitivo processual (aspecto perfectivo) = Perífrase estativa

deixar + de + infinitivo processual (aspecto imperfectivo) = Perífrase processual

5.2.2.3

Deixar + de + infinitivo posicional

Três sentenças diferentes foram retiradas do corpus virtual. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO POSICIONAL BÁSICO: (CA54) (Desde) o lançamento do real O BC **deixa de sustentar** o dólar, que caiu até R\$ 0,83 uma espécie de « piso » para as cotações.

INFINITIVO POSICIONAL POSSESSIVO: (CO55) Com isso, o empregado **deixa de ostentar** essa condição, passando à situação de autônomo.

INFINITIVO POSICIONAL LOCATIVO: (CA56) A questão que se coloca então é: os benefícios da lei podem ser cassados, uma vez que o Estado **deixa de manter**, por ter sido federalizada, Universidade própria?

Três perífrases verbais utilizam a estrutura **deixar + de + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **deixa de sustentar, deixa de ostentar, deixa de manter**. As formas do infinitivo posicional básico e locativo que foram alteradas pelo pesquisador para o presente estavam no pretérito perfeito. Não foi encontrado nenhum exemplo do infinitivo posicional experiencial nos dados analisados, o que vai ao encontro da classificação proposta por Peres (1984: 119).

Todas as sentenças selecionadas para esta análise possuem um aspecto imperfeito para a forma nominal; assim sendo, nestes dados, a paráfrase para a perífrase **deixar + de + infinitivo posicional** será de cessação.

Como nesta amostra, todos apresentaram o aspecto imperfeito, logo o estado-de-coisa da perífrase será processual. Entretanto, não excluimos a possibilidade de existirem verbos perfectivos, indicando os casos em que a perífrase continua sendo posicional. Com base nos nossos dados, podemos afirmar apenas que estes não foram encontrados.

Portanto:

deixar + de + infinitivo posicional (aspecto perfectivo) = Paráfrase posicional

deixar + de + infinitivo posicional (aspecto imperfeito) = Perífrase processual

5.2.2.4

Deixar + de + infinitivo estativo

Todas as frases selecionadas foram retiradas do corpus. Cada uma dessas sentenças possui uma perífrase verbal que, por sua vez, seleciona um argumento diferente:

INFINITIVO ESTATIVO BÁSICO: (CA57) A concentração de aulas do curso às sextas-feiras e aos sábados **deixa de existir**, em função da distribuição informada no período anterior, a partir do 2 semestre de 1989, conforme se demonstra no horário anexo.

INFINITIVO ESTATIVO EXPERIENCIAL: (CO58) O governo **deixa de ignorar** a campanha pelas diretas, a confronta e propõe diretas para 1988.

INFINITIVO ESTATIVO LOCATIVO: (CA59) Desta forma, podemos classificar os mapas mentais produzidos pelos alunos em: mapas mentais com legibilidade considerável (83 %), em que os alunos representam com mais precisão os objetos dispostos no bairro e utilizam alguns recursos cartográficos, como legenda, título, escala e orientação; e mapas mentais com pouca legibilidade (17 %) , em que os alunos representam alguns pontos referenciais, mas sem a preocupação de que seja condizente com a realidade, pois mesmo tendo um referencial, **deixam de localizar** corretamente os objetos, não fazem uso de legenda e não utilizam uma escala cartográfica...

INFINITIVO ESTATIVO POSSESSIVO: (CO30) Estes pacientes podem necessitar de doses adicionais da vacina; não obstante, pacientes imunocomprometidos podem **deixar de apresentar** uma resposta adequada.

Quatro perífrases verbais utilizam a estrutura **deixar + de + forma nominal infinitivo**, quais sejam: **deixa de existir**, **deixa de ignorar**, **deixam de localizar**, **deixar de apresentar**. As formas do infinitivo posicional básico e

locativo, que estavam no pretérito perfeito, foram alteradas pelo pesquisador para o presente.

Os infinitivos estativos básico, possessivo e experiencial são verbos com valor imperfectivo, portanto, sua paráfrase possui ideia de cessação, enquanto o infinitivo locativo tem valor perfectivo, com a ideia de abandono ou de não realização do estado.

A seguir, a sentença do infinitivo estativo básico antes da alteração do pesquisador, no pretérito perfeito:

ESTATIVO BÁSICO: (CO57) A concentração de aulas do curso às sextas-feiras e aos sábados **deixou de existir**, em função da distribuição informada no período anterior, a partir do 2 semestre de 1989, conforme se demonstra no horário anexo.

Neste caso, observa-se um abandono da ação que existia anteriormente. A concentração das aulas existia, mas, após o ano de 1989, acabaram. Não há a negação da forma imperfectiva, o que equivaleria ao traço semântico [+ mudança].

INFINITIVO ESTATIVO LOCATIVO: (CO59) Desta forma, podemos classificar os mapas mentais produzidos pelos alunos em: mapas mentais com legibilidade considerável (83 %), em que os alunos representaram com mais precisão os objetos dispostos no bairro e utilizaram alguns recursos cartográficos, como legenda, título, escala e orientação; e mapas mentais com pouca legibilidade (17 %) , em que os alunos representaram alguns pontos referenciais, mas sem a preocupação de que fosse condizente com a realidade, pois mesmo tendo um referencial, **deixaram de localizar** corretamente os objetos, não fizeram uso de legenda e não utilizaram uma escala cartográfica...

Nesta sentença, a desinência do pretérito perfeito do verbo auxiliar junto ao aspecto perfectivo da forma nominal **localizar** atribui à perífrase verbal a ideia da não realização do infinitivo, o que, por sua vez, implica o traço [- mudança].

Conclui-se desta diferenciação que o tempo verbal pretérito perfeito e o presente foram suficientes, no grupo de sentenças analisadas, para modificar o

significado da perífrase verbal entre cessação da ação, abandono da ação, e não ocorrência da ação.

A paráfrase dessas locuções interfere diretamente no aspecto destas construções. Assim sendo, as estruturas com infinitivos imperfectivos serão processuais, por marcarem uma alteração entre um estado em que a ação era contínua e um novo estado em que a ação está cessando. Já no caso da estrutura perfectiva, não houve um estado anterior, sendo estativa.

Conclui-se que:

deixar + de + infinitivo estativo (aspecto perfectivo) = Perífrase estativa

deixar + de + infinitivo estativo (aspecto imperfectivo) = Perífrase posicional

5.2.2.5

Conclusões parciais sobre a perífrase deixar + de + infinitivo

Apresenta-se, a seguir, um quadro resumitivo da perífrase verbal DEIXAR + DE + INFINITIVO.

ESTADO DE COISA DA FORMA INFINITIVA	ASPECTO DA PERÍFRASE	ESTADO DE COISA DA PERÍFRASE
ACIONAL	perfectivo	posicional
	imperfectivo	acional
PROCESSUAL	perfectivo	estativo
	imperfectivo	processual
POSICIONAL	perfectivo	posicional
	imperfectivo	processual
ESTATIVO	perfectivo	estativo
	imperfectivo	processual

Título: “Resultados parciais da perífrase deixar + de + infinitivo” Quadro 06

Há de destacar algumas observações que não são perceptíveis apenas pela tabela:

01) A determinação do aspecto da perífrase não vai variar unicamente de acordo com a posição entre o caráter perfectivo e o caráter imperfectivo do infinitivo. Neste trabalho, destacamos as formas contrastivas entre o tempo presente e o pretérito perfeito do indicativo; entretanto, um verbo que aparenta ser “perfectivo” pode tornar-se imperfectivo caso ocorra no pretérito imperfecto. Como exemplo:

(CC7) A chuva **deixou de cair** ontem.

(CC8) A chuva **deixava de cair** no Nordeste, como vinha ocorrendo no mês de Outubro.

Em ambas as sentenças produzidas pelo pesquisador, há o verbo **cair** que, na forma infinitiva, atribui uma potencialidade significativa para o aspecto perfectivo. Na sentença (CC7) temos a desinência do pretérito perfeito no verbo auxiliar, desinência esta que reitera o valor perfectivo atribuído ao verbo **cair**. Contudo, na sentença (CC8), a desinência do verbo auxiliar designa o pretérito imperfecto, atribuindo ao verbo **cair** um aspecto imperfectivo. Dessa forma, na primeira sentença, a ação de chover não ocorreu, enquanto na segunda sentença, a ação de chover ocorreu em um passado mais distante e, em um passado próximo, ela está cessando. Concluimos que na primeira sentença temos uma perífrase estativa e na segunda, uma perífrase processual.

02) Nestes dados, percebeu-se que as desinências do pretérito perfeito e do presente foram fortes o suficiente para alterar a aspectualidade do verbo no infinitivo.

5.3

Considerações para a adequação dessa proposta descritiva ao ensino de Português como Segunda Língua.

Esclarecemos na introdução que o objetivo desta dissertação não se tratava de apresentar alguma proposta didática sobre os usos de perífrases verbais modais e aspectuais destinada a estudantes de português. Entretanto, é de fundamental importância que ao final desta análise descritiva, que se destina aos acadêmicos e futuros professores de português para segunda língua, apresentemos um panorama pedagógico sobre quatro pontos que consideramos essenciais para um aluno avançado em processo de proficiência na língua portuguesa, quais sejam: (a) a importância do uso da perífrase verbal frente às outras estruturas possíveis; (b) a importância de significados que uma mesma perífrase pode apresentar; (c) a importância aspectual na interpretação de uma perífrase e (d) a importância da alteração verbal no sentido de uma perífrase. Para demonstrarmos este conjunto de elementos considerados fundamentais ao aluno estrangeiro, revisitaremos alguns exemplos já apresentados neste capítulo, procurando reanalisá-los em uma linguagem mais didática e menos teórica.

(a) A importância do uso da perífrase verbal frente às outras estruturas possíveis

Não basta ensinar ao aluno estrangeiro a perífrase verbal, identificando-a por meio de paráfrases consideradas mais usuais ou de fácil acesso; é indispensável que o aprendiz entenda a importância dessa estrutura no conjunto da língua. Para isso, analisaremos novamente a perífrase modal **dar + para + forma nominal infinitiva**.

(CA1): “Estou numa cela de 5m por 5m. Não **corro** nem **exercito**”, disse em entrevista à revista.

(CA1): “Estou numa cela de 5m por 5m. **Não é possível correr** nem se exercitar” disse em entrevista à revista.

(CO1): Estou numa cela de 5 m por 5 m. Não **dá para correr** nem **para se exercitar**», disse em entrevista à revista.

Espera-se que neste conjunto de três orações, que vão desde a forma singular do verbo no infinitivo, passando pela paráfrase da perífrase até a própria construção perifrástica, o aluno seja capaz de identificar a particularidade semântica que cada sentença possui. A primeira sentença, com apenas o verbo, possui um caráter assertivo, diferente entre as outras duas, já que não há qualquer tipo de modalização sendo exercida sobre o verbo. Na segunda, a modalização ocorre por meio de uma estrutura oracional “Não é possível”; já na terceira, ocorre por meio de uma estrutura perifrástica extremamente produtiva pelo seu caráter indiretivo, típico da cultura brasileira: **dar + para + infinitivo**. Na terceira sentença, entretanto, a negação transforma esse caráter modalizador atenuador para o seu valor oposto: não é nem possível, não há nem a existência da possibilidade de correr e se exercitar.

(b) A importância de significados que uma mesma perífrase pode possuir

Após compreender a relevância da perífrase verbal, o aluno também deve ser capaz de identificar as diferenças semânticas que uma mesma perífrase verbal pode apresentar, a depender do contexto frasal no qual ela está encaixada. Um bom exemplo que apresentamos neste trabalho é o dos dados retirados da estrutura **dar + para + forma nominal infinitiva processual**.

INFINITIVO PROCESSUAL EXPERIENCIAL: (CO7) A diferença é que **dá para acordar** tranquilamente, ligar a TV e, pela milésima vez, se for o caso, ver este filme de Stanley Donen e Gene Kelly sem tédio ou apatia.

INFINITIVO PROCESSUAL LOCATIVO: (CA8) Essas súbitas águas devem ter irrigado a «ínfima sociedade» dos bichos ocultos nas gretas do jardim, pois **dão para aparecer** grandes lesmas que se puseram a traçar riscos de madrepérola no muro do quintal.

Na sentença com o infinitivo processual experiencial, o aluno deve ser capaz de identificar o valor modalizador atenuador de possibilidade encontrado na perífrase, ou seja, existe uma possibilidade em **acordar tranquilamente, ligar a tv e, pela milésima vez, se for o caso, ver este filme de Stanley Donen e Gene Kelly sem tédio ou apatia**. Entretanto, não se pode afirmar que a mesma estrutura na sentença com o locativo permite esta interpretação. Nesta sentença, a estrutura **dar + para + infinitivo** possui um valor inceptivo inesperado, ou seja, não era esperado que grandes lesmas aparecessem nos jardins. A estrutura frasal que se inicia com uma oração explicativa para o fenômeno que será expresso por meio da perífrase já indica uma diferença sintática entre a sentença processual experiencial para a processual locativa. É essa perspicácia interpretativa que o professor deve treinar o aluno a perceber na leitura de sentenças como essas, expondo-o ao maior número possível de frases com essas estruturas.

(c) a importância aspectual na interpretação de uma perífrase

O valor aspectual é fundamental para o entendimento verbal na língua portuguesa, a iniciar pela compreensão dos próprios tempos verbais como o clássico oposto entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo. Novamente, esta categoria morfossintática do verbo é imprescindível na diferença semântica de uma estrutura perifrástica. Podemos perceber este fenômeno com a estrutura **deixar + de + forma nominal processual**.

INFINITIVO PROCESSUAL EXPERIENCIAL: (CO52) Às vezes, por causa dos cortes rápidos entre uma cena e outra, parte do público **deixa de entender** as piadas.

INFINITIVO PROCESSUAL LOCATIVO: (CO53) O Gol só **deixa de aparecer** em primeiro lugar no sonho de duas categorias.

A perfectividade e a imperfectividade são aspectos fundamentais para a explicação da diferença semântica entre as duas sentenças. Na sentença (CO52),

temos a forma nominal experiencial **entender** com aspecto imperfectivo, atribuindo assim o valor terminativo de cessação da ação desse verbo auxiliar; já na sentença (CO53), temos a forma nominal locativa **aparecer** com aspecto perfectivo, atribuindo assim a não possibilidade da ação desta forma nominal.

(d) a importância da alteração verbal no sentido de uma perífrase

O último ponto a se destacar neste trabalho é a interferência do tempo verbal no próprio significado da perífrase. Demonstraremos este fenômeno através da estrutura **ser + para + forma nominal acional**.

INFINITIVO ACIONAL BÁSICO: (CA16) Esta maratona não **foi para correr** a pé mas sim de bicicleta, são 500km non stop para ser concluída até 66 horas. (GOOGLE)

INFINITIVO ACIONAL BÁSICO: (CO16) Esta maratona não **é para correr** a pé mas sim de bicicleta, são 500km non stop para ser concluída até 66 horas. (GOOGLE)

A estrutura com o presente do indicativo possui caráter modalizador de obrigatoriedade, ou seja, a perífrase significa que a maratona não deve ser para correr a pé, o uso da bicicleta é indispensável. Entretanto, quando colocada a estrutura no pretérito perfeito, a exigência do uso da bicicleta já se fez e a ação já ocorreu, não sendo mais a sentença uma obrigação a qual se pretenda que ouvínte siga.

A partir dessas quatro características deste trabalho que devem ser traduzidas em uma linguagem didática de forma mais acessível ao aluno estrangeiro, passamos para o último capítulo desta dissertação, onde fazemos um balanço dos objetivos atingidos e das hipóteses levantadas, como também uma revisão das conclusões obtidas até então e das futuras possibilidades de pesquisa em torno deste objeto de estudo.

6 Conclusão

Nesta pesquisa, trabalhamos com os casos de flutuação semântica em perífrases verbais do tipo **verbo + pronome + forma nominal infinitiva** nos tempos verbais presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo. Escolhemos quatro diferentes exemplos com este formato de perífrase, subdivididos em dois grupos: o grupo das perífrases verbais aspectuais, representado pelas estruturas **passar + a + verbo infinitivo** e **deixar + de + verbo infinitivo**; e o grupo que consideramos das perífrases verbais modais, representado pelas estruturas **ser + para + verbo infinitivo** e **dar + para + verbo infinitivo**.

Por meio das descrições morfossemânticas dessas estruturas, descrevemos as alterações sofridas pelos significados dos verbos tomados individualmente em sentenças quando colocados em perífrases verbais. Para tanto, explicamos de que forma a alteração entre os tempos verbais presente e pretérito perfeito do indicativo, como também os aspectos imperfectivo, perfectivo, inceptivo e terminativo influenciaram diretamente a mudança semântica desses verbos. A fim de justificar a importância dessas estruturas comparadas a outras parecidas, ressaltamos as diferenças entre as estruturas **deixar + de + infinitivo** e **acabar + de + infinitivo**; e **passar + a + infinitivo** e **começar + a + infinitivo**.

A hipótese geral levantada na introdução deste trabalho relaciona-se à possível existência de uma alteração semântica pela qual os verbos passam quando unidos a outros por uma preposição. Neste trabalho, apresentamos apenas os resultados da mudança para um contexto específico de perífrase verbal, mas acreditamos que os fenômenos de flutuação semântica também podem ocorrer em outras estruturas, tais como aquelas com verbos suporte. Por meio da análise das estruturas, também comprovamos a hipótese da singularidade semântica de cada perífrase quando comparada com o par considerado seu semelhante.

Por sua vez, os objetivos apresentados na introdução deste trabalho foram atingidos da seguinte maneira: (i) no capítulo 02, por meio de uma revisão da literatura, procuramos descrever os possíveis significados que os verbos assumem

quando empregados neste tipo de perífrase verbal; (ii) no capítulo 03, descrevemos, por meio da análise de dados retirados do Corpus Brasileiro na plataforma Linguatca, quais as alterações aspectuais pelas quais esses verbos passam; limitamos nossa pesquisa apenas às mudanças temporais do presente e do pretérito perfeito do indicativo; (iii) ainda no capítulo 02 e a seguir também no capítulo 03, nos utilizamos de estruturas perifrásticas semelhantes àquelas selecionadas para estabelecer um estudo comparativo, procurando diferenciá-las e, portanto, destacar a importância semântica de cada estrutura na língua portuguesa. (iv) no capítulo 03, ao analisarmos os dados focando na descrição funcionalista de Peres (1984), oferecemos uma análise que demonstra a influência semântica dos argumentos das perífrases por meio dos estados-de-coisas dos verbos.

A seguir, apresentamos um resumo das conquistas realizadas neste trabalho, além de apontarmos futuros estudos que podem derivar desta pesquisa.

No segundo capítulo, diante dos diferentes resultados obtidos por outros pesquisadores sobre o fenômeno da perífrase verbal, optamos por não usar os critérios diacrônicos ou sintáticos para a definição dessa estrutura, mas sim os sintático-semânticos. Concluímos que uma perífrase verbal é formada pela junção semântica entre o verbo auxiliar e o verbo principal, ou seja, o valor morfossemântico dos verbos isolados se altera quando estes são encontrados junto a outros em uma estrutura interligada por uma preposição. A partir de então, decidimos classificar as quatro estruturas perifrásticas as quais analisamos como modais ou aspectuais.

A respeito das perífrases aspectuais, selecionamos duas estruturas: **passar + a + forma nominal infinitiva** e **deixar + de + forma nominal infinitiva**. Sobre a primeira estrutura, concluímos que, quando o verbo principal for preferencialmente imperfectivo, o verbo auxiliar possuirá um papel inceptivo; e que quando o verbo principal for preferencialmente perfectivo, o verbo auxiliar possuirá um papel iterativo.

Além disso, distinguimos essa perífrase daquela considerada semelhante, estabelecida pelo verbo auxiliar **começar**. Estabelecemos que em contextos com verbos principais perfectivos, a proposta de Bertucci (2011) da subeventualidade

de um evento maior com o verbo **começar** e a eventualidade iterativa para o verbo **passar** é confirmada. Entretanto, em cenários com o verbo principal sendo imperfectivo, os casos com o verbo **começar** focam na inceptividade da ação do verbo principal, na alteração de um estado diferente daquele que se iniciou, enquanto com o verbo **passar** foca-se no estágio inicial até a sua primeira alteração. Concluimos que este fenômeno é possível, já que a elasticidade comum ao verbo **passar**, que semanticamente isolado refere-se a itinerário ou ao percurso, interfere em sua construção perifrástica, não focando exclusivamente no início da ação, como ocorre com a estrutura com o verbo **acabar**. Esse fato se percebe revendo o exemplo apresentado no capítulo 02:

(CO57) : Mas, desde outubro, a onda especulativa se esgotou e os preços **passaram a cair** violentamente.

(CO62) : Em alguns casos, o casal desfez sua relação e os filhos **passaram a morar** com a mãe ou com avós.

No primeiro exemplo, com o verbo perfectivo **cair**, a perífrase ganha o caráter iterativo de eventos homogêneos que começaram a ocorrer, enquanto na segunda oração, com o verbo imperfectivo **morar**, o foco não está necessariamente no início da ação de morar, mas no percurso entre o início desta ação até a estabilidade dos filhos na nova casa.

A segunda estrutura que usamos como exemplo de perífrases aspectuais é **deixar + de + forma nominal infinitiva**. Para esta estrutura, identificamos dois diferentes contextos semânticos: em contextos com verbos principais perfectivos, a ideia da perífrase é de abandono e negação da ação, enquanto em contextos com verbos principais imperfectivos, a ideia da perífrase é de finalização da ação do verbo principal. Revisando o exemplo pontuado pelo autor Almeida (1980), temos:

“Ontem deixei de trabalhar = isto é, não trabalhei (verbo principal perfectivo)

Ontem deixei de trabalhar às 6hs = isto é, parei de trabalhar (advérbio temporal que indica a finalização de um verbo principal encarado neste exemplo como imperfeito).” (ALMEIDA, 1980: 95)

A respeito das perífrases modais, selecionamos duas estruturas que normalmente não eram interpretadas como exemplos de estruturas modais; são elas: **dar + para + forma nominal no infinitivo** e **ser + para + forma nominal no infinitivo**.

Conclui-se que a modalização da estrutura **dar + para + forma nominal no infinitivo** percorre um continuum que se inicia na ideia de probabilidade ou possibilidade de um acontecimento, passando pela ideia de obrigação ou necessidade, até a realização da própria ação do verbo principal diante de um sujeito com característica [+ animado]. Observe-se o exemplo abaixo:

(CO11): Quando eu digo que esse pessoal dos Jardins vive no mundo da lua... Uma casa na rua Polônia agora deu para ostentar um cartaz que diz assim: «Família muda vende».

O sujeito elíptico da oração **O pessoal dos Jardins que mora numa casa na rua Polônia** possui um traço [+ animado], o que gera o papel aspectualizador inceptivo da perífrase em análise, podendo ser parafraseado por **começou inesperadamente a ostentar**.

A modalização da estrutura **ser + para + forma nominal no infinitivo** também estabelece um continuum que se inicia na ideia modal de obrigação até a ideia de finalidade estabelecida pela preposição **para** ligada à ação principal, como no exemplo:

(CO17): Esta maratona não é **para correr** a pé mas sim de bicicleta, são 500km non stop para ser concluída até 66 horas (GOOGLE)

Nesta sentença, o objetivo da maratona é que ela seja corrida a pé, tendo, como pressuposto indireto, a obrigação da não utilização de bicicleta nas corridas.

No terceiro capítulo, analisamos individualmente cada uma das estruturas, com o foco sobre a forma nominal. A respeito da estrutura perifrástica **dar + para + infinitivo**, percebemos que esta perífrase desempenha duas funções semânticas diferentes: (a) como aspectualizadora inceptiva, quando apresenta um sujeito [+ativo] e vem seguida de uma oração causal; (b) como modalizadora de possibilidade que, quando empregada em sentenças negativas, estabelece uma ideia de atenuação da negação da ação, cumprindo o caráter cultural da indiretividade comum aos brasileiros, conforme podemos perceber na diferença entre as frases no exemplo abaixo:

(CA1): “Estou numa cela de 5m por 5m. Não corro nem exercito” disse em entrevista à revista.

(CA1): “Estou numa cela de 5m por 5m. Não é possível correr nem exercitar” disse em entrevista à revista.

(CO1): "Estou numa cela de 5 m por 5 m.. Não **dá para correr** nem para se exercita", disse em entrevista à revista.

Estes exemplos foram retirados do terceiro capítulo desta dissertação onde podemos conferir a atenuação da forma nominal **correr** e **exercitar** na última sentença (CO1) derivada da perífrase verbal modal de possibilidade com o verbo **dar + para + forma infinitiva**.

Com a estrutura **ser + para + forma nominal infinitivo**, identificamos a modalização de obrigatoriedade que vem pressuposta à ideia de finalidade derivada da preposição **para** que une os verbos. Esta modalização de obrigação, tida como eufêmica, visto o fenômeno pragmático da pressuposição, reafirma novamente a característica cultural da indiretividade brasileira. Vale destacar que nesta perífrase a diferença temporal entre o presente e o pretérito perfeito influenciou diretamente o estado-de-coisa da perífrase.

Sobre os exemplos das perífrases aspectuais, identificamos que a estrutura **passar + a + forma nominal infinitivo** possui um aspecto inceptivo com uma noção persuasiva que pode possuir um valor durativo ou iterativo, a depender do aspecto perfectivo ou imperfectivo derivado da forma nominal.

A respeito da estrutura perifrástica **deixar + de + forma nominal infinitivo**, observamos três diferentes paráfrases possíveis: a paráfrase de abandono, quando o verbo principal é perfectivo; a paráfrase de cessação, quando o verbo principal é imperfectivo, e a paráfrase de não acontecimento, quando, além do traço perfectivo, o verbo está no pretérito.

Nesta proposta, apenas analisamos perífrases nos tempos verbais presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo. Acreditamos que a comparação com outros tempos verbais poderá produzir novos resultados que servirão para comprovar como o significado de uma estrutura verbal deve ser compreendido a partir da sua unicidade com um outro verbo ou um outro elemento nominal.

Não consideramos a quantidade de argumentos um dos critérios mais relevantes para a significação das perífrases verbais; cuidamos sim da função semântica desses argumentos para a perífrase verbal, instituindo a classificação dos estados-de-coisas em básico, experiencial, possessivo e locativo. Uma pesquisa futura que venha a comparar a variação na função desses argumentos de acordo com a sua quantidade poderia acrescentar novos resultados a este trabalho.

Nesta pesquisa não enfatizamos o valor semântico das estruturas adverbiais em relação às perífrases verbais. Mas acreditamos que esta característica, assim como um estudo mais detalhado sobre diferentes tempos verbais, poderá apresentar outros significados aqui não pontuados sobre a estrutura verbal.

Esperamos que outras pesquisas como esta, destinadas a alunos mais avançados no aprendizado do português, possam inspirar outros pesquisadores a trabalhar temas relevantes para o PL2E, temas esses que ajudem os profissionais da área a preparar currículos mais adequados a alunos que já falam a língua portuguesa, mas ainda não se sentem preparados para enfrentarem e entenderem situações comunicativas mais elaboradas como aquelas estabelecidas pelas formas analíticas verbais da língua portuguesa, que não se resumem apenas aos casos dos tempos verbais.

Concluimos então este trabalho com a consciência de que trouxemos para o campo de estudo do Português como Segunda Língua um tema que vem sendo

explorado na linguística descritiva há algum tempo, porém sem ter sido ainda analisado sob uma ótica semântico-funcionalista destinada ao falando não nativo.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Ricardo Borges. *E aí? Uma proposta descritiva das expressões formulaicas para português L2 para estrangeiro*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Tese de Doutorado, 2004.

ALMEIDA, J. de. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. Assis-SP: ILHPA - Huctec. 1980

ANDRADE RODRIGUES, Bruno de. *Ser ou Estar: eis a questão! Um estudo descritivo de usos voltado para o português como segunda língua para estrangeiros*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Tese de Doutorado, maio de 2014.

BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda. *A exploração de corpora linguísticos no ensino/aprendizagem do português*. In Seminário internacional do Português como Língua Estrangeira, Macau, pg. 21-24, Maio, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*, 37 edição revista e ampliada, Rio de Janeiro, Editora Lucerna. 1999.

BENVENISTE, Emile. *Structure des relations d'auxiliarité*, pg. 10 Vd. Nota n.96.

BERBER SARDINIHA, T. *Computador, corpus e concordância no ensino do léxico- gramática da língua estrangeira*. In: LEFFA, V. (ED.). *As palavras e sua companhia – o léxico na aprendizagem*. Pelotas: ALAB/ EDUCAT, pg. 45-72, 2000.

_____. *Beginning Portuguese Corpus Linguistics: exploring a corpus to teach Portuguese as a Foreign Language*. D.E.L.T.A., v. 15, n. 2, pg. 289-299, 1999.

BERTUCCI, Roberlei Alves. *Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro*. São Paulo: Tese de Doutorado: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Linguística, 2011.

BERTUCCI, Roberlei Alves. *A auxiliaridade do verbo chegar em português brasileiro*. Curitiba: Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do

Paraná, Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Estudos Linguísticos, 2007.

BIBER, D., Connor, U. & Upton, T. . *Conclusion: Comparing the analytical approaches* In D. Biber, U. Connor & T. Upton (Eds.), *Discourse on the Move: Using Corpus Analysis to Describe Discourse Structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pg. 239–259, 2007.

BRUNOT, Ferdinand. *La pensée et la langue*. 3^{ème}. Ed. Revue, Paris, Masson & Cie., Ed., 1936.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.

DA SILVA, Pablo Barbosa Santana. *Juízos: Kant e Frege*. Rio de Janeiro. Revista do Seminário do Alunos do PPGLM/UFRJ. Disponível on-line em <https://seminarioppglm.files.wordpress.com/2011/02/pablo-silva-resumo1.pdf> DAVEL, Alzira da Penha Costa. *Um estudo sobre o verbo-suporte na construção DAR+SN*. Vitória (ES) IN: Percursos Linguísticos, v.3, n.1, pg. 7-18, 2011.

DIK, Simon C. *Funcional grammar*. Amsterdã: North-Holland Publishing, 1978.

GALICHET, Georges. *Essai de grammaire psychologique*, Paris, 2^{ème}. Ed. P.U.F., pg. 100, 1950.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. 1^a ed. bilíngue. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEECH, Geoffrey N. *Frequency, corpora and language learning* In *A Taste for Corpora: In honour of Sylviane Granger, Meunier, Fanny, Sylvie De Cock, Gaëtanelle Gilquin and Magali Paquot* (ed), 2011.

LEHMANN, Christian. *Gramática Funcional*. IN: Guavira Letras; Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação de Letras/ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Program de Graduação e Pós-Graduação em letras - v.1, n.1 - Três Lagoas, MS, 2005.

MACIEL, Anna Maria Becker. *Novos Horizontes para o ensino do léxico*. PPG Letras- UFRGS: Revista Língua e Literatura: v. 6 e 7, n 10/11, pg. 123- 130, 2004/2005.

MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Ed. Vozes, pg. 92 e sgts, 1970.

MEYER, Rosa Marina de Brito. *A complementação da forma nominalizada de verbal sufixal e a conceituação do complemento nominal*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, PUC-Rio, 1991.

MEYER, Rosa Marina de Brito. *Discurso: Modalização e Adesão*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 1980.

MITRANO-NETO. *A transparência ilocucionária e a marcação pragmática sob perspectiva interlinguística*. São Paulo: Universidade Federal Fluminense. Revista Delta, vol 13, n1, Fevereiro de 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Uma visão geral da gramática funcional*. Alfa: São Paulo, 38: pg. 109-127, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Linguística Funcional: princípios, temas, objetos e conexões*. IN: Guavira Letras; Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação de Letras/ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Program de Graduação e Pós-Graduação em letras - v.1, n.1 - Três Lagoas, MS, 2005.

PETERSON, B. *Cultural Intelligence: A guide to working with people from other cultures*. Yarmouth, USA, London, UK: Intercultural Press, 2004.

PERES, João Andrade. *Elementos para uma gramática Nova*. Portugal: Livraria Almedina, Coimbra, 1984.

PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. *Inacusatividade, Auxiliaridade e Propriedades de Alçamento com Acabar*. IN: Anais dos XXI e XIII Encontros dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística da USP. São Paulo: Paulistana, pg. 124 - 14, 2012.

ROQUETE, J. I. e FONSECA, José da. *Dicionário dos sinônimos, poético e de epítetos, da língua portuguesa*. Porto, Lello & Irmão, pg. 212, 1949.

SANTOS, Diana. *Corpora at Linguatca: Vision and roads taken* IN Tony Berber Sardinha & Telma de Lurdes São Bento Ferreira (eds.), Working with Portuguese Corpora, Bloomsbury, pg. 219-236, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro*. IN: Bagno,

ANEXO 01 - "SUBCLASSES DE PREDICADOS" RETIRADO DE PERES (1984)

	BÁSICOS	EXPERIENCIAIS	POSSESSIVOS	TRANSACCIONAIS	LOCATIVOS	DIRECCIONAIS	
ESTATIVOS	1 $\Phi(x_1)_O$ alto	18 $\Phi(x_1)_E$ emotivo	35	52	69	86	1L
	2 $\Phi(x_1)_O(x_2)_O$ igualar	19 $\Phi(x_1)_E(x_2)_O$ saber	36 $\Phi(x_1)_P(x_2)_O$ apresentar	53	70 $\Phi(x_1)_O(x_2)_L$ estar	87	2L _S
POSICIONAIS	3 $\Phi(x_1)_C$ estudante	20 $\Phi(x_1)_C$ aventureiro	37	54	71	88	1L
	4 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O$ conservar	21 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O$ delicado	38 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O$ ostentar	55	72 $\Phi(x_1)_C(x_2)_L$ permanecer	89	2L _S
	5 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O$ empenhado	22	39	56	73	90	
	6	23	40	57	74 <i>manter</i> $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_L$	91	3L _S
PROCESSUAIS	7 $\Phi(x_1)_O$ nascer	24 $\Phi(x_1)_E$ acordar	41	58	75	92	1L
	8 $\Phi(x_1)_O(x_2)_O$ tornar-se	25 $\Phi(x_1)_E(x_2)_O$ ouvir	42	59 $\Phi(x_1)_O(x_2)_D$ perder	76	93 $\Phi(x_1)_O(x_2)_O$ desaparecer	2L _S
	9	26	43 $\Phi(x_1)_O(x_2)_R$ ganhar	60	77	94 $\Phi(x_1)_O(x_2)_D$ surgir	
	10	27	44	61	78	95 $\Phi(x_1)_O(x_2)_O(x_3)_D$ mover-se	3L _S
ACCIONAIS	11 $\Phi(x_1)_C$ pular	28 $\Phi(x_1)_C$ divagar	45	62	79	96	1L
	12 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O$ abrir	29 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O$ pensar	46	63 $\Phi(x_1)_C(x_2)_D$ desnatar	80	97 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O$ abandonar	2L _S
	13 $\Phi(x_1)_C(x_2)_E$ assustar	30	47 $\Phi(x_1)_C(x_2)_R$ salgar	64	81	98 $\Phi(x_1)_C(x_2)_D$ entrar	
	14 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_O$ transformar	31 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_E$ dizer	48	65	82	99 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_D$ seguir	3L _S
	15 <i>comparar</i> $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_O$ tirar	32	49 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_D$ tirar	66	83	100 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_O$ extrair	
	16	33	50 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_R$ dar	67	84	101 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_D$ atirar	
	17	34	51 $\Phi(x_1)_P(x_2)_O(x_3)_D(x_4)_R$ transferir	68	85	102 $\Phi(x_1)_C(x_2)_O(x_3)_O(x_4)_D$ trazer	

ANEXO 02 - EXEMPLOS COLETADOS DA PLATAFORMA LINGUATECA E
GOOGLE

(CO1) Estou numa cela de 5 m por 5 m. Não **dá para correr** nem para se exercitar», disse em entrevista à revista

(CO2) Algumas coisas simplesmente não **dá para explicar**.

(CO3) Não **dá para receber** o que aconteceu de forma natural, mas estou tentando manter o nível e a classe», afirmou.

(CO4) Como não **deu para sair** do ônibus, os moradores da favela trouxeram comida, salgadinho e bebida», disse Mariana

(CO5): E ainda **deu para sair** quatro gols na partida (2 a 2) .

(CO6) Não **deu pra nascer**... Nascer alguém famoso?

(CO7) A diferença é que **dá para acordar** tranquilamente, ligar a TV e, pela milésima vez, se for o caso, ver este filme de Stanley Donen e Gene Kelly sem tédio ou apatia.

(CA8) Essas súbitas águas devem ter irrigado a «ínfima sociedade» dos bichos ocultos nas gretas do jardim, pois **dão para aparecer** grandes lesmas que se puseram a traçar riscos de madrepérola no muro do quintal.

(CO9) Tem muito mais família aí com um salário mínimo, não **dá pra sustentar** uma família .

(CO10) Quando eu digo que esse pessoal dos Jardins vive no mundo da lua... Uma casa na rua Polônia agora **deu para ostentar** um cartaz que diz assim: «Família muda vende» .

(CO11) Se 25 % da receita de imposto não **deu para manter** dois turnos cada um de quatro horas, obviamente um aumento de 25 % para 30 % não forneceria recursos suficientes para ser atingido esse ideal.

(CO12) Não **dá para ignorar** o fato de apenas duas pessoas estariam recebendo quase US\$ 40 milhões.

(CO13) **Dá para existir** amizade entre homens e mulheres? (Google)

(CO14) Publicitários alegariam que, nas circunstâncias de um comercial de televisão, onde o tempo é de pouco mais de um minuto, não **dá para apresentar** coisas novas .

(CO15) Na questão sobre megalópoles, não **deu para localizar** o que era solicitado», diz.

(CO16) Esta maratona não **é para correr** a pé mas sim de bicicleta, são 500km non stop para ser concluída até 66 horas. (GOOGLE)

(CO17) Essa introdução **é para explicar** por que a coluna de hoje não fala de Santos x Corinthians, nem de Palmeiras x Flamengo

(CO18) Bonilha esclarece que contratação de médicos **é para oferecer** “melhor atendimento enquanto estado de estabiliza”

(CO19) Está escrito no Alcorão que **é para sair** decapitando pessoas e matando gente ?

(CO20) Além de estar há praticamente cinco anos sem um centavo de reajuste -- faço questão de repetir isto, que **é para acordar** esta Casa --, o servidor público ainda recentemente viu esta Casa aprovar projeto de lei que poderá descontar até 25 % dos seus vencimentos a partir de 1º de maio próximo passado .

(CO21) A base do governo **é para entender** que não é o presidente da República ou os partidos políticos que estão ameaçados por essa crise, mas o Brasil.

(CO22) **Era para aparecer** a noiva de um lado e ela, do outro.

(CO23) O governo 'tá aqui **é para sustentar** os preços no momento em que eles não são possíveis de serem sustentados por aqueles que trabalham.”

(CO24) Você concorda? Para o brasileiro celular **é para ostentar** e depois utilizar, como atrasados? Não caímos na real? Somos ridículos? (Google)

(CO25) Quando empregam suas riquezas numa obra educativa, **é para manter** objetivos e formas que não contrariem seus específicos interesses de classe.

(CO26) Disse certo filósofo: «**Se é para existir** governo sem imprensa, é melhor que exista imprensa sem governo» .

(CO27) Acredito que, se o serviço **é para localizar** um telefone perdido, não deverá depender de eu estar com o telefone em mãos para responder a tal mensagem de SMS, ou esperar que alguém o faça.

(CO28) Violência doméstica: um anúncio que não **é para ignorar**.

(CO29) A rádio comunitária, assim como a própria TV comunitária, **são para apresentar** programação local.

(CO30) Estes pacientes podem necessitar de doses adicionais da vacina; não obstante, pacientes imunocomprometidos podem **deixar de apresentar** uma resposta adequada.

(CO31) As senhoras que esfregavam a bunda nas garrafas **passaram a pular** numa deliciosa «tarantela»

(CA32) O ex-prefeito **passa a explicar** para alguns eleitores a importância do consumo do alho para a saúde.

(CO33) Lore **passa a receber** mensagens vindas da associação comentando suas decisões e explicando as providências que os engenheiros queriam ver implantadas

(CA34) As notícias internacionais **passaram a sair** no final do primeiro caderno, ganhando mais visibilidade.

(CA35) Como chamar essa pessoa que, filha de escrava, **passa a nascer** livre ?

(CO36) Os alunos **passam a ouvir** termos como razão e regularidade e a enfrentar diferentes desafios, como problemas em que se deve calcular o valor de x.

(CO37) O Supremo **passou a entender** que a vítima poderia, diretamente, apresentar queixa.

(CO38) Muitos personagens de tiras de jornais e de desenhos animados **passaram a aparecer** em revistas, como o Pato Donald e Mickey, de Walt Disney.

(CO39) Eles **passam a sustentar** a tese de que você participa, ou seja, eles afirmam que você participa.

(CO40) Paralelamente, aumenta-se a capacidade de troca catiônica (CTC) do meio, ou seja, os nutrientes catiônicos, Ca, Mg e K, anteriormente transportados juntamente com a água das chuvas, **passam a permanecer** disponíveis para as raízes, em quantidades maiores e por mais tempo .

(CO41) Eu **passei a ostentar** um frio distanciamento, uma falsa fleuma diante dos colegas americanos, tentando imitar o jeito do meu ídolo.

(CO42) Conforme Portaria do Senhor Ministro da Educação, de nº 484, datada de 30 de Março de 19 94, a Sociedade Educacional São Paulo Apóstolo **passou a**

manter também a Faculdade da Cidade, até então mantida pela Sociedade Educacional da Cidade.

(CA43) **Passam a existir** os Colegiados Departamentais responsáveis pela administração do Departamento bem como pelos planos de trabalho dos professores quanto ao ensino, pesquisa e extensão.

(CO44) E automaticamente, **passa a saber** qual o limite do adversário.

(CO45) No pós-guerra, a realidade tornou-se mais complexa: o desenvolvimento do capitalismo afastou-se cada vez mais da fase concorrencial e penetrou na fase monopolista do grande capital; a urbanização acentuou-se e megalópoles começaram a se constituir; o espaço agrário sofreu as modificações estruturais comandadas pela Revolução Verde, em função da industrialização e da mecanização das atividades agrícolas em várias partes do mundo; as realidades locais **passaram a estar** articuladas em uma rede de escala mundial.

(CO46) O curso **passou a apresentar** uma maior coerência no conjunto de disciplinas, «Atividades de Pesquisa» Com a desativação da arca de concentração em Psicologia Escolar, o curso apresenta, momentaneamente, certas dificuldades na coerência de suas atividades de pesquisa, de vez que ainda existem alunos e uns poucos professores da área extinta.

(CO47) A ex-equipe de Castro Neves, a Hogan, **deixa de correr** na Indy .

(CO48) Não **deixou de explicar** algumas passagens da conversa tornada pública.

(CO49) Essa substância isola eletricamente o coração, que **deixou de receber** estímulos do cérebro e pára de bater.

(CO50) Não **deixei de sair** para jantar com os meus amigos.

(CO51) Na avaliação do técnico em pesquisa científica e tecnológica do Ideme, Carlos Gonçalo de Oliveira, quando há redução na taxa de fecundidade, mais crianças **deixam de nascer** e as que existem tornam a média de idade maior.

(CO52) Às vezes, por causa dos cortes rápidos entre uma cena e outra, parte do público **deixa de entender** as piadas.

(CO53) O Gol só **deixa de aparecer** em primeiro lugar no sonho de duas categorias.

(CO54) (Desde) o lançamento do real O BC **deixou de sustentar** o dólar, que caiu até R\$ 0,83 uma espécie de «piso» para as cotações .

(CO55) Com isso, o empregado **deixa de ostentar** essa condição, passando à situação de autônomo.

(CO56) A questão que se coloca então é: os benefícios da lei podem ser cassados, uma vez que o Estado **deixou de manter**, por ter sido federalizada, Universidade própria ?

(CO57) A concentração de aulas do curso às sextas-feiras e aos sábados **deixou de existir**, em função da distribuição informada no período anterior, a partir do 2 semestre de 1989, conforme se demonstra no horário anexo.

(CO58) O governo **deixou de ignorar** a campanha pelas diretas, a confronto e propõe diretas para 1988.

(CO59) Desta forma, podemos classificar os mapas mentais produzidos pelos alunos em: mapas mentais com legibilidade considerável (83 %), em que os alunos representam com mais precisão os objetos dispostos no bairro e utilizam alguns recursos cartográficos, como legenda, título, escala e orientação; e mapas mentais com pouca legibilidade (17 %) , em que os alunos representam alguns pontos referenciais, mas sem a preocupação de que seja condizente com a

realidade, pois mesmo tendo um referencial, **deixaram de localizar** corretamente os objetos, não fazem uso de legenda e não utilizam uma escala cartográfica ..